

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ASTRID FRANCO BARBOSA

**ALTERNÂNCIA DE FORMAS INDICATIVAS E SUBJUNTIVAS NA FALA DE
VITÓRIA (ES)**

VITÓRIA
2013

ASTRID FRANCO BARBOSA

**ALTERNÂNCIA DE FORMAS INDICATIVAS E SUBJUNTIVAS NA FALA DE
VITÓRIA (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre

VITÓRIA
2013

Posso, tudo Posso Naquele que me fortalece.
Nada e ninguém no mundo vai me fazer
desistir.Quero, tudo quero, sem medo entregar
meus projetos. Deixar-me guiar nos caminhos que
Deus desejou pra mim e ali estar. Vou perseguir
tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim. Vou
persistir, e mesmo nas marcas daquela dor. Do que
ficou, vou me lembrar. E realizar o sonho mais lindo
que Deus sonhou. Em meu lugar estar na espera
de um novo que vai chegar. Vou persistir, continuar
a esperar e crer. E mesmo quando a visão se turva
e o coração só chora. Mas na alma, há certeza da
vitória.

(Padre Fábio de Melo)

À Prof.^a Marta Scherre, pelo amor com o qual ela conduz a sua própria pesquisa e orienta as demais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me mostrado quão forte eu posso ser.

À minha família, pela paciência, compreensão e pelo carinho.

À minha mãe Zita, porto seguro contra todas as dificuldades, ombro amigo sem o qual nada disso seria possível.

Ao meu pai Onesimo, que, por não ter tido a oportunidade de estudar, sempre motivou a mim e ao meu irmão, deixando claro que só estudando podemos modificar a nossa vida.

Ao meu irmão Junior, que com seu amor tem me apoiado ao longo da minha caminhada.

Aos meus primos-irmãos Carla e Carlos, companheiros de longa jornada.

À minha madrinha Gerusa e ao meu padrinho Valter, pelo amor e carinho a mim dispensados.

Aos meus amigos Sheila, Fabio, Fabiana, Meire Elen, Danielle, Simone e Renata, que entenderam minha ausência, por diversas vezes, durante o Mestrado.

À minha orientadora Marta Scherre, pelo seu carinho, pela sua compreensão e paciência. Marta, minha “ouvidora sentimental”, mais do que orientadora, amiga.

À Prof.^a Lilian Yacovenco, pelo carinho e companheirismo durante os estudos.

Aos colegas do curso, com os quais pude partilhar minhas angústias.

A Heitor, Jucilene e Elba, em especial, pelos laços que se formaram a partir do convívio durante o curso.

Às amigas que ganhei nessa jornada, Josane, uma baiana “arretada” que conquistou minha família; Cíntia, Carolina e Caroline, as “candanguinhas” que me receberam de braços abertos em Brasília.

Aos meus colegas de trabalho, que me substituíram e me apoiaram.

Aos meus amigos da graduação, Waterloo, Leonardo, Creuza, Renata, Fernanda, Vanir, Paulo, Simone, Ângela, Mônica, Marta, entre tantos outros, meus companheiros no início dessa caminhada.

Aos professores do PPGEL, que durante as disciplinas me forneceram informações que contribuíram com a execução desta pesquisa.

Todos os verbos

Zélia Ducan

*Errar é útil
Sofrer é chato
Chorar é triste
Sorrir é rápido
Não ver é fácil
Trair é tátil
Olhar é móvel
Falar é mágico
Calar é tático
Desfazer é árduo
Esperar é sábio
Refazer é ótimo
Amar é profundo
E nele sempre cabem de vez
Todos os verbos do mundo
Abraçar é quente
Beijar é chama
Pensar é ser humano
Fantasiar também
Nascer é dar partida
Viver é ser alguém
Saudade é despedida
Morrer um dia vem
Mas amar é profundo
E nele sempre cabem de vez
Todos os verbos do mundo*

RESUMO

Este trabalho, fundamentado na perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, estuda três tipos de alternância na fala dos moradores de Vitória (ES): i) alternância de modo; ii) alternância de tempo e modo; e iii) alternância de tempo. Entre as três alternâncias aqui apresentadas, analisamos mais especificamente a alternância de modo: indicativo x subjuntivo. Buscou-se entender quais fatores influenciam a alternância dessas formas, bem como verificar em que contextos essa variação é mais recorrente. Tivemos três variáveis linguísticas e uma social selecionadas pelo programa utilizado na análise dos dados, o GOLDVARB X, que são: verbo da matriz, assertividade, tempo verbal da oração matriz e escolaridade. No intuito de verificar o alinhamento da cidade de Vitória no uso da forma indicativa e da subjuntiva, comparamos nossos resultados aos encontrados por Rocha (1997), Rio de Janeiro/Brasília; Carvalho (2007), Cariri; e Oliveira (2007), João Pessoa. Quanto à alternância tempo e modo, presente do indicativo x futuro do subjuntivo, faz-se necessário o aprofundamento da análise com uma delimitação mais específica dos grupos de fatores, o que deve ser feito posteriormente. Tivemos uma variável selecionada: tipo de oração. A alternância de modo, pretérito imperfeito do subjuntivo x futuro do subjuntivo, não ocorre na matriz, como esperávamos, mas na encaixada. Daremos continuidade a essa análise em um estudo posterior.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Alternância Indicativo/ Subjuntivo. Fala capixaba.

ABSTRACT

This work, based on Variationist Sociolinguistics theoretical perspective, studies three types of alternation in the speech of inhabitants of Vitoria (ES): i) mode alternation; ii) time and mode alternation; iii) time alternation. Among the three types of alternation presented here, we studied more specifically the first one, the mode alternation, by the way, that is the alternation between subjunctive and indicative forms. We tried to understand which factors can influence the use of the indicative form instead of the subjunctive form, besides to verify in which context this alternation occurs more frequently. Three linguistic variables and one social were identified, by the program GOLDVARB that we have used to analyze the data, as the most significant in terms of probability which are: the matrix verb, assertiveness, verb tense of matrix sentence, and education level. In order to check the alignment of Vitoria in the alternation of indicative and subjunctive forms, we compared our results to those found by Rocha (1997), from Rio de Janeiro/Brasília; Carvalho (2007), from Cariri; and Oliveira (2007), from João Pessoa. With respect to the alternation of time and mode, indicative present x subjunctive future, it is necessary to deepen the analysis working as a much more restricted groups of factors, what should be done later. There was a selected linguistic variable, type of sentence, as the most statistically relevant. And the last alternation is of mode between imperfect subjunctive x subjunctive future that doesn't occur on the main clause, as we thought, but in the complement clause. We will keep on this analysis in a future study.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Alternation Indicative/Subjunctive. Capixaba speech.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Carga semântica do verbo da oração matriz (adaptação de ROCHA, 1997, p.68).....	44
TABELA 02 – Estrutura de assertividade da oração matriz (adaptação de ROCHA, 1997, p.83).....	47
TABELA 03 – Atuação do tipo de verbo da oração matriz no uso do subjuntivo em orações substantivas (adaptação de CARVALHO, 2007, p.91)	52
TABELA 04 – Atuação da estrutura de assertividade da oração no uso do subjuntivo (adaptação de CARVALHO, 2007, p.98).....	54
TABELA 05 – Atuação da modalidade no uso do subjuntivo em orações substantivas no presente (adaptação de CARVALHO, 2007, p.106).....	54
TABELA 06 – Uso do subjuntivo de acordo com a carga semântica do verbo da oração matriz (adaptação de OLIVEIRA, 2007, p.71).....	57
TABELA 07 – Uso do subjuntivo de acordo com a semântica do verbo da matriz após amalgamação (adaptação de OLIVEIRA, 2007, p.75).....	59
TABELA 08 – Uso do subjuntivo em contexto de polaridade negativa/afirmativa (adaptação de OLIVEIRA, 2007, p.93).....	64
TABELA 09 – Cruzamento do tipo semântico do verbo da matriz com assertividade da oração matriz com dados da Paraíba (adaptação de OLIVEIRA, 2007, p. 95).....	65
TABELA 10 – Uso do subjuntivo na encaixada em função do verbo da matriz.....	71
TABELA 11 – Uso do subjuntivo em função do grau de assertividade.....	102
TABELA 12 – Uso do subjuntivo em função do grau de assertividade e do verbo da matriz.....	105
TABELA 13 – Uso do subjuntivo em função do tempo verbal da matriz.....	112
TABELA 14 – Cruzamento do verbo da matriz com o tempo verbal da matriz.....	114
TABELA 15 – Uso do modo subjuntivo em função do grau de escolaridade.....	115
TABELA 16 – Comparação da frequência relativa de uso do subjuntivo em função da carga semântica do verbo da matriz nos trabalhos de ROCHA (1997), CARVALHO (2007), OLIVEIRA (2007) e BARBOSA (2011).....	117
TABELA 17 – Comparação de uso do subjuntivo em função do grau de assertividade da oração nos trabalhos de ROCHA (1997), CARVALHO (2007), OLIVEIRA (2007) e BARBOSA (2011).....	122
TABELA 18 – Atuação do nível de escolaridade no uso da forma subjuntiva (adaptação de CARVALHO, 2007, p. 128).....	127

TABELA 19 – Uso do futuro do subjuntivo em função do tipo de oração.....	135
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

118

GRÁFICO 1 – Comparação da frequência de uso dos verbos cujo campo semântico favorece a ocorrência do subjuntivo.....

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Quadro classificatório das células do PORTVIX	39
QUADRO 2 – Distribuição dos falantes nas células codificadas de acordo com a faixa etária, sexo e grau de escolaridade.....	40
QUADRO 3 – As correlações temporais do modo indicativo entre a oração principal e a encaixada adaptado de NEVES (2000, p.791).....	131

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
1.1 OBJETIVOS.....	26
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
2.1 OS ESTUDOS PIONEIROS DE LABOV	28
2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	30
2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E OS FENÔMENOS DE NATUREZA SINTÁTICA.....	33
3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA.....	37
3.1 O <i>CORPUS</i>	37
3.2 O TRATAMENTO DOS DADOS.....	41
4 RESULTADOS COMPARATIVOS DAS PESQUISAS REALIZADAS SOBRE A ALTERNÂNCIA DE MODO: SUDESTE (VITÓRIA), SUDESTE/CENTRO-OESTE (RIO DE JANEIRO/BRASÍLIA), NORDESTE (CARIRI E JOÃO PESSOA).....	42
4.1 A ALTERNÂNCIA INDICATIVO/SUBJUNTIVO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM PORTUGUÊS – ROCHA (1997): DADOS DA REGIÃO SUDESTE E CENTRO-OESTE.....	42
4.2 A ALTERNÂNCIA INDICATIVO/SUBJUNTIVO NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS EM FUNÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS PRESENTE E PRETÉRITO IMPERFEITO NA LÍNGUA FALADA DO CARIRI – CARVALHO (2007): DADOS DA REGIÃO NORDESTE.....	50
4.3 O USO DO MODO VERBAL EM ESTRUTURAS DE COMPLEMENTAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL – OLIVEIRA (2007): DADOS DA REGIÃO NORDESTE.....	55
5 RESULTADOS DA ALTERNÂNCIA DE MODO EM NOSSA PESQUISA: OS DADOS DO PORTVIX – REGIÃO SUDESTE.....	68
5.1 CARGA SEMÂNTICA DO VERBO DA ORAÇÃO MATRIZ.....	69
5.1.1 Campo de expectativa de uso da forma subjuntiva na encaixada.....	73
5.1.1.1 Verbo <i>Querer</i>	73
5.1.1.2 Verbos <i>Pedir, Mandar, Exigir, Determinar, Esperar, Aceitar, Concordar, Permitir, Preferir, Pretender, Precisar, Ter Medo</i>	76

5.1.1.3 Modalizador <i>talvez e provavelmente</i>	83
5.1.1.4 Verbo <i>Gostar</i>	86
5.1.2 Campo de expectativa de alternância entre as formas indicativa e subjuntiva	89
5.1.2.1 Verbos <i>Supor, Pensar, Imaginar, Parecer, Importar, Considerar, Duvidar, Ser Válido, Ser Possível, Ser Impossível, Ser Bom, Ser Lógico</i>	89
5.1.2.2 Verbos <i>Crer e Acreditar</i>	91
5.1.2.3 Verbo <i>Achar</i>	94
5.1.3 Campo de expectativa de uso da forma indicativa na encaixada	97
5.1.3.1 Verbos <i>Falar, Dizer, Comentar</i>	98
5.1.3.2 Verbos <i>Descobrir, Perceber, Saber</i>	100
5.2 GRAU DE ASSERTIVIDADE.....	102
5.2.1 Negação na matriz	103
5.2.2 Negação na encaixada	106
5.2.3 Afirmação na matriz e na encaixada	109
5.2.4 Interrogativa	110
5.3 TEMPO VERBAL DA MATRIZ.....	112
5.4 GRAU DE ESCOLARIDADE.....	115
5.5 COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS DAS PESQUISAS.....	116
5.5.1 Carga semântica do verbo da matriz	116
5.5.1.1 Verbos na-factivos volitivos (querer, esperar, desejar); não-factivos não-volitivos (pedir, deixar, temer, ser necessário); e factivos emotivos ou avaliativos (gostar, concordar).....	118
5.5.1.2 Verbos indiferentes-opinião e suposição (imaginar, pensar, acreditar, crer, considerar), indiferente de suposição (parecer) e indiferente de opinião (achar).....	120
5.5.1.3 Verbo factivo não-emotivo não-avaliativo (saber), verbos indiferentes performativos (falar, dizer) e o condicional (ser certo).....	121
5.5.2 Grau de Assertividade	122
5.5.2.1 Negação na matriz.....	122
5.5.2.2 Negação na matriz e na encaixada.....	123
5.5.2.3. Afirmativa.....	124
5.5.2.4 Afirmação na matriz com negação na encaixada.....	125
5.5.2.5 Interrogativa.....	125
5.5.3 Nível de Escolaridade	126

6. RESULTADOS INICIAIS DA ALTERNÂNCIA DE TEMPO E MODO E DA DE MODO EM NOSSA PESQUISA: DADOS DO PORTVIX – REGIÃO SEUDESTE.....	129
6.1 ALTERNÂNCIA DE TEMPO E MODO: PRESENTE DO INDICATIVO X FUTURO DO SUBJUNTIVO.....	129
6.1.1 Resultados.....	135
6.1.1.1 Variáveis Sociais.....	134
6.1.1.2 Variáveis Linguísticas.....	135
6.2 ALTERNÂNCIA DE TEMPO.....	137
6.2.1 Resultados.....	140
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
8 REFERÊNCIAS.....	148
ANEXO 1 GRUPOS DE FATORES.....	153
ANEXO 2 RODADA DE MODO.....	157
ANEXO 3 RODADA DE TEMPO E MODO.....	190

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos, que estão efetivamente consolidados, propagaram-se pelo Brasil a partir da década de 1970. No Espírito Santo, no entanto, eles são mais recentes. Ainda estamos dando os primeiros passos e produzindo os primeiros trabalhos dentro desta área de pesquisa. O Projeto PORTVIX – Português Falado na Cidade de Vitória – desenvolvido pela Prof^a. Dr^a. Lilian Yacovenco na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) é o marco que fomenta o desenrolar dos trabalhos e desperta o interesse pelas pesquisas sociolinguísticas.

No universo de alternâncias abarcado pela sociolinguística, destacamos o modo verbal como uma área que vem despertando o interesse de diversos pesquisadores, haja vista a produção acadêmica a qual temos consultado ao longo do nosso estudo, como podemos constatar em Rocha (1997), Neta (2000), Fagundes (2007), Carvalho (2007), Oliveira (2007), entre outros. Não é somente a sociolinguística variacionista que tem se debruçado sobre o estudo do modo verbal. Há também trabalhos em outras áreas de pesquisa, como Pimpão (1999), que discute a variação *subjuntivo vs indicativo* sob a perspectiva discursivo-pragmática, Vieira (2007), sob a perspectiva funcionalista, e Gonçalves (2003), que assume uma visão cognitivista. Em todos os estudos pesquisados, temos um ponto de convergência: o que rege a gramática descritiva e o uso do modo verbal em determinada comunidade de fala.

A gramática descritiva (doravante GD), geralmente, relaciona o uso do modo verbal somente à atitude do falante: certeza ou incerteza. Logo, caso o falante considere a ação como algo feito, verossímil, o modo utilizado é o indicativo; caso a atitude do falante em relação ao que fala seja de dúvida, o modo utilizado é o subjuntivo, conforme podemos observar em Bechara (2003, p.221)

Os modos dos verbos – São conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

- a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais;
- b) SUBJUNTIVO – em referências a fatos incertos (...)

Uma outra visão, ancorada em aspectos sintáticos, é a de Cunha (1989), segundo o qual o indicativo é o modo da oração principal, enquanto o subjuntivo, o modo da subordinada. O indicativo, ainda segundo Cunha (1985), pode ser usado

nas orações subordinadas caso estas complementem “o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (no sentido afirmativo), *dizer, pensar, ver, verificar*”. Já o subjuntivo

é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à idéia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar* e *suplicar*. (p. 443)

Perini (2009), ao refletir sobre tempo, aspecto e modo, suscita a discussão sobre algumas definições quanto ao modo verbal. O autor afirma que

a oposição de modo (em especial a oposição indicativo/subjuntivo) tende, em português, a se tornar puramente formal. Na maioria dos casos, a oposição morfológica entre indicativo e subjuntivo é governada por traços semanticamente não motivados dos verbos (e de alguns outros itens, como *talvez*); os casos em que se pode ver um efeito semântico imputável ao modo são excepcionais e tendem a desaparecer na língua moderna. (p.257)

Podemos, portanto, inferir, segundo Perini (2009), que o modo verbal na encaixada por si só não rege seu uso. Há por trás desse uso uma sistematicidade que ultrapassa os limites do verbo, pois elementos que circundam esse verbo, como, a carga semântica do verbo da matriz ou a presença de um advérbio, geralmente, são determinantes na seleção do modo, demonstrando uma visão similar à de Cunha (1989). Perini (2009) também discorda da associação do uso à atitude de certeza ou incerteza do falante, conforme podemos perceber nos exemplos abaixo:

- (1) Desconfio que Selma *fuma* cachimbo.
- (2) Admito que Selma *fume* cachimbo.
- (3) Tenho certeza que Selma *fuma* cachimbo.
- (4) É trágico que Selma *fume* cachimbo.

Segundo Perini, em (1) e (2) encontramos “uma certeza condicionada”. É difícil afirmarmos que uma frase expressa mais certeza do que a outra. Já em (3) e (4), na primeira frase, a certeza é afirmada com convicção e, na segunda, há a pressuposição de certeza, “mas em ambas ela está presente.” Independentemente do grau de certeza, “novamente, uma tem subordinada no indicativo e a outra tem subordinada no subjuntivo.”

Perini dá continuidade à sua discussão observando o uso do indicativo e do subjuntivo quando há negação verbal, como podemos observar em (5), (6a) e (6b) a seguir:

- (5) Eu creio que Selma *fuma* cachimbo.
- (6) a. Eu não creio que Selma *fuma* cachimbo.
b. Eu não creio que Selma *fume* cachimbo.

Há verbos que exprimem dúvida que requerem o modo subjuntivo, há também verbos que exprimem certeza que pedem o modo indicativo. No entanto, a negação do verbo pode alterar a forma verbal a ser utilizada sem comprometimento da proposição.

Portanto, Perini acredita que “é mais indicado atribuir as diferenças de “certeza” à própria semântica do verbo principal (*afirmar, querer, duvidar*) do que ao modo do verbo subordinado.”, demonstrando, mais uma vez, concordância com Cunha (1989). Logo, assumimos que não é o falante que imprime certeza ou incerteza à proposição, definindo o modo verbal, mas, sim, a semântica do verbo da matriz que desempenha um papel fundamental na seleção do modo verbal.

Inserida na complexidade do uso do modo verbal, sob o olhar da teoria variacionista laboviana, que considera a língua em seu uso efetivo, esta pesquisa tem como objetivo descrever, analisar e discutir a alternância modo-temporal, no caso:

- i. Alternância de modo: indicativo x subjuntivo (“quero que você CANTE” x “Eu quero que ele ESTUDA”);
- ii. Alternância modo-temporal: presente do indicativo x futuro do subjuntivo (“se meu irmão FAZ alguma coisa ela ameaça” x “se eu ESTUDAR na hora eu fico nervosa”); e
- iii. Alternância de tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo x futuro do subjuntivo (“se você QUISESSE sair dessa igreja...seus pais aceitariam numa boa ou não?” x “se você CASAR e MORAR com seus pais daria certo”).

Objetiva ainda somar-se, no que se refere à alternância de modo, aos estudos de Rocha (1997), Carvalho (2007) e Oliveira (2007) produzidos nas regiões Sudeste/Centro-Oeste e Nordeste.

Apesar das diversas prescrições encontradas nas gramáticas normativas, as quais, segundo Bechara (2000, p.52), recomendam “como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos”, a comunidade de fala suplanta os muros gramaticais, imprimindo o modo indicativo em contextos do subjuntivo e vice versa. Em Vitória, percebemos o uso rompendo a carga determinística do certo ou duvidoso, em função do verbo da oração matriz ou principal, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (7) “Eu quero que ele ESTUDA.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)
- (8) “...quero que você CANTE a música do Roberto Carlos” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (9) “...eu queria que a Rose SAÍA da escola...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (10) “...eu queria que você FIZESSE alguma coisa em casa...” (homem, + de 49 anos, ensino universitário)
- (11) “...eu tava esperando um menino ele num quis que eu FICASSE lá...” (mulher, + de 49 anos, ensino fundamental)
- (12) “Quer que eu EXPLICO como começou?” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)
- (13) “...quer que eu FALE cada um deles?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

Verificamos nesses exemplos que o verbo da matriz é o verbo *querer*, classificado, semanticamente, como um verbo volitivo, que expressa desejo. Já se sabe que esse verbo tende a influenciar prototipicamente o modo do verbo da encaixada, levando-o para o subjuntivo. Isso é perfeitamente observado nos exemplos (8), (10), (11) e (13). Já nos exemplos (7), (9) e (12), com o mesmo verbo *querer* na matriz, verificamos a variação com o uso do indicativo que analisaremos nessa pesquisa. Vale ressaltar que os exemplos foram retirados do PORTVIX, exceto o (9), que foi colhido em observações anônimas.

Percebemos na fala dos moradores de Vitória a alternância de modo *Indicativo x Subjuntivo* e verificamos não haver no Espírito Santo estudos que abordem essa variação. Isso nos motivou a estudar a fala capixaba e despertou o

interesse de desenvolver uma pesquisa sistematizada, de cunho científico, que tem como eixo teórico norteador a Teoria da Variação e da Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, 1968/2006), a fim de analisar este processo variável e verificar se há também processo de mudança linguística.

Ao iniciarmos a análise dos dados, observamos que se fazia necessário ampliarmos o recorte da pesquisa, haja vista que não era somente a alternância de *modo* que estava presente, mas, também, a alternância de tempo e modo *Presente do Indicativo x Futuro do Subjuntivo*. Esta alternância é percebida em orações subordinadas adverbiais condicionais, introduzidas pela conjunção *se*, e temporais, introduzidas pela conjunção *quando*, exemplificadas a seguir:

- (14) “... se meu irmão FAZ alguma coisa ela ameaça em bater nele e ele obedece ... (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (15) “...se eu ESTUDAR na hora eu fico nervosa e esqueço tudo...”
(mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (16) “...então nesse sentido...realmente...é muito ruim...muito ruim...porque...o dele...é só um hormônio de crescimento...é...é um medicamento vital pro crescimento dele!...é...quando ele FICA sem...eu ...eu compro...mas...eu posso comprar e muitas outras pessoas não podem...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)
- (17) “...e quando você ACHAR que tá bom...aí você desliga...”
(mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Em (14) e (15), temos duas orações subordinadas adverbiais condicionais introduzidas pela conjunção *se*. Ambas as orações apresentam o verbo da oração matriz no presente do indicativo, já as orações subordinadas apresentam, respectivamente, verbo no presente do indicativo e futuro do subjuntivo. De acordo com Castilho (2010, pp. 375-376), o uso do presente do indicativo ou do futuro do subjuntivo na condicional encerra uma relação semântica diferenciada em relação à matriz. Castilho divide as orações condicionais em três tipos semânticos. A nós, a princípio, interessa-nos somente duas, que vemos a seguir:

1. Condicional real ou factual: o enunciado da prótase é concebido como real, e em decorrência disso o enunciado da apódose é tido como uma consequência necessária, igualmente real. Essas condicionais remetem para o

mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [se+indicativo/indicativo], (...)

2. Condicionais eventuais ou potenciais: a prótase é eventual, e a apódose confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. As condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente possível: Grynier (1990). O esquema habitual é [se+subjuntivo/indicativo], (...) (Castilho, 2010, p. 375-376)

Em nossos exemplos, (14) e (15), percebemos que é possível relacionar tanto o exemplo (14) quanto o exemplo (15) com as definições das condicionais acima explicitadas, embora em (14) tenhamos o presente do indicativo e em (15) o futuro do subjuntivo. Em ambos os exemplos podemos depreender que o enunciado da encaixada é real – *se meu irmão faz alguma coisa/se eu estudar na hora* – e o enunciado da matriz estabelece com o da encaixada uma relação consecutiva – *ela ameaça em bater nele/eu fico nervosa*, bem como percebemos que, satisfeita a condição da encaixada, a matriz confirma a hipótese veiculada na encaixada. Logo, deduzimos que há variação entre as duas formas e não a distinção de significado obrigatória estabelecida por Castilho (2010).

Quanto às orações temporais, Neves (2000, pp.791-792) afirma que há correspondência entre o tempo verbal da matriz e da encaixada. Entre todas as relações temporais apresentadas por Neves, destacamos, por ora, apenas três, as quais ocorrem em nossos dados: [*quando*+presente do indicativo/presente do indicativo], “que licencia a indicação de **habitualidade**”, [*quando*+futuro do subjuntivo/futuro do presente] ou [*quando*+futuro do subjuntivo/presente], que resultam “em expressão de **eventualidade**”.

Em (16), “...*quando ele FICA sem...eu...eu compro...*”, o presente do indicativo é o tempo verbal tanto da encaixada quanto da matriz, respectivamente, *fica* e *compro*, logo, emerge a noção de habitualidade. No entanto, há a possibilidade de depreendermos, a partir do contexto, também, uma noção de eventualidade, afinal ela só compra quando falta. Isto pode ser corroborado com a alternância do presente do indicativo com o futuro do subjuntivo: “...*quando ele FICAR sem...eu...eu compro...*”. Em (17), encontramos a correlação futuro do subjuntivo com o presente do indicativo, indicando a noção de eventualidade, que, conforme o exemplo (16), podemos alternar com a noção de habitualidade: “...*e quando você ACHA que tá bom...aí você desliga..*”.

Outra alternância que também identificamos na fala dos moradores de Vitória é a alternância de tempo *Pretérito Imperfeito do Subjuntivo x Futuro do Subjuntivo*, conforme exemplos abaixo:

- (18) “...se eu FOSSE modificar o meu comportamento na escola...eu modificaria a minha conversa...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (19) “...porque...aí você teria que deixar os dois sozinhos e...não ter uma certa invasão de privacidade...ou se você OLHAR lá pelo lado da segurança você teria que ter...invasão de privacidade...situação muito chata...” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

Observamos que a alternância de tempo, acima exposta, ocorre em orações subordinadas adverbiais condicionais introduzidas pela conjunção *se*. Este tipo de oração exprime, segundo Bechara (2003, p.498), “um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará”. Ainda de acordo com Bechara, a relação estabelecida entre a oração principal e a subordinada requer na oração principal o futuro do pretérito e, na encaixada, o pretérito imperfeito do subjuntivo.

No exemplo (18), a condição é perfeitamente satisfeita: temos *fosse* na oração subordinada e *modificaria*, na principal. No entanto, em (19) há variação: na oração subordinada temos o verbo *olhar* no futuro do subjuntivo, enquanto na subordinada novamente há a presença do futuro do pretérito com a forma verbal *teria*. Logo, a alternância de tempo também está presente na fala dos moradores de Vitória.

Das três variáveis dependentes identificadas em nossa pesquisa, vamos nos aprofundar somente na análise do primeiro fenômeno, a alternância de modo – indicativo x subjuntivo, haja vista que o tempo para concluirmos a pesquisa não nos permite detalhar também os outros dois fenômenos – a alternância modo-temporal e a de tempo.

A partir da determinação das três variáveis dependentes, buscamos identificar as variáveis independentes que podem influenciar o uso pelo falante de uma ou de outra forma. As variáveis independentes foram divididas em dois grupos: linguísticos e sociais.

As variáveis linguísticas estão divididas da seguinte forma: carga semântica do verbo da matriz/verbo da oração matriz, assertividade, tempo verbal da matriz, tempo verbal da encaixada, tipo de oração, pessoa do verbo da matriz, pessoa do verbo da encaixada e modalizador.

As variáveis sociais são: grau de escolaridade (fundamental, médio, universitário), gênero (masculino, feminino), faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, mais de 49 anos) e falante (entrevistador, falante). Esses fatores sociais foram definidos em função da amostra analisada, o PORTVIX.

A análise apresentada no trabalho está dividida em duas partes: na primeira, analisamos os dados do PORTVIX, e, para tanto, observamos os verbos da oração matriz, isolando semanticamente os verbos *querer, pedir, mandar, exigir, determinar, esperar, aceitar, concordar, permitir, preferir, pretender, precisar e ter medo*. Também isolamos o modalizador *talvez*, bem como os verbos *supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar, duvidar, ser válido, ser possível, ser impossível, ser bom, ser lógico, crer e acreditar, achar, gostar, falar, dizer, comentar, descobrir, perceber e saber*. Analisamos, ainda, o grau de assertividade na matriz e na encaixada, o tempo verbal e o grau de escolaridade, a fim de, na segunda parte, comparar nossos resultados aos resultados do Rio de Janeiro/Brasília (Sudeste), da região do Cariri e de João Pessoa (Nordeste).

Nossas expectativas se estabelecem, em especial, em relação à alternância *indicativo vs subjuntivo*, conforme abaixo:

- a carga semântica do verbo da matriz favorece o uso do modo verbal da encaixada, porém há fatores, como a negação na matriz e o tempo verbal da matriz, que podem interferir nesse favorecimento, propiciando a alternância;
- a negação na matriz favorece o uso do subjuntivo na encaixada;
- o uso da 1ª pessoa do singular no verbo da matriz favorece o uso do indicativo na encaixada;
- o uso da 3ª pessoa do singular no verbo da matriz favorece o uso do subjuntivo na encaixada;
- os traços *realis, irrealis* ou *potentialis* favorecem um determinado modo/tempo verbal;
- quanto menor a faixa etária, maior o uso do indicativo;
- quanto maior o grau de escolaridade, maior o uso do modo subjuntivo.

A partir da delimitação das variáveis dependentes e independentes e das expectativas que norteiam nosso trabalho, acreditamos que podemos contribuir com as pesquisas que têm sido feitas no intuito de entender o uso do modo verbal em determinadas comunidades de fala, possibilitando corroborar os resultados já encontrados quanto ao comportamento de fatores linguísticos ou extralinguísticos ou, até mesmo, apresentar um resultado que se diferencie de outros, fato que estimula ainda mais a pesquisa.

1.1 Objetivos

Pretendemos com o estudo em questão mapear o uso modo-temporal na cidade de Vitória, a partir da análise das orações subordinadas substantivas, que são o foco de nosso trabalho, bem como das adverbiais, contribuindo com os estudos variacionistas do português brasileiro.

São também objetivos do atual estudo:

- i) identificar se há algum fator comum que favoreça as alternâncias aqui estudadas;
- ii) identificar as causas possíveis que levam à alternância modo-temporal e determinar, caso haja, as regularidades subjacentes a essa alternância;
- iii) compreender a sistematicidade da alternância, bem como seu encaixamento linguístico e social, a partir do controle das variáveis linguísticas e sociais.

A partir dos objetivos acima expostos, nossa intenção é agregar novos dados aos já conhecidos para que possamos entender a variação no uso do indicativo e do subjuntivo em contextos do português brasileiro que, a princípio, não admitem a alternância.

Para a análise das variáveis, utilizamos o programa GOLDVARB X (Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005)) que faz uma análise multivariada das variáveis e apresenta o cálculo do percentual de uso de fatores de determinada variável, e do peso relativo, os quais nos permitem analisar o grau de relevância estatística de uma determinada variável relacionada à outra, bem como, a partir daí, checar

hipóteses; confirmar, a partir dos resultados, a alternância das formas analisadas; além de comparar os resultados encontrados com os de outros estudos que analisam o mesmo fenômeno.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OS ESTUDOS PIONEIROS DE LABOV

William Labov foi um dos precursores dos estudos sociolinguísticos variacionistas, os quais encontraram no Brasil um campo fértil para a realização de trabalhos, os mais diversos.

Os estudos linguísticos, durante muitos anos, tinham como base a dicotomia saussureana: *langue* e *parole*. A *langue*, segundo Saussure (2008, p.27), é essencialmente social e independe do indivíduo. Já a *parole* é “um ato individual de vontade e inteligência”.

Saussure (2008, pp.22-23) afirma ainda que a língua

(...) é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la. (...) A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. (...) Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea (...) A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo.

Saussure (2008, p.26) situa a língua como alicerce de estudo para toda a Linguística, fazendo, inclusive, a seguinte analogia “pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade.”

Intuímos que os músicos somos nós, falantes da língua, e os erros, para Saussure, significam a variação existente na fala, logo, independente da variação, a língua é imutável, ou seja, a variação seria algo tão superficial que não modificaria a estrutura da língua em si. Além disso, a variação não aconteceria de forma estruturada, mas pelo “mau uso” do instrumento.

Labov despontou como um dos defensores do estudo do uso da língua em situações do cotidiano. Para ele, a variação é de extrema importância, pois reflete uma determinada tendência da comunidade de fala. Labov (2008, p.13) afirma ainda que é imprescindível que os linguistas apercebam-se “que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na língua diária” nas diversas situações comunicativas.

Enquanto muitos linguistas preferiram trabalhar com dados “a partir do conhecimento de sua própria fala” ou da relação entre pais-filhos, ou seja, das estruturas usadas pelos pais que são transferidas aos filhos, Labov preferiu o árduo caminho de trabalhar com dados reais de fala.

Os estudos desenvolvidos por Labov ganharam notoriedade com a publicação da pesquisa desenvolvida sobre a variação fonológica das variantes fonéticas /ay/ e /aw/ na ilha de Martha’s Vineyard.

Com a pesquisa sobre Martha’s Vineyard, Labov coloca definitivamente em cena a importância das variáveis sociais no entendimento da variação linguística, ao mostrar que a variação fonológica, ou seja, a diversidade fonológica observada estava diretamente ligada ao sentimento de pertencimento que o habitante da ilha tinha em relação à própria ilha. Quanto maior a identificação com a ilha, maior a centralização de (ay) e (aw); quanto menor a identificação com a ilha, menor a centralização, haja vista que a identificação linguística do habitante da ilha que desejava morar no continente aproximava-se da fala dos veranistas e não da fala dos vineyardenses.

Acreditamos que a publicação da referida pesquisa tenha sido um divisor de águas, pois ainda havia uma predominância da teoria dos neogramáticos que ia de encontro aos preceitos da heterogeneidade linguística ordenada, haja vista, que, segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968/2006), as sementes desta discordância estavam enraizadas em Hermann Paul, ecoavam em Saussure e estavam em franco florescimento nos trabalhos de Bloomfield e Chomsky, conforme podemos verificar em Weinreich, Labov e Herzog (1968/2006, p. 60), que afirmam:

A exigência da homogeneidade se torna central: a competência lingüística que é o objeto da análise lingüística é a posse de um indivíduo; a teoria lingüística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é um perfeito representante dela. Procedimentos para ultrapassar a diversidade real observada no comportamento lingüístico não são sugeridos, tanto quanto não são na obra de Paul ou Bloomfield; em harmonia com Saussure, porém, mais explicitamente, Chomsky declara que tal diversidade é teoricamente irrelevante.

Labov expandiu seus estudos sociolinguísticos variacionistas com a pesquisa *The Social Stratification of English in New York* (Labov 1966a), que foi desenvolvida na cidade de Nova Iorque; uma das pesquisas mais conhecidas é a sobre três lojas de departamentos, que se distinguem pelo *status* que cada uma delas possuía. O

objeto de estudo nessas lojas de departamento foi a realização ou supressão da consoante [r] em posição pós-vocálica.

Para realizar essa pesquisa, Labov decidiu adotar um método na coleta de dados que não envolvesse gravação: ele abordava os funcionários, em sua maioria vendedoras, nas lojas de departamentos escolhidas, fazia uma pergunta em cuja resposta era produzida a variável em estudo e, em seguida, anotava o dado encontrado sem o conhecimento do falante.

Labov (2008, p.64) observou que a variável linguística (r) é um marcador social independente dos níveis de estilo de fala – monitorada ou casual – na cidade de Nova Iorque, tendo em vista que quanto maior o status da loja de departamento maior o uso da variável linguística (r), bem como também o contrário.

Apesar de a variação linguística não ter sido ignorada pelos linguistas, é na década de 1960, com a divulgação dos trabalhos de Labov, que ela se firma como campo de estudo instigante e proveitoso, no âmbito do sistema linguístico.

2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Reafirmamos assim que, neste trabalho, são utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994), que concebe a língua como um sistema heterogêneo sistemático e não aleatório, do qual a variação é parte inerente. Esta variação, que pode ser interpretada por alguns estudiosos da língua como um caos linguístico, é definida pela sociolinguística como o uso simultâneo de formas distintas em uma determinada comunidade de fala, durante um determinado tempo. Desse modo, cada uma das formas distintas constitui uma variante e, ao conjunto de variantes (lexicais, fonológicas, morfossintáticas), denomina-se de variável linguística.

Segundo Labov (2008) é possível explicar um grande número de variações linguísticas como o resultado de condicionamentos peculiares, os quais podem ser motivados tanto por fatores internos à língua - morfológico, fonológico, sintático, semântico, pragmático etc., quanto por fatores externos – sexo/gênero, idade, nível de escolaridade, classe social etc. Assim, ao assumirem que as mudanças linguísticas podem ter motivações linguísticas e sociais, os variacionistas admitem que os fenômenos variáveis apresentam tendências regulares que podem ser,

então, descritas e explicadas por restrições de natureza linguística e extralinguística dentro de uma determinada comunidade de fala.

A partir das restrições identificadas, Labov busca sistematizar a variação, identificando os ambientes contextuais que favorecem ou inibem o aparecimento da variante que esteja em estudo. Para que isto seja feito, não se faz necessário um número extenso de falantes. O mais importante é que o representante da comunidade de fala seja o mais espontâneo possível, para que a situação comunicativa analisada assemelhe-se a um evento real comunicativo. Entendemos que evento real comunicativo não se refere apenas a uma situação comunicativa, como uma entrevista de emprego, e sim a uma situação em que o informante monitore o mínimo possível a sua fala.

A identificação do uso concomitante de duas variantes, em determinada comunidade de fala, não é, todavia, suficiente para concluirmos que há um processo de mudança em andamento, pois, de acordo com Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 139), “nem toda variação e heterogeneidade na estrutura linguística envolvem mudança; mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade.”

A mudança, segundo Labov, não pode dar-se apenas pela substituição automática de uma forma linguística por outra, mas a partir de uma relação complexa em que as variantes coexistam numa mesma estrutura linguística, alternando-se entre uma forma e outra até que uma das variantes se consolide, provocando gradualmente na(s) outra(s) o desuso. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122) apresentam o processo de mudança sob três estágios: “A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”.

Um determinado fenômeno de variação linguística pode ser caracterizado como um caso de variação estável ou como um caso de mudança em progresso. Denominamos variação estável quando há co-ocorrência de duas variantes de uma mesma variável e estas variantes alternam-se na comunidade de fala sem que haja eliminação de uma das formas. Já na mudança em progresso, as variantes co-ocorrem na comunidade de fala, porém uma das formas tende a ser eliminada e a outra passa a ser usada plenamente na comunidade de fala.

Quanto ao primeiro caso, a variação estável, temos como exemplo o uso de *você* e *tu*. Os estudos sobre o uso de *você* e de *tu* em algumas cidades do Brasil,

por exemplo, têm mostrado que as duas formas coexistem em diversas comunidades de fala. No entanto, há predominância de uma ou de outra forma de acordo com a região. Segundo Neves (2000, p.458), há maior predominância no uso de *você* do que de *tu*, “para referência ao **interlocutor**”. Lopes e Duarte (2003) corroboram a afirmação de Neves (2000) ao demonstrarem que o pronome *você* está totalmente integrado ao sistema de pronomes pessoais e seu uso está amplamente difundido em território nacional, coexistindo com o pronome *tu* sem que este esteja necessariamente acompanhado de uma forma verbal que tenha a marca da segunda pessoa.

No entanto, quando observamos o estudo do uso do *futuro do presente* nos deparamos com a ocorrência maciça da perífrase *ir + infinitivo*. Segundo Oliveira (2006), a princípio, a forma perifrástica *haver de + infinitivo* era concorrente do futuro simples. Posteriormente, houve a co-ocorrência das variantes *ir + infinitivo* e *haver de + infinitivo*, aquela se consolida na fala e “se espraia por todos os contextos lingüísticos”, predominando em ambientes lingüísticos antes ocupados pelo futuro simples. Os resultados de Oliveira (2006) demonstraram “uma mudança em progresso quase concluída”.

Ao levantar os problemas relacionados à mudança linguística, Labov reitera toda a complexidade estrutural sob a qual está apoiada a variação, desmistificando um pensamento que há muito vigorava, o de que as formas variantes eram imotivadas, livres e social ou estilisticamente sem significado. Além disso, consolida a teoria de que é preciso atentar para as motivações estruturais que abarcam o universo da variação, mas que é mister reconhecer a importância das motivações sociais, pois a variação linguística emerge da combinação de fatores lingüísticos e sociais.

2.3 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA E OS FENÔMENOS DE NATUREZA SINTÁTICA

Os fenômenos de variação fonológica foram a base dos estudos de variação sociolingüística. Estes se encaixam de maneira cabal nos postulados sociolingüísticos de analisar a heterogeneidade do sistema lingüístico, haja vista que a variação fonológica é marcada no que tange aos fatores lingüísticos e sociais. Além disso, os fenômenos fonológicos representaram um campo fértil para o estudo

em questão por obedecerem, quase totalmente, às premissas de que duas formas só podem ser consideradas variantes de uma mesma variável caso ocorram em contextos idênticos e digam a mesma coisa, ou seja, não suscitem dúvidas quanto ao valor de verdade ou ao significado referencial. Este pressuposto está relacionado à definição de *variantes* e *variáveis linguísticas*. Tarallo (1985, p. 8) define as variantes linguísticas como as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’.”

Labov (2008, pp. 220-224), precursor da teoria sociolinguística variacionista, não se absteve de suscitar as dificuldades encontradas com a propagação de sua teoria aos demais subsistemas da língua. No campo sintático, destacamos dois problemas: a) a raridade das formas sintáticas em entrevistas tipicamente labovianas; b) a possibilidade das variantes apresentarem valor de verdade distinto. Vale ressaltar que os problemas aqui apresentados não se manifestam no estudo de todo e qualquer fenômeno de natureza sintática.

Quanto à raridade das formas, segundo Labov (2008, p.224), qualquer “tentativa de especificar regras sintáticas implica inevitavelmente formas que não podemos esperar ouvir numa investigação limitada.” Muitas vezes, segundo o autor e segundo a nossa experiência na coleta de dados, a situação comunicativa da entrevista ou mesmo a forma como é conduzida não propicia um ambiente linguístico para que uma determinada variante ocorra, apesar de ela ocorrer em situações comunicativas sem monitoramento e fora do gênero entrevista. Essa dificuldade inicial, segundo Sankoff (1988) [tradução Scherre et alii (1993, pp. 34-35)], não deve levar o pesquisador a desprezar a pesquisa da variação com variantes raras, porque “esta variante pode bem representar um fenômeno importante tal como uma mudança incipiente ou uma condição determinante de algum traço contextual raro.”

Em relação a variantes apresentarem valor de verdade distintos, segundo Labov (2008, p.221), “para demonstrar que temos um verdadeiro caso de alternância de código e não de variação interna, é necessário mostrar que o falante se move de um conjunto consistente de regras co-ocorrentes para outro”. Essa questão já tinha sido debatida na discussão travada entre Labov (1978) e Lavandera (1978), a partir do trabalho de Weiner & Labov ([1977] 1983) sobre as estruturas ativa e passiva da língua inglesa, uma variável de natureza sintática. Nesse trabalho, os autores

identificam a construção ativa e passiva sem agente como variantes linguísticas, pois as diferenças de sentido observadas tratam-se de foco ou ênfase que não afetam o significado referencial. Da análise feita nesse estudo, resultou a percepção de que as forma linguísticas passiva/ativa são semanticamente equivalentes e não condicionadas socialmente, e sim por fatores internos, a saber, pelo que chama de “paralelismo estrutural”, princípio em que se o falante emprega logo de início da fala uma marca gramatical, essa marca tende a se repetir, mas se a apaga, tende a continuar apagando.

Lavandera (1978), ao questionar a possibilidade de adequação dos critérios da análise dos fenômenos fonológicos para além desse campo, defende que toda construção sintática tem seu próprio significado e sugere que a condição de “mesmo significado” seja expandida para “comparabilidade funcional”. Para Lavandera (1978), as alternantes sintáticas só podem ser consideradas variáveis sociolinguísticas caso carreguem alguma informação não-referencial, além de possuírem, como as variáveis fonológicas, covariação quantitativa e frequências significativas.

Em resposta a Lavandera (1978), Labov (1978) ressalta a noção de significado referencial, também chamado por Bühler (1974) de “significado representacional”, que Labov (1978) considera o “estado de coisas”, sob a consideração de que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas tem o mesmo valor de verdade. Somado ao significado representacional, o autor apresenta a função de “identificação do falante” e a função de “acomodação do ouvinte”. Uma vez que Labov e Weiner decidiram examinar conjuntamente a passiva sem agente da forma *The closet was broken into* e a oração ativa *Somebody broke into the closet*, eles especificam que estão considerando somente aqueles casos em que *somebody* é [-específico]. Casos com *somebody* é [+específico] foram apontados como diferindo em significado com relação à passiva. O mesmo se aplica a todos os pronomes *eles, you* etc. [+específico], que são deixados de fora da variável.

Isto pode ser percebido em nosso trabalho quanto à carga semântica do verbo da matriz. Os verbos da matriz cujo campo semântico imprime volição são favorecedores do uso do subjuntivo na oração encaixada. No entanto, encontramos, em nossos dados, ocorrências do indicativo no campo do subjuntivo, conforme os exemplos a seguir.

- (20) “...porque ela prefere que eles APRENDAM a lidar com o camarão do que...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)
- (21) “... eu prefiro que VEM (VENHA) ser alguém a dormir aqui, assim um parente um amigo do que deixar eles dormirem fora, não gosto não.” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

O verbo *preferir* é classificado como um verbo volitivo, logo esperamos que na encaixada o verbo esteja no subjuntivo. Isto ocorre em (20), mas em (21) o verbo aparece no indicativo. Inferimos, portanto, a partir dos exemplos apresentados, que o falante apresenta variação em um mesmo sistema linguístico, sem manifestar mudança de código, pois a alternância da forma é possível.

Já nos exemplos (22) e (23), não há variação no uso do modo verbal. Há, sim, significados distintos.

- (22) “...eu sei...fecha a porta por causa do barulho...pode...não...que tenha usado drogas não conheço não...ah eu já...já ouvi gente falando que já fumou maconha assim...alguma coisa mas...nunca tive contato com ninguém que TENHA usado drogas...a não ser em palestra assim que sempre vai alguém e tal...só o cigarro mesmo e álcool...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)
- (23) “...você conhece alguém do seu bairro que TEM problema de saúde e que precisa ficar interna:do alguma coisa assim?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

No exemplo (22), caso façamos a alternância de modo (nunca tive contato com alguém que TEM usado), o significado muda. Passamos de uma situação possível de ter ocorrido (TENHA usado) para uma situação recorrente (TEM usado). Nesse caso, segundo Perini (2009, p. 258)

a oposição subjuntivo/indicativo pode servir para diferenciar elementos tomados referencialmente (e, portanto, em geral admitidos como existentes) de elementos tomados atributivamente (admitidos como possíveis, mas não necessariamente existentes).

O mesmo pode ser observado em (23). A alternância entre o modo indicativo e o subjuntivo muda o sentido de existencial (você conhece alguém do seu bairro

que TEM problema de saúde) para possível (você conhece alguém do seu bairro que TENHA problema de saúde).

Os casos apresentados nos exemplos acima apareceram em orações adjetivas, as quais foram desconsideradas da nossa análise de pesos relativos por não apresentarem um campo semântico em que a alternância fosse possível.

Assim, nosso estudo toma como fato a alternância de modo no contexto das orações completivas, bem como nos valem de Perini (2010, p.195), que afirma que o uso de um ou de outro modo está relacionado à presença de um item na oração principal, “este pode ser um verbo, uma preposição, uma conjunção ou um nominal.”, ou ao “propósito, intenção ou desejo por parte do Agente de um verbo ou nominal da oração principal de influenciar o comportamento do sujeito do verbo”, e não à intenção do falante.

3. OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Procuramos entender a sistematicidade da alternância modo-temporal na fala dos moradores de Vitória a partir da delimitação das variáveis dependentes e independentes, as quais são analisadas no *corpus* “O português falado na cidade de Vitória”, o PORTVIX, banco de dados por nós utilizado nesta pesquisa.

3.1 O CORPUS

Labov (2008, p.102-126), em seu estudo sobre o inglês na cidade de Nova Iorque, aborda cinco estilos contextuais: estilo menos monitorado ou de fala casual (estilo A); estilo de fala monitorada (estilo B), que é essencialmente a situação ou contexto de entrevista, em que pode emergir a fala espontânea, o correlato da fala casual (estilo A); estilo de leitura de pequenos textos com os fenômenos relevantes (estilo C); estilo de leitura de palavras (estilo D), e estilo de leitura de pares mínimos (estilo D').

No contexto B enquadra-se o PORTVIX, por ser um projeto, cujo banco de dados é constituído por gravações de entrevistas tipicamente labovianas, desenvolvido pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – sob a coordenação da Prof^a Dr^a Lilian Yacovenco.

As entrevistas que compõem o PORTVIX são entrevistas sociolinguísticas que podem acarretar o que Labov (2008, p.244) denomina de *paradoxo do observador*. Este ocorre, pois o entrevistador, elemento estranho à comunidade, está presente e ainda leva consigo o aparelho necessário à gravação da entrevista. Uma das formas para eliciar a fala espontânea em uma situação que leva à formalidade é treinar alguém da própria comunidade para que realize a entrevista a fim de diminuir a barreira existente entre entrevistador e entrevistado. Com vistas a diminuir o paradoxo do observador, as entrevistas do PORTVIX foram conduzidas no intuito de minimizar a barreira entre entrevistador e entrevistado. Por isso foram feitas em duas etapas, ou melhor, foram realizados pelo menos dois contatos com o informante. No primeiro contato, os entrevistadores levantaram a ficha social do informante e abordaram diversos assuntos para que pudessem identificar em qual dos assuntos abordados haveria um maior grau de descontração do informante.

No segundo contato, o entrevistador retoma alguns assuntos levantados no primeiro contato, dando origem a gêneros textuais e tipos textuais diversos.

Cabe ressaltar a distinção entre gêneros textuais e tipos textuais. Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2008, pp.154-155), são caracterizados por uma noção propositalmente vaga para referir-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida cotidiana e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Como exemplos de gêneros textuais, temos: telefonema, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, notícia jornalística, horóscopo, bula de remédio, lista de compras, piada, e assim por diante.

Segundo Marcuschi, se, por um lado, há diversidade de gêneros textuais, por outro, os tipos textuais são bem restritos, pois são estabelecidos a partir de uma sequência cuja base teórica é definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos sintáticos, lexicais, relações lógicas, tempos verbais). Temos os seguintes tipos textuais: narração, dissertação, argumentação, injunção, descrição e exposição. No PORTVIX, encontramos, por exemplo, o gênero textual receita culinária e os tipos textuais narração e descrição.

O PORTVIX tem como objetivo refletir a fala dos moradores de Vitória. Portanto, para a seleção dos 46 informantes foram relevantes os seguintes critérios: a) serem naturais de Vitória; b) terem pais capixabas; c) residirem sempre nesta cidade. Quanto às características sociais, os informantes foram divididos em:

- a) sexo: masculino e feminino;
- b) faixa etária: 7 a 14 anos; 15 a 25 anos; 26 a 49 anos e mais de 49 anos;
- c) grau de escolaridade¹: fundamental, médio e universitário

Além disso, como Vitória é dividida em oito partes – chamadas de regionais: Regional Centro, Santo Antônio, São Pedro, Bento Ferreira/Jucutuquara, Praia do Canto, Continental, Maruípe e Jardim Camburi – a pesquisa procurou abranger com uniformidade as regionais, conforme quadro a seguir.

¹ O grau de escolaridade está dividido em: fundamental – 1 a 8 anos de escolarização; médio – 9 a 11 anos de escolarização; e universitário – mais de 12 anos de escolarização.

Quadro 01: Quadro classificatório das células do PORTVIX

Nº	Nível	Sexo	Idade	Localização
1	1º grau	H	07 a 14	Jucutuquara
2	1º grau	H	07 a 14	Maruipe
3	1º grau	H	07 a 14	Praia do canto
4	1º grau	H	07 a 14	Santo Antônio
5	1º grau	M	07 a 14	Camburi
6	1º grau	M	07 a 14	Praia do canto
7	1º grau	M	07 a 14	Santo Antônio
8	1º grau	M	07 a 14	São Pedro
9	1º grau	H	15 a 25	São Pedro
10	1º grau	H	15 a 25	Jucutuquara
11	1º grau	M	15 a 25	Centro
12	1º grau	M	15 a 25	Santo Antônio
13	1º grau	H	26 a 49	Maruipe
14	1º grau	H	26 a 49	São Pedro
15	1º grau	M	26 a 49	Jucutuquara
16	1º grau	M	26 a 49	Maruipe
17	1º grau	H	+ de 49	Santo Antônio
18	1º grau	H	+ de 49	Maruipe
19	1º grau	M	+ de 49	Maruipe
20	1º grau	M	+ de 49	Centro
21	2º grau	H	15 a 25	Centro
22	2º grau	H	15 a 25	São Pedro
23	2º grau	H	15 a 25	Santo Antônio
24	2º grau	M	15 a 25	Santo Antônio
25	2º grau	M	15 a 25	Praia do canto
26	2º grau	M	15 a 25	Camburi
27	2º grau	H	26 a 49	Jucutuquara
28	2º grau	H	26 a 49	Santo Antônio
29	2º grau	M	26 a 49	São Pedro
30	2º grau	M	26 a 49	Jucutuquara
31	2º grau	H	+ de 49	Santo Antônio
32	2º grau	H	+ de 49	Camburi
33	2º grau	M	+ de 49	Jucutuquara
34	2º grau	M	+ de 49	Maruipe
35	universitário	H	15 a 25	Jucutuquara
36	universitário	H	15 a 25	Maruipe
37	universitário	M	15 a 25	Camburi
38	universitário	M	15 a 25	Centro
39	universitário	H	26 a 49	Praia do canto
40	universitário	H	26 a 49	Maruipe
41	universitário	M	26 a 49	Praia do canto
42	universitário	M	26 a 49	Centro
43	universitário	H	+ de 49	Praia do canto
44	universitário	H	+ de 49	Centro
45	universitário	M	+ de 49	Jucutuquara
46	universitário	M	+ de 49	Maruipe

Das 46 entrevistas apresentadas acima, foram codificadas 43 células, conforme a distribuição do quadro a seguir.

Quadro 02 – Distribuição dos falantes nas células codificadas de acordo com a faixa etária, gênero e grau de escolaridade.

Faixa Etária	7 a 14 anos		15 a 25 anos		26 a 49 anos		Mais de 49 anos		Total
Sexo	F	M	F	M	F	M	F	M	
Escolarização									
Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Médio	-	-	3	3	2	1	2	2	13
Universitário	-	-	2	2	1	2	2	1	10
	4	4	7	7	5	5	6	5	43

Além dos informantes, codificamos os entrevistadores, os quais são em sua maioria mulheres, havendo somente um homem que participa de três entrevistas. Os entrevistadores encaixam-se na faixa etária de 15 a 25 anos e possuem ensino universitário.

Labov ressalta em seus trabalhos a importância de capturarmos a fala espontânea ou casual, sem monitoramento, que é característica do estilo A. Neste estilo, não há monitoramento da performance linguística, por tratar-se de uma situação informal, porém, Labov (2008, p.111) afirma que, mesmo em uma situação de formalidade, como é o caso do estilo B, há a possibilidade de ocorrência da fala casual.

Normalmente, não pensamos numa fala “espontânea” ocorrendo em contextos formais. Entretanto, (...), isso acontece frequentemente no curso da entrevista. A fala espontânea é definida aqui como correlata da fala casual que ocorre em contextos formais, não em resposta à situação formal, mas apesar dela.

A variação focalizada neste trabalho parecia não ocorrer na situação de entrevista, porém ocorre, embora pareça ser mais forte e mais recorrente na fala casual.

3.2 O TRATAMENTO DOS DADOS

Conforme vimos anteriormente, é imprescindível estabelecermos fatores linguísticos e extralinguísticos que possam favorecer ou desfavorecer o uso de uma determinada variante do fenômeno variável sob estudo. Com isso, a metodologia variacionista possibilita avaliar em termos quantitativos os efeitos desses fatores que condicionam os fenômenos de variação e de mudança na língua.

Diversos tratamentos estatísticos têm sido utilizados para se calcular e tratar o efeito combinado de todos os ambientes contextuais favorecedores ou inibidores de determinado fenômeno lingüístico. Entre eles, o que se destaca é o proposto por Sankoff (1988), *Variable Rule Analysis*, que tem sido usado e citado em vários trabalhos que tratam da análise estatística de dados linguísticos. É a partir dele que se desenvolve o pacote computacional VARBRUL.

Entre as diversas versões deste pacote, usaremos o programa GOLDVARB X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), versão para o ambiente Windows, para que se proceda à análise aqui proposta. Para tal, o *corpus* foi analisado e codificado a fim de que fossem efetuadas as rodadas estatísticas que nos forneceram, além do número total de ocorrências, o cálculo do número das ocorrências dos fatores de cada variável, ou seja, os percentuais de cada variável, bem como os pesos relativos de cada fator de cada grupo de fatores, ao lado da indicação da relevância estatística das variáveis independentes consideradas.

4. RESULTADOS COMPARATIVOS DE PESQUISAS REALIZADAS SOBRE A ALTERNÂNCIA DE MODO: SUDESTE (VITÓRIA), SUDESTE/CENTRO-OESTE (RIO DE JANEIRO/BRASÍLIA) E NORDESTE (CARIRI E JOÃO PESSOA)

Nesta seção, apresentamos três dos trabalhos desenvolvidos sobre a alternância de modo, cujos resultados serão comparados aos resultados por nós encontrados com o objetivo de comparar, no item 5.5, nossos resultados aos obtidos pelas outras pesquisas e situar a fala de Vitória no cenário nacional, um de nossos objetivos.

4.1 A ALTERNÂNCIA INDICATIVO/SUBJUNTIVO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM PORTUGUÊS – ROCHA (1997): DADOS DA REGIÃO SUDESTE E CENTRO-OESTE

O trabalho de Rocha (1997, p.56) tem como *corpus* 532 dados do PEUL (RJ), 21 dados de Brasília, além de 42 dados coletados aleatoriamente, em situações conversacionais diversas. O objetivo principal da autora é “verificar se há a interferência de outros fatores lingüísticos e também extralingüísticos, além da influência exercida pelo verbo da oração matriz, no fenômeno da alternância indicativo/subjuntivo.” No intuito de atingir o objetivo proposto em seu trabalho, Rocha (1997, p. 11) levanta a seguinte questão: “trata-se de uma variação em que o subjuntivo está perdendo ambiente para o indicativo ou de uma variação que envolve a alternância entre esses modos.”

Para tanto, delimitou a sua variável dependente, limitando-se ao estudo da alternância das formas verbais que estivessem nos tempos presente e pretérito imperfeito, conforme exemplos a seguir:

(24) “*Tem dias que a gente brinca lá porque tem que marcar, aí a gente vai lá fazer física, fica brincando de bola. Só uma professora que não gosta que a gente FICA [fique] fazendo brincadeira de um passar para o outro e quando ela falar já tem que trocar a bola. (♂, 07/14, 1ª a 4ª série)*”

(25) “*E por que você não – você não gosta que ela FIQUE [fica] morando sozinha? (sem informações sociais)*”

- (26) *“E o que passou pela tua cabeça enquanto isso estava acontecendo? – Ah, sei lá, eu pensei que IA [fosse] perder meu filho, que ele ficou tão esquisito, sabe, virou o olho, ficou todo com choro preso. (♀, 15/25 anos. 1ª a 4ª série)”*
- (27) *“Vai não? Ah, pensei que você fosse [ia] muito lá. Por que que você quase não vai, assim, lá? (sem informações sociais)”*

Além da restrição quanto à variável dependente, Rocha (1997, p.10) “limitou-se ao estudo da alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas introduzidas pela conjunção integrante *que*.”

Para a realização de sua pesquisa, Rocha (1997) trabalhou com fatores linguísticos e extralinguísticos, entre os quais foram considerados estatisticamente relevantes os seguintes grupos: carga semântica do verbo ou do sintagma verbal da matriz, faixa etária do falante, estrutura de assertividade da oração matriz, regularidade verbal e tipo de verbo da oração encaixada, e tempo do verbo da oração matriz e tempo do verbo da oração encaixada.

A carga semântica do verbo ou do sintagma verbal da matriz foi dividida pela autora em nove grandes classes semânticas², conforme a classificação apresentada por Pereira (1974), que apresentamos a seguir:

- 1) verbos não-factivos volitivos (querer, esperar, preferir);
- 2) verbos e predicados verbais não-factivos não-volitivo (ter medo, ficar com medo, temer, pedir, ser necessário, deixar, ser provável);
- 3) verbos factivos emotivos ou avaliativos (gostar, concordar);
- 4) verbos e predicados bicondicionais (duvidar, ser possível, poder ser) e verbo implicativo negativo (impedir);
- 5) verbos e predicados indiferentes de opinião e suposição (considerar, imaginar, pensar, acreditar, supor, dizer (=significar), significar);
- 6) verbo indiferente de suposição (parecer);
- 7) verbo indiferente de opinião (achar);

² Na análise final, Rocha (1997, p. 83) fez uma correlação entre a carga semântica do verbo da matriz e a assertividade da oração matriz. Para tanto ela utilizou os seguintes grupos: não-factivo volitivo; predicado indiferente - opinião e suposição; predicado indiferente suposição (parecer); e predicado indiferente – opinião (achar).

- 8) verbos performativos (garantir, afirmar, dizer) e verbo condicional (ser certo);
- 9) verbo factivo não-emotivo ou não-avaliativo (saber).

A autora, seguindo Pereira (1974), que aplicou a classificação acima obtendo resultados em testes de interpretação, faz a aplicação de mesma classificação em dados de uso da língua.

Rocha (1997, p. 68) relata que, apesar de Pereira (1974), quanto à expectativa do uso do modo verbal, pressupor o uso do subjuntivo ou do indicativo com grupos verbais específicos, os resultados encontrados confirmam a alternância por ela observada “em situações de conversação diversas”. Logo, não corroboram a expectativa de categoricidade apontados por Pereira (1974). Observemos os resultados para o primeiro grupo de fatores selecionado.

Tabela 01 – Carga semântica do verbo da oração matriz

<i>Carga semântica do verbo da matriz</i>	<i>Ocorrência de subjuntivo</i>	<i>Total de dados</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
verbo não-factivo volitivo (querer, esperar, preferir)	65	88	74%	0,95
verbo não-factivo não-volitivo (pedir, ser necessário, deixar, temer)	11	14	79%	0,89
verbo factivo emotivo ou avaliativo (gostar, concordar)	17	29	59%	0,60
verbo bicondicional (duvidar, ser possível) e implicativo negativo (impedir)	8	10	80%	0,95
verbo ou predicado indiferente de opinião e suposição (considerar, imaginar, pensar, acreditar, supor, dizer (=significar), significar)	44	107	41%	0,73
verbo ou predicado indiferente de suposição (parecer)	1	17	6%	0,36
verbo ou predicado indiferente de opinião (achar)	9	248	4%	0,21
verbo performativo e condicional (garantir, afirmar, ser certo)	2	9	22%	0,17
verbo factivo não-emotivo ou não-avaliativo (saber)	1	23	4%	0,02

Adaptação da Tabela 4 – Carga semântica do verbo da oração matriz – Rocha (1997, p.68)

O verbo não-factivo volitivo (querer, esperar), conforme esperado, favorece o subjuntivo (0,95). No entanto, o resultado não é categórico, ou seja, apesar de se

tratar de um ambiente prototípico de ocorrência do subjuntivo há a entrada de formas do indicativo, conforme a autora exemplifica com as construções variáveis abaixo:

(28) “*Eu quero que você VERIFIQUE o óleo e o nível da água da bateria na próxima vez. (sem informações sociais)*”

(29) “*Você quer qu’eu LIGO pra você quando eu chegar? (sem informações sociais)*”

Rocha (1997, p.69) observa que, apesar da pequena ocorrência do uso do modo indicativo com verbos volitivos na matriz, em conversas informais, na coleta de dados de observação participante, a variação entre indicativo e subjuntivo é usual e não possui estigma.

Além dos verbos não-factivos volitivos (*querer, esperar*), com peso relativo de 0,95, os verbos bicondicionais (*duvidar, ser possível*) e implicativos negativos (*impedir*) também são grandes favorecedores do subjuntivo, com peso relativo de 0,95.

Os verbos factivos foram divididos em dois grupos: emotivo ou avaliativo e não-emotivo ou não-avaliativo. Os resultados destes grupos são discrepantes: o primeiro favorece o subjuntivo em 0,60, enquanto o segundo desfavorece o subjuntivo em 0,02. Rocha (1997, p.116) concluiu, baseando-se em Poplack (1992), que assim como acontece com o francês de Ottawa-Hull, no português brasileiro não é a relação factividade x não-factividade o ponto crucial para o entendimento do fenômeno, mas, sim, a “distinção entre verbos volitivos, emotivos e de opinião.”

Quanto aos verbos indiferentes de opinião e suposição, Rocha (1997, p.72) os divide em três grupos: o grupo 1 (*considerar, imaginar, pensar, acreditar, crer, supor, dizer (=significar) e significar*), que favorece o subjuntivo em 0,73; o grupo 2 (*parecer*), que desfavorece o subjuntivo em 0,36 e o grupo 3 (*achar*), que também desfavorece o subjuntivo em 0,21. Rocha (1997, p.72) afirma que, a princípio, considerou os verbos acima como um grupo de verbos uno. Entretanto, posteriormente, a autora percebeu que os verbos *parecer* e *achar* apresentavam comportamento distinto dos demais verbos.

O verbo *parecer*, apesar de ser um predicado indiferente de suposição, desfavorece o subjuntivo, ou seja, a presença deste verbo na oração matriz aumenta a probabilidade de ocorrência do modo indicativo e não do subjuntivo.

Quanto ao resultado do verbo *achar*, a autora baseia-se na afirmação de Pereira (1974) de que este verbo carrega em si um menor grau de formalidade, “co-ocorrendo, então, mais vezes com o indicativo,” por esse ser o modo verbal menos marcado e menos formal. Rocha (1997, p.73) identifica, ainda, que este verbo favorece mais a forma subjuntiva quando se trata do tempo verbal passado.

A segunda variável selecionada foi a faixa etária, a qual seguiu um padrão linear: quanto mais jovem, menos o falante usa o subjuntivo, haja vista que o subjuntivo é o modo que entra mais tardiamente na comunidade de fala (cf. Rocha, 1997, p.103).

Para corroborar os resultados encontrados para a variável faixa etária, Rocha (1997, p. 104-105) fez rodadas somente com os verbos favorecedores do subjuntivo e somente com os favorecedores do indicativo, e os resultados seguiram o mesmo padrão: em ambientes preferencialmente do subjuntivo ou do indicativo são os de maior idade que lideram o uso do subjuntivo, já os mais jovens desfavorecem-no.

A partir dos resultados encontrados, Rocha (1997, p.105) levanta a hipótese de tratar-se de uma mudança linguística, contudo afirma que se faz necessário uma maior investigação no futuro, pois somente o comportamento da variável faixa etária não é suficiente para que haja uma afirmação decisiva nesse sentido. Rocha (1997) ressalta a necessidade de correlação entre outros fatores, tais como, sexo e escolaridade, os quais não se mostraram estatisticamente relevantes.

A estrutura de assertividade da oração matriz foi a terceira variável selecionada cujos resultados corroboram a expectativa de Rocha (1997, p. 83-84): a presença de elementos de negação na matriz favorece o uso do modo subjuntivo na oração completiva. Na tabela 2 podemos observar que a análise foi feita a partir da delimitação de sete tipos de estruturas.

Tabela 02 – Estrutura de assertividade da oração matriz

Tipo de oração	Ocorrência de subjuntivo	Total de dados	Percentual	Peso relativo
negação na matriz	42	79	53%	0,78
negação na matriz e na encaixada	7	14	50%	0,76
não é que	12	16	75%	0,89
interrogativa com negação na matriz	9	15	60%	0,89
Afirmativa	86	261	33%	0,59
afirmativa com negação na encaixada	4	45	9%	0,21
Interrogativa	13	135	10%	0,17

Adaptação da Tabela 10 – Estrutura de assertividade da oração matriz – Rocha (1997, p.83)

Rocha (1997, p117), a partir dos resultados encontrados, confirma que a presença de elementos de negação na oração matriz é bastante favorecedora do subjuntivo. A autora ressalta, porém, que não é a presença de elemento de negação em si suficientemente determinante no uso do subjuntivo, há de se considerar, prioritariamente, o escopo da negação.

Isto pode ser verificado, por exemplo, nos resultados das orações interrogativas: a oração interrogativa em si é desfavorecedora do modo subjuntivo (0,17). No entanto, caso haja negação na matriz da interrogativa, este panorama é invertido, logo, há favorecimento do subjuntivo (0,89). O mesmo pode ser observado nas orações declarativas: mesmo sendo relativamente favorecedora do subjuntivo (0,59), quando há negação na matriz da oração declarativa ou na matriz e na encaixada o favorecimento é ainda maior (0,78 e 0,76). Por outro lado, negação na encaixada desfavorece (0,21) o subjuntivo. Observamos que há o elemento de negação somente na encaixada (0,21) e na matriz e na encaixada (0,76) com resultados distintos, o que levou Rocha (1997, p. 84) a deduzir que não é somente o elemento de negação o favorecedor do subjuntivo, “mas é o elemento que se encontra em um nível mais alto na oração que determina a maior probabilidade de ocorrência com o subjuntivo.

A regularidade verbal foi a quarta variável selecionada e através desta foi possível perceber que os verbos regulares (0,66) e irregulares (0,80) favorecem o *subjuntivo*, enquanto os anômalos (0,36) desfavorecem-no. Rocha (1997, p.118) ressalta que, nos dados utilizados em sua pesquisa, os verbos irregulares assemelham-se mais aos regulares do que aos classificados como anômalos. No

decorrer da pesquisa, Rocha (1997, p. 93-96) cruzou a regularidade verbal com o tipo de verbo (+ dinâmico / - dinâmico). O resultado mostrou que independentemente da dinamicidade do verbo, os irregulares favorecem o uso subjuntivo. Já os regulares e anômalos só favorecem se o verbo for dinâmico.

Quanto aos tempos verbais, Rocha (1997, p.99-100) afirma que, quando o presente é o tempo da matriz e da encaixada, há um desfavorecimento de 0,43 do subjuntivo. Vejamos os exemplos variáveis apresentados pela autora.

- (30) *“Professor, senhor quer que eu FAZ [faço] o quadro ‘qui embaixo? (sem informações sociais)*
- (31) *“Ela não tem idéia do que ele FAÇA [faz]. (sem informações sociais)*
- (32) *“Vocês ficam aí e ainda quer que TRAZ [traga] carne? (sem informações sociais)*

Quando a forma na matriz é o presente e o da encaixada é o imperfeito há um certo equilíbrio de 0,52, veja exemplos abaixo:

- (33) *“Que tem filme que passa na televisão, que às vezes passa um pouquinho cedo e que eu acho que não DEVIA [deve] passar, porque criança vê”. (♀, mais de anos, 1º grau)*
- (34) *“Quando eu estudava, que eu tinha a idade deles, minha mãe nunca me mandou estudar. Eu não vou dizer a vocês que eu ADORASSE [adorava] estudar. Mas eu sabia que era preciso, então nunca ninguém precisou me mandar estudar. (♀, 26/49anos, 2º grau)*

Os resultados obtidos para os tempos verbais levaram Rocha (1997, p.99) a inferir que a presença do presente na matriz inibe o favorecimento da ocorrência do subjuntivo na encaixada.

Em contrapartida, os tempos perfeito ou imperfeito na matriz com imperfeito na encaixada favorecem o subjuntivo em 0,70. Exemplificando:

- (35) “*Eu pensei que FOSSE [era] pra alguma coisa, uma orientação, alguma coisa para os alunos em sala de aula. (♀, 26/49 anos, 2º grau)*
- (36) “*Ah, bom pensei que ERA [fosse] tudo irmão entre si e tinha brigado, mas assim sem motivo aparente. (sem informações sociais)*
- (37) “*Aí então ele desceu pra baixo, né. Aí então pensava que ERA [fosse] o rato do mato e matou. Aí, então de lá pra cá tem gato aqui em casa. (♀, 7/14 anos, 1ª a 4ª série)*
- (38) “*Aí a mulher: ‘não, desculpa.’ É que você é que eu não avisei, esqueci de avisar que é boneco. Você acreditava que aquilo ERA [fosse] defunto mesmo? Não existe, né. (♀, 7/14 anos, 1ª a 4ª série)*

O favorecimento torna-se ainda maior e quase categórico, com 0,98 de peso relativo, quando há a forma verbal do futuro do pretérito na matriz.

- (39) “*Mas se um gênio lhe concedesse três pedidos, quais seriam esses pedidos? – Ah, eu pediria que a minha mãe FICASSE [ficava] boa, né? (♀, 7/14 anos, 1º grau)*
- (40) “*A minha avó – a minha filha não usa tanta gíria, mas se usasse a minha avó não entenderia, não saberia nem o que ela ESTAVA [estivesse] falando, como muita gente que fala aí, né? (♀, 26/49 anos, 2º grau)*

Segundo Rocha (1997, p.99), de um modo geral, os tempos não-presente favorecem a ocorrência do subjuntivo.

Rocha (1997) concluiu que a carga semântica destaca-se na variação indicativo/subjuntivo, mas não é a única variável envolvida neste processo, diferentemente do que se tem afirmado nas gramáticas tradicionais. Há de se destacar a estrutura da assertividade da oração matriz, a faixa etária, regularidade verbal e tipo de verbo da oração encaixada e tempo do verbo da oração matriz e tempo do verbo da oração encaixada. A autora afirma ainda que a alternância das formas indicativo/subjuntivo está presente em dados reais de fala e esse fenômeno

encontra-se, de forma geral, abaixo do nível de consciência do falante. A percepção de alternância fica restrita a alguns contextos, a saber, os de presente na encaixada.

4.2 A ALTERNÂNCIA INDICATIVO/SUBJUNTIVO NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS EM FUNÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS PRESENTE E PRETÉRITO IMPERFEITO NA LÍNGUA FALADA DO CARIRI – CARVALHO (2007): DADOS DA REGIÃO NORDESTE

A pesquisa de Carvalho (2007) tem como base teórica a Teoria da Variação e Mudança Linguística, que “dissocia estrutura e homogeneidade, introduz a noção de variação inerente ao sistema linguístico e considera a relação entre língua e sociedade”, no intuito de investigar quais os fatores, linguísticos ou extralinguísticos, que favorecem a variação a partir da análise de um *corpus* composto por material colhido em situação de fala espontânea da região Nordeste.

O estudo busca descrever e analisar, sincronicamente, a variação do subjuntivo em alternância com o indicativo em orações subordinadas substantivas introduzidas pela partícula *que*, tanto para o tempo presente quanto para o pretérito imperfeito. A base de dados é composta exclusivamente pelo material linguístico extraído do Banco de Dados do Estudo da Língua Oral do Ceará - O Português não padrão no Ceará, sediado na Universidade Federal do Ceará (UFC), no Programa de Pós-Graduação em Linguística. O *corpus* foi coletado na região do Cariri e as entrevistas foram realizadas com informantes de diferentes cidades, faixas etárias, sexo e escolaridade.

Carvalho (2007, pp. 70-72) propõe as cinco hipóteses seguintes:

- i. em contextos de alternância em orações subordinadas substantivas a força modal da oração se concentra no verbo da oração principal;
- ii. “o tempo verbal da matriz condiciona o modo da encaixada, contudo a força propulsora da alternância reside na complexa interação de muitos fatores, especificamente, no tipo do verbo da oração principal”;
- iii. a escolha do modo subjuntivo será mais favorável em contextos que exprimam traços semânticos-pragmáticos de incerteza, conjectura, desejo e futuridade.

- iv. a alternância dos modos em português é sensível à variação faixa etária: os mais jovens favorecem o uso do indicativo. Entretanto, não é sensível à variável sexo;
- v. o uso do subjuntivo é resistente em ambientes lingüísticos considerados de uso obrigatório, por exemplo, com verbos volitivos do tipo *querer, desejar, esperar* (ter expectativa).

Para proceder à análise, Carvalho delimitou a variável dependente definindo o ambiente lingüístico da seguinte forma:

- a. espera-se somente ocorrência do subjuntivo (verbos volitivos e emotivos);
- b. as formas do subjuntivo e do indicativo são consideradas intercambiáveis (verbos de opinião e suposição);
- c. espera-se somente ocorrência do indicativo (verbos não emotivos e não avaliativos, verbos performativos e condicionais).

Para ilustrar a delimitação acima, Carvalho nos apresenta os seguintes exemplos:

- (41) *Espero que esse país **MELHORE** em alguma coisa, mais não pra os que já têm dinheiro, melhore pra gente, pra senhora também*
(MBS, m, FI, E3)
- (42) *Eu acho que **SEJA [é]** a falta de formação, falta de emprego, é donde surge tudo isso, todo esse horror que tá acontecendo no mundo*
(MSL., f, FI, E4)
- (43) *Eu sabia que eu não **IA** saí daqui pra ir terminar meus estudos ter uma profissão muito boa aí inventei logo de casar, mas eu queria ter uma profissão pra mim trabalhar* (MDS, f, FII, E1)

Em Carvalho (2007, p. 91), dos grupos de fatores analisados, somente três lingüísticos foram selecionados estatisticamente: tipo de verbo da oração principal, estrutura da assertividade da oração matriz e modalidade. Na análise dos dados, Carvalho (2007) identifica seis classes semânticas de verbos: volitivos (querer,

esperar, desejar), cognitivos (crer, acreditar), cognitivos (achar, pensar), *dicendi* (dizer, contar), perceptivos (sentir) e factivos (saber, ver). Para que procedesse a rodada de pesos relativos, a autora restringiu à pesquisa cinco classes semânticas, além de retirar alguns verbos em função dos efeitos categóricos de favorecimento de apenas uma das variantes. O verbo *achar* foi isolado dos demais devido a sua produtividade no *corpus*.

Os resultados obtidos com o primeiro grupo de fatores selecionado – tipo de verbo da oração principal – encontram-se na tabela 03.

Tabela 03 – Atuação do tipo de verbo da oração matriz no uso do subjuntivo em orações substantivas

Tipo de verbo da matriz	Nº de ocorrências do subj.	Total	%	P.R
Verbos volitivos (querer, esperar)	31	32	97%	.98
Verbos cognitivos (crer, acreditar, pensar)	15	33	45%	.84
Verbo cognitivo “achar”	21	173	12%	.40
Verbo <i>Dicendi</i> (dizer, contar)	2	17	12%	.34
Verbo factivo (saber)	1	31	3%	.05
Total	70	286	24%	-

Adaptação da Tabela 3 - Atuação do tipo de verbo da oração matriz no uso do subjuntivo em orações substantivas – CARVALHO (2007, p. 91)

Os resultados demonstram que o uso do subjuntivo é favorecido quando há na matriz verbos volitivos (0,98) ou cognitivos (0,84), exceto o verbo *achar* (0,40), ratificando a hipótese de que a força semântica do verbo da matriz está diretamente relacionada ao uso da forma verbal na oração encaixada, em termos de grandes tendências. Carvalho (2007, pp. 91-92) afirma que

Verbos volitivos, verbos cognitivos que exprimem, no nível da proposição, um fato possível que é desejado e/ou pode ser percebido pela mente, condiciona o uso do subjuntivo na encaixada, modo verbal da subordinação, da “incerteza”, da conjectura. Nesse caso o traço semântico imposto pelo verbo matriz identifica o grau de integração dos eventos codificados pela oração principal e pela oração subordinada, já que as orações partilham do mesmo tempo verbal e da mesma carga semântica modal.

Para exemplificar a asserção acima, a autora nos apresenta o seguinte exemplo:

- (44) [...] e essa minha irmã com quem eu moro 'Michele' tem treze anos, é espero que ela **TERMINE** o estudo dela ' já está fazendo a 8ª série tudo que eu posso fazer por ela eu estou fazendo e quero que ela (+) **CHEGUE** a uma Universidade e **CONSIGA** fazer (+) uma um / (+) **TENHA** um emprego bom pra ela sobreviver' (MLA, f, F2, E5)

Os verbos da oração principal, *esperar* e *querer*, possuem traços semânticos que indicam “*expectativa, desejo, perspectiva*”, ou seja, exprimem algo possível, comungando com a carga semântica veiculada pelos verbos do modo subjuntivo.

É importante ressaltar que os verbos cognitivos foram divididos em dois blocos, sendo que o verbo *achar* ficou isolado dos demais, pois, conforme pudemos observar nos resultados, este verbo desfavorece o subjuntivo (0,40). Segundo Carvalho (2007), a principal causa do favorecimento do indicativo pelo verbo *achar* deve-se ao fato de ele estar em processo de gramaticalização, perdendo, portanto, “as propriedades de verbo pleno, decategorizando-se.” Para comprovar a afirmação feita, a autora cita dois indícios: “a gradativa perda da variabilidade de tempo e modo e o uso restrito na primeira pessoa do singular.”

Os demais verbos – *dicendi* e *factivo* – também desfavorecem o subjuntivo com peso relativo de (0,34) e (0,05), respectivamente.

Carvalho (2007, p. 94) elimina os verbos em que há predominância do subjuntivo ou do indicativo – *volitivos* e *factivo*, respectivamente – e observa os resultados dos demais verbos, haja vista que são estes verbos que apresentam a área de variação subjuntivo/indicativo. Os resultados seguem os mesmos padrões dos encontrados anteriormente: os verbos cognitivos (*crer*, *acreditar*) continuam favorecendo o subjuntivo com peso relativo de (0,87), enquanto o verbo cognitivo “*achar*” e o *dicendi* desfavorecem com (0,42) e (0,40), respectivamente.

O segundo grupo de fatores selecionado foi estrutura da assertividade da oração matriz. Foram analisados quatro tipos de estrutura para este grupo, cujos resultados constam na tabela 04.

Tabela 04 – Atuação da estrutura de assertividade da oração no uso do subjuntivo

Fatores	Nº de ocorrências do subj.	Total	%	P.R
Negação na matriz/afirmação na encaixada	9	13	69%	.99
Negação na matriz/negação na encaixada	3	4	75%	.96
Afirmação na matriz/negação na encaixada	6	23	26%	.73
Afirmação na matriz/afirmação na encaixada	52	246	21%	.41
Total	70	286	24%	-

Adaptação da Tabela 5 - Atuação da estrutura de assertividade da oração no uso do subjuntivo – CARVALHO (2007, p. 98)

Carvalho (2007) observou em seus dados a predominância das asserções afirmativas (246) as quais desfavorecem o subjuntivo (0,41). Menos frequentes nas entrevistas, as asserções negativas favorecem quase categoricamente o subjuntivo quando há negação na matriz (0,99) e negação na matriz e na encaixada (0,96). Há ainda favorecimento com negação na encaixada (0,73).

A autora relaciona o resultado encontrado ao estatuto da negação de Givón (apud Carvalho, 2001, p.375), no qual ele afirma que há *marcação* na forma negativa, isto faz com seja selecionada a forma mais complexa, logo, o subjuntivo.

Quanto à variável modalidade, a autora identificou que o traço futuridade está diretamente relacionado ao uso do modo subjuntivo.

Tabela 05 – Atuação da modalidade no uso do subjuntivo em orações substantivas no presente

Fatores	Nº de casos do subj.	Total de ocorrência	%	P.R
Futuridade	25	26	96%	.98
<i>Dicendi</i>	3	17	18%	.59
Incerteza/avaliação	41	220	19%	.49
Certeza	1	21	4%	.01
Total	70	286	24%	-

Adaptação da Tabela 9 - Atuação da modalidade no uso do subjuntivo em orações substantivas no presente – Carvalho (2007, p. 106)

Além do traço futuridade (0,98), os verbos *dicendi* (0,59) também são favorecedores do subjuntivo. Os verbos de incerteza/avaliação apresentam resultado neutro (0,49). Já o traço certeza desfavorece quase categoricamente (0,01) o modo subjuntivo.

O estudo de Carvalho (2007, p.145) evidenciou que o subjuntivo é condicionado pelas variáveis linguísticas tipo de verbo, estrutura da assertividade e modalidade.

4.3 O USO DO MODO VERBAL EM ESTRUTURAS DE COMPLEMENTAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL – OLIVEIRA (2007): DADOS DA REGIÃO NORDESTE

O trabalho de Oliveira (2007) tem como base teórica a Variação Paramétrica (Tarallo e Kato (1989), Ramos (1999), Duarte (1999)), a qual está fundamentada na teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986, 1995), além da Teoria Variacionista (Labov, 1972). Essa fundamentação teórica será aplicada à análise dos dados utilizados na pesquisa e retirados das entrevistas que compõem o *Projeto Variação Linguística no Estudo da Paraíba* (VALPB). Dos dados, foram somente retiradas as estruturas de complementação introduzidas pelo complementizador *que*, conforme exemplos a seguir:

- (45) “Eu espero que ele *passe* por este momento.”
- (46) “E quero que todo mundo *respeite* a minha religião.”
- (47) “Eu disse a ela que *escolhia* a pintura.”
- (48) “Eu disse a ela que *esperasse*.”

A autora tem como objetivo sistematizar propriedades da sintaxe do modo verbal, identificando a distribuição das formas do indicativo e do subjuntivo, bem como das propriedades sintático-semânticas a elas associadas. Além disso, Oliveira (2007) quer contribuir para a caracterização das variedades dialetais do Nordeste, possibilitando uma comparação com as demais regiões do Brasil.

Oliveira (2007, pp. 53-54) baseia-se em três estudos, por ela resenhados, adotando de cada um deles um aspecto a ser considerado em sua análise:

- I. Botelho Pereira (1974): desse estudo é adotada a tipologia verbal detalhada do verbo da matriz. Tal escolha deve-se ao fato de Oliveira entender que a segmentação feita por Botelho Pereira “capta com mais clareza e abrangência os contrastes entre os verbos da oração matriz a serem analisados”;
- II. Fávero (1974): essa pesquisa foi selecionada por Oliveira em virtude de concordar com a afirmação de que a seleção do modo verbal em estruturas completivas está diretamente ligada à atitude proposicional do sujeito da oração matriz;
- III. Bárbara (1975): relaciona a variação indicativo/subjuntivo à presença ou ausência de tempo, diferentemente do que é trabalhado por Botelho Pereira e Fávero. Logo, Oliveira utiliza o estudo de Bárbara (1975) para que seja feita uma comparação dos resultados.

Além dos estudos acima mencionados, Oliveira (2007, p. 68), em seu estudo, parte dos resultados de Rocha (1997) para proceder a sua análise, determinando assim as variáveis independentes, entre as quais foram selecionadas como estatisticamente relevantes o tipo semântico do verbo da matriz e o grau de assertividade.

Oliveira (2007) faz uma comparação dos resultados encontrados na análise da variável tipo semântico do verbo da matriz aos resultados encontrados por Rocha (1997), haja vista que Oliveira acredita que a ocorrência do subjuntivo, em contextos prototípicos de uso, em orações completivas no Nordeste é mais produtiva do que no Sudeste/Centro-Oeste. Para tanto, Oliveira (2007, p.71) apresenta a tabela a seguir em que compara frequência de uso.

Oliveira (2007) analisou os verbos da oração matriz separadamente. No entanto, para que se procedesse à comparação com o trabalho de Rocha (1997), foi feita uma amalgamação dos verbos segundo os grupos de Rocha (1997).

Tabela 06 – Uso do subjuntivo de acordo com a carga semântica do verbo da oração matriz

Tipos de predicado	Dados Sudeste/ Centro-Oeste Rocha (1997)	%	Verbos	Dados Nordeste Oliveira (2007)	%
não-factivo, volitivo (<i>querer, esperar, desejar</i>)	65/88	74%	querer esperar desejar	115/115 21/22 3/3	100% 95% 100%
não-factivo, não-volitivo (<i>pedir, deixar, temer, ser necessário</i>)	11/14	79%	permitir pedir deixar ter medo ser preciso dizer ²	3/3 42/44 3/3 3/3 5/5 13/14	100% 95% 100% 100% 100% 92%
factivo emotivo ou avaliativo (<i>gostar</i>)	17/29	59%	incomodar gostar importar	1/1 12/12 2/2	100% 100% 100%
indiferente-opinião e suposição (<i>imaginar, pensar, acreditar, crer, considerar</i>)	44/107	41%	imaginar pensar acreditar ter impressão crer considerar confiar	¼ 2/48 8/37 0/2 1/41 0/1 0/1	25% 4% 21% 0% 2% 0% 0%
indiferente de suposição (<i>parecer</i>)	1/17	6%	Parecer	0/35	0%
indiferente de opinião (<i>achar</i>)	9/248	4%	Achar	12/533	2%
factivo não-emotivo não-avaliativo (<i>saber</i>)	1/23	4%	descobrir perceber notar conhecer saber entender ter consciência sentir lembrar ter certeza	0/4 0/1 0/8 0/1 0/102 0/1 0/1 0/7 0/3 0/15	0% 0% 0% 0% 0% 0% 0% 0% 0% 0%
indiferente performativo (<i>falar/dizer</i>); condicional (<i>ser certo</i>)	2/9	17%	garantir confessar dizer ¹ conscientizar avisar contar indicar responder explicar revelar falar mostrar	0/4 0/1 2/218 0/1 0/1 0/2 0/1 0/1 0/1 0/1 0/2 0/2	0% 0% 2% 0% 0% 0% 0% 0% 0% 0% 0% 0%

Adaptação da Tabela 7 - Seleção do subjuntivo de acordo com a carga semântica do verbo da oração matriz – Oliveira (2007, p. 71)

Os resultados de Oliveira (2007, p.71) corroboram a hipótese da autora de que no Nordeste em contextos prototípicos do subjuntivo o uso deste modo verbal é praticamente categórico. Isto é ratificado nos resultados apresentados pelos verbos não-factivo volitivo (*querer, esperar, desejar*), não-factivo não-volitivo (*pedir, deixar, temer, ser necessário*) e factivo emotivo ou avaliativo (*gostar*), diferentemente do que foi encontrado na pesquisa de Rocha (1997), a qual apresentou alta frequência de uso do subjuntivo, porém foi possível perceber a presença do modo indicativo, levando a autora a considerar a ocorrência de variação.

Isoladamente, alguns verbos (*querer, desejar, permitir, deixar, ter medo, gostar, importar*) selecionam de forma categórica o subjuntivo. Tal resultado levou Oliveira (2007, p. 72) a afirmar que, nesse caso, há de se considerar o registro de alguns estudos e da gramática tradicional de que esses verbos selecionam o modo subjuntivo, independentemente de outros fatores linguísticos e extralinguísticos.

Quando Oliveira (2007) observa os resultados do indicativo, encontra resultado semelhante ao subjuntivo: predicado factivo não-emotivo não-avaliativo (*saber*), predicado indiferente performativo (*dizer*) e alguns do grupo indiferente de opinião e de suposição (*parecer, achar*), ambientes prototípicos do indicativo, selecionam este modo verbal quase categoricamente.

Após a rodada comparativa com os resultados de Rocha (1997), Oliveira (2007, p. 73-80) procedeu a sua própria rodada de pesos relativos para a variável carga semântica do verbo da matriz, primeira variável selecionada.

Conforme pudemos observar na tabela 06, há verbos que apresentam resultados categóricos. Assim, Oliveira (2007, p.73) amalgamou alguns verbos, haja vista que, ao amalgamar, possibilita uma visão de conjunto, e excluiu outros que, segundo a autora, não possibilitavam a amalgamação.

Os resultados encontrados para a variável carga semântica do verbo da matriz com amalgamação são apresentados na tabela 07, a seguir.

Tabela 07 – Uso do subjuntivo de acordo com a semântica do verbo da matriz após amalgamação

Tipos de verbos/predicados	Dados Sudeste/ Centro-Oeste Rocha (1997)	%	Peso Relativo	Dados do Nordeste Oliveira (2007)	%	Peso Relativo
não-factivo, volitivo (<i>querer, esperar, desejar</i>)	65/88	74%	0,95	139/140	99%	0,99
não-factivo, não-volitivo (<i>pedir, deixar, temer, ser necessário</i>)	11/14	79%	0,89	71/73	97%	0,99
bicondicional (<i>duvidar, ser possível</i>) e implicativo negativo (<i>impedir</i>)	8/10	80%	0,95	2/3	66%	0,42
indiferente de opinião e suposição (<i>imaginar, pensar, acreditar</i>)	44/107	41%	0,73	12/118	10%	0,47
indiferente de opinião (<i>achar</i>)	9/248	4%	0,21	12/434	2%	0,26
factivo não-emotivo não-avaliativo (<i>saber, perceber</i>)	1/23	4%	0,02	0/127	0%	
indiferente performativo (<i>falar/dizer</i>); condicional (<i>ser certo</i>)	2/9	22%	0,17	2/206	1%	0,06

Adaptação da Tabela 8 - Seleção do subjuntivo de acordo com a semântica do verbo da matriz após amalgamação – Oliveira (2007, p.75)

Oliveira (2007, p. 75-77) compara os resultados em pesos relativos encontrados no Nordeste com os do Sudeste/Centro-Oeste. Estes resultados demonstram que tanto em uma quanto em outra região os verbos não-factivos volitivos (*querer, esperar, desejar*) e os não-factivos não-volitivos (*pedir, deixar, temer, ser necessário*) favorecem a seleção do modo subjuntivo quando da presença desses verbos na oração matriz. No entanto, no Nordeste o uso é quase categórico, com 0,99 de peso relativo. Esse resultado vai ao encontro dos registros encontrados na GD, bem como com os dos textos descritos por Botelho Pereira (1974) e Fávero (1974), as quais atribuem a esses grupos de verbos a seleção categórica do subjuntivo na oração encaixada.

Entre os verbos não-factivos volitivos se deu um único dado em que não houve ocorrência do subjuntivo na encaixada:

- (49) “Espero que se Deus quiser para o ano eu *continuo* a estudar, se Deus quiser.”

Oliveira (2007, p. 76-77) discute o uso do indicativo na encaixada diante da presença do verbo *esperar* na matriz, atribuindo esse uso à presença da expressão cristalizada em nosso vernáculo *se Deus quiser*. A autora acredita que essa expressão “tenha criado um tipo de ruptura na estrutura sintático-semântica”, fato esse que favoreceu a ocorrência do indicativo no campo do subjuntivo, haja vista que aquele modo verbal é costumeiramente utilizado com a construção sintática acima explicitada. A essa explicação junta-se, segundo a autora, “a leitura aspectual com a perífrase “continuo a estudar”, que propicia uma leitura aspectual de atividade”, pressupondo uma manutenção do evento.

Na análise dos resultados para os verbos bicondicionais (*duvidar, ser possível*) e implicativos negativo (*impedir*), só houve ocorrência para o segundo grupo com um total de três dados. Isso levou Oliveira (2007, p. 77-78) a abster-se de qualquer afirmação quanto ao favorecimento ou não do uso do subjuntivo no Nordeste vs Sudeste/Centro-Oeste, pois o número de dados é insuficiente para corroborar qualquer afirmação nesse sentido.

Os resultados dos verbos factivos emotivos e avaliativos (*gostar, importar, incomodar*) não aparecem na tabela 07 devido ao fato de os resultados apresentados por esses verbos terem sido categóricos, como pudemos observar na tabela 06. No Sudeste/Centro-Oeste, esse mesmo grupo verbal apresentou como resultado 0,60, coincidindo, também, com a proposição de Fávero (1974) de que os verbos pertencentes a esse grupo, o qual é classificado como de atitude proposicional de sentimento, possuem um campo semântico de uso do subjuntivo na encaixada.

Oliveira (2007, p. 78-79) analisa os resultados para o Nordeste dos grupos de verbos até agora apresentados – não-factivos volitivos, não-factivos não-volitivos e factivos emotivos e avaliativos, contrastando-os com os do Sudeste/Centro-Oeste: os do Nordeste se adequam às descrições feitas por Botelho Pereira (1974), Fávero (1974) e Bárbara (1975), nas quais esses grupos de verbos apresentam uso quase categórico do subjuntivo na encaixada. Os do Sudeste/Centro-Oeste, por sua vez, não comungam dessa mesma categoricidade. A autora constata, então, que as “propriedades semânticas desses verbos (*volição, ordem, emotividade*)” são preservadas qualquer que seja o modo selecionado na oração encaixada. Tal propriedade seleciona o subjuntivo em João Pessoa, já para Rio/Brasília seleciona também o indicativo.

Os resultados dos demais grupos verbais - factivos não-emotivos não-avaliativos (*saber, perceber*), indiferente performativo (*falar/dizer*) e condicional (*ser certo*), indiferente de opinião e suposição (*imaginar, pensar, acreditar*), indiferente de opinião (*achar*) - demonstram serem esses verbos desfavorecedores de seleção do subjuntivo na encaixada.

Oliveira (2007, p. 79-80), ao analisar os resultados dos verbos factivos não-emotivos não-avaliativos, correlaciona-os à afirmação de Fávero (1974) de que o uso do modo subjuntivo nesse caso é considerado agramatical. Logo, o uso categórico do indicativo encontrado no Nordeste, mais uma vez, identifica-se com o que foi postulado por Fávero (1974). Esse resultado categórico está relacionado à noção de factividade: o falante pressupõe como verdade o fato expresso na oração encaixada, o que condiciona o uso do indicativo.

Os resultados dos verbos indiferentes performativos indicam que o Nordeste desfavorece mais o subjuntivo (0,06) do que o Sudeste/Centro-Oeste (0,17).

Ao analisar os resultados dos verbos indiferentes de opinião e suposição, Oliveira (2007, p. 80-84) afirma que esses verbos admitem o uso variável tanto do indicativo quanto do subjuntivo, não somente no Português Brasileiro, mas, também, no Português Europeu, no espanhol e no francês canadense, ressaltando que no francês canadense o uso variável, segundo Poplack (1992), só é possível o subjuntivo na encaixada com negação na matriz. Os resultados encontrados no Sudeste/Centro-Oeste (0,73) e no Nordeste (0,47) apontam para o uso variável com os verbos em questão. No entanto, Oliveira (2007, p. 81) ressalta que os resultados apontam para uma mesma direção: “quando o verbo da matriz admite ambos os modos na oração completiva, aumentam as ocorrências com o subjuntivo.”

O verbo *parecer*, apesar de fazer parte dos verbos de suposição, foi retirado da análise dos pesos relativos por apresentar seleção categórica do indicativo. Segundo Oliveira (2007, p. 81) esse verbo carrega certas peculiaridades que o diferenciam dos demais do grupo: “(a) admite construção com o dativo na posição do sujeito (*Me parece que ele vem*); (b) permite alçamento do sujeito da encaixada para a oração matriz (*O povo parece que num tem o que fazer dentro de casa*).” Por possuir como característica a impessoalidade, esse verbo possibilita que outros elementos da sentença preencham sua posição de sujeito. Essa impessoalidade não permite que haja seleção do subjuntivo, além disso, esse verbo “se fixa na 3ª pessoa do presente do indicativo, não permitindo uma relação de subjetividade.”

Quanto ao verbo *achar*, ele foi analisado separadamente dos demais de seu grupo e os resultados por ele apresentados foram discutidos por Oliveira (2007) segundo as perspectivas de Botelho Pereira (1974) e Bárbara (1975).

O resultado do verbo *achar* é, segundo Botelho Pereira (1974), resultado de um menor grau de formalidade expresso por esse verbo, provocando alta frequência e ocorrência do indicativo por este ser o modo menos formal. Há de se observar que a autora considera inaceitável a ocorrência do subjuntivo na encaixada quando na matriz há o verbo *achar*, a menos que o tempo verbal desta oração seja o pretérito.

O tipo de estrutura rejeitada por Botelho Pereira (1974) aparece nos dados de Oliveira (2007):

- (50) “Eu acho que *seja* ótimo.”
- (51) “... eu acho que *seja* é muita gente, né?”
- (52) “Eu acho que *seja* assim.”

Esta autora justifica essas estruturas com a afirmação de que o verbo *ser* nesses casos é estativo.

O tipo de construção dos exemplos acima também não é aceito por Bárbara (1975) quando se trata do verbo *achar*. Para ela, só há possibilidade de uso do subjuntivo na encaixada caso haja negação na matriz, conforme os exemplos intuitivos abaixo:

- (53) “Eu não acho que ele *saiba*.”
- (54) “Eu acho que ele *saiba*.”

Para a autora, só é gramatical a sentença em que há negação.

A partir dos resultados encontrados com os predicados indiferentes de opinião e suposição, Oliveira (2007, p. 82-83) aponta três aspectos relevantes:

- (i) o uso variável do subjuntivo e do indicativo é constatado no francês canadense, no português europeu, no espanhol e nas variedades dialetais do PB examinadas, (ii) existem diferenças entre os diferentes tipos de predicados indiferentes de opinião e suposição no que se refere à manifestação da variação entre o modo subjuntivo e indicativo, em todas as variedades

dialetais do PB examinadas; (iii) a negação constitui fator favorecedor do subjuntivo, em todas as variedades dialetais do PB examinadas, assim como no francês canadense, no PE e no espanhol.

Em relação ao aspecto observado em (i), a autora, a partir de seus resultados, comprova a alternância entre os verbos de opinião.

Quanto ao aspecto (ii), a autora comprova que, apesar de pertencerem a um mesmo grupo, diferentes verbos de opinião têm comportamento diferente: *achar* desfavorece o subjuntivo, enquanto *acreditar*, por exemplo, favorece a alternância de modo.

Já em (iii), a autora afirma que a negação é favorecedora do modo subjuntivo. Tal afirmação baseia-se nos estudos por ela citados nos resultados por ela obtidos.

Aos estudos de Botelho Pereira (1974), Fávero (1974) e Bárbara (1975), somam-se as análises de Mateus *et alii* (1989/2003) e Neves (2000/2006).

Em Mateus *et alii* (1989/2003), há a análise do estatuto da negação a partir de dados do PE, os quais podem ser estendidos ao PB. As autoras demonstram que a presença da negação atua como um operador de modificação, gerando no nível sintático-semântico a contrariedade ou a contradição da proposição feita, conforme os exemplos abaixo:

(55) “Eu acho que o João é capaz de chegar a horas.”

(56) “Eu não acho que o João *seja* capaz de chegar a horas. (modalidade contrária à modalidade necessária expressa por (148) e que seleciona o modo conjuntivo)”

(57) “Eu não acho que o João é capaz de chegar a horas. Eu tenho certeza! (modalidade contraditória de (148) e que permite a seleção do indicativo)”

De Neves (2000), Oliveira (2007, p. 90-91) reportou a importância do elemento da negação, cuja incorporação na oração matriz realça e coloca o predicado e o sujeito no foco da interpretação negativa por parte do interlocutor. “Em função disso, esses casos ocorrem principalmente com sujeito de 1ª pessoa do singular, assinalando que é a atitude do falante que é marcada.”

Além disso, Neves (2000) também afirma que há uma relação entre a presença do elemento de negação na oração matriz e a seleção do modo indicativo ou subjuntivo. Segundo a autora, há determinados verbos que mantêm seu significado independentemente da posição do elemento de negação.

Os resultados encontrados por Oliveira (2007) são comparados aos estudos analisados por Neves (2000).

Tabela 08 – Uso do subjuntivo em contexto de polaridade negativa/afirmativa

Tipos de orações em função da presença/ausência da negação	Dados do Nordeste	%	Peso Relativo
Negação na matriz	49/62	79%	0,97
Negação na encaixada	18/181	9%	0,30
Afirmação em ambas	170/754	23%	0,47

Adaptação da Tabela 9 - Uso do subjuntivo em contexto de polaridade negativa/afirmativa – OLIVEIRA (2007, p. 93)

Na análise do grau de assertividade, no que tange à negação, foram considerados, além do advérbio *não*, todos os demais advérbios e palavras que apresentam o valor semântico de negação, como *nunca*, *jamais*, *nem*.

Vejamos alguns exemplos das estruturas analisadas neste estudo:

- (58) “Eu NUM acredito³ que *exista* isso.”
- (59) “Acho que NÃO *era* meu, não...”
- (60) “Eu acredito que para o ano que vem *deva* melhorar...”

Oliveira (2007, p.93-94) percebeu que, em consonância com o resultado encontrado por Rocha (1997), a presença da negação na matriz é a grande favorecedora da seleção do modo subjuntivo com, respectivamente, 0,97 e 0,78 de peso relativo, ao lado da carga semântica do verbo da matriz. A autora verificou também que na afirmação há a presença considerável de 0,47 a 0,30 do subjuntivo, com percentual de 23%.

³ Grifos da autora.

No intuito de refinar ainda mais a análise dos dados, Oliveira (2007, p.95) faz uma rodada cruzada entre as variáveis selecionadas: carga semântica do verbo/predicado verbal e grau de assertividade. O resultado é apresentado na tabela, a seguir.

Tabela 09 – Cruzamento do tipo semântico do verbo da matriz com assertividade da oração matriz com dados da Paraíba

Carga semântica do verbo/predicado da matriz	Ocorrência do subjuntivo	Declarativa com negação na matriz	Declarativa com negação na encaixada	Declarativa afirmativa
não-factivo, volitivo (<i>querer, esperar, desejar</i>)	Ocorrência/total percentual	35/35 100%	4/4 100%	100/101 99%
não-factivo, não-volitivo (<i>pedir, deixar, temer, ser necessário</i>)	Ocorrência/total percentual	2/2 100%	12/13 92%	57/58 98%
bicondicional (<i>duvidar, ser possível</i>) e implicativo negativo (<i>impedir</i>)	Ocorrência/total percentual	2/3 67%	0/0	0/0
factivo não-emotivo não-avaliativo (<i>saber, perceber</i>)	Ocorrência/total percentual	0/15	0/24	0/88
indiferente de opinião e suposição (<i>imaginar, pensar, acreditar</i>)	Ocorrência/total percentual	1/8 12%	0/60	1/138 1%
indiferente performativo (<i>falar/dizer</i>); condicional (<i>ser certo</i>)	Ocorrência/total percentual	5/9 56%	0/22	7/87 8%
indiferente de opinião (<i>achar</i>)	Ocorrência/total percentual	4/5 80%	2/82 2%	6/347 2%

Adaptação da Tabela 10 - Cruzamento do tipo semântico do verbo da matriz com assertividade da oração matriz com dados da Paraíba – Oliveira (2007, p. 95)

Os resultados dos verbos não-factivos volitivos, não-factivos não-volitivos e implicativos negativos com a presença de negação, segundo a autora, não são afetados. Desse modo, a autora conclui que, no caso desses verbos, ambiente prototípico de ocorrência do subjuntivo, a negação não interfere na seleção do modo subjuntivo.

Aos verbos factivos não-emotivos não-avaliativos (*saber, perceber*), Fávero (1974) atribui os traços de [+ factividade] e de [- julgamento], propiciando a seleção quase categórica do indicativo que pode ser observada nos resultados de Oliveira (2007) apresentados na tabela acima. O resultado acima também é relacionado ao

que argumenta Botelho Pereira (1974), segundo a qual os verbos em análise favorecem o indicativo tanto quando são afirmados, como quando negados.

Os verbos indiferentes performativos são favorecedores do indicativo. No entanto, há desfavorecimento desse modo verbal quando da presença da negação na matriz, pois isto favorece o modo subjuntivo. Esta ocorrência está associada ao fato de que, ao serem negados, esses verbos – falar e dizer – têm seus significados esvaziados, adquirindo nova significação: dúvida ou desconhecimento. Nos estudos feitos por Fávero (1974) e Bárbara (1975) a presença do elemento de negação na encaixada torna a sentença agramatical.

Quanto aos resultados apresentados pelos verbos indiferentes de opinião e de suposição (*imaginar, pensar, acreditar, achar*), Oliveira (2007, p.101-102) afirma, ao discutir Fávero (1974), que a presença desses verbos na oração matriz pode selecionar o modo subjuntivo na encaixada, independentemente da presença ou não do elemento de negação. A autora baseia-se na análise de Fávero (1974) para corroborar sua afirmação. Segundo Fávero (1974), esses verbos apresentam traços de [\pm factividade] e [\pm juízo]. Quando há negação na matriz, temos a redução no traço de factividade e aumento no de juízo, favorecendo a seleção do subjuntivo. Vejamos os exemplos:

(61) “Eu NUM acredito que *exista* isso (risos) paixão.”

(62) “Eu creio que o amor ele é uma coisa progressiva.”

Oliveira (2007, p.102) apóia-se também em Neves (2000, p.321-323), e atribui a seleção do modo subjuntivo na encaixada, diante da presença do elemento de negação na matriz, ao fato de que essa negação assume um papel atenuador de certeza do enunciado, gerando, assim, compatibilidade com o valor de incerteza atribuído ao subjuntivo.

O verbo *achar* apresenta resultado distinto dos demais verbos de mesmo grupo. Alguns são os fatores relacionados a essa distinção: a) a alta frequência desses verbos nos dados; b) o maior ou menor grau de formalidade atribuído ao verbo achar.

Os verbos indiferentes de opinião e de suposição, ambientes previstos como de variação, ao serem negados na matriz, favorecem o aumento na frequência de

uso do modo subjuntivo, principalmente nos casos em que há o verbo *achar* na matriz.

A pessoa do verbo da oração matriz apresentou-se como uma variável oscilante: foi selecionada durante muitos testes, mas na rodada final não foi selecionada. Quando da sua seleção, a primeira pessoa na matriz mostra-se favorecedora do subjuntivo, e, mesmo sendo eliminada, os seus valores permaneceram superiores aos da terceira. Segundo Oliveira (2007: p.106), esse resultado demonstra que o falante “prefere não se comprometer, pela sua posição na situação discursiva”. Ao usar o modo subjuntivo o falante lança mão de “um recurso atenuador do comprometimento característico da 1ª pessoa.”

Com a análise de seus resultados Oliveira (2007, p.125-126) conclui que sua hipótese inicial foi confirmada: o subjuntivo, no Nordeste, é selecionado quase categoricamente nos ambientes em que esse modo verbal é previsto. A autora faz uma correlação entre a confirmação da hipótese e o PE. No Nordeste, há manutenção das formas recebidas do *input*, ou seja, uma preservação maior das formas primeiramente adquiridas, a saber, formas subjuntivas no campo do subjuntivo e as indicativas no campo do indicativo.

5. RESULTADOS DA ALTERNÂNCIA DE MODO EM NOSSA PESQUISA: OS DADOS DO PORTVIX – REGIÃO SUDESTE

Neste capítulo, fundamentado na perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, estudamos a alternância de modo – indicativo x subjuntivo - na fala dos moradores de Vitória (ES), conforme os exemplos já apresentados na introdução desta pesquisa e aqui retomados.

- (63) “Eu quero que ele ESTUDA.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)
- (64) “...quero que você CANTE a música do Roberto Carlos.” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (65) “...eu queria que a Rose SAÍA da escola...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (66) “...eu queria que você FIZESSE alguma coisa em casa...” (homem, + de 49 anos, ensino universitário)
- (67) “...eu tava esperando um menino ele num quis que eu FICASSE lá...” (mulher, + de 49 anos, ensino fundamental)
- (68) “Quer que eu EXPLICO como começou?” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)
- (69) “...quer que eu FALE cada um deles?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

Buscamos entender quais fatores influenciam o uso do indicativo no campo de expectativa de uso do subjuntivo, bem como em que contextos a alternância ocorre com mais frequência, para tanto, analisamos as orações substantivas introduzidas pela conjunção *que* e orações independentes iniciadas pelo modalizador *talvez*. Tivemos três variáveis linguísticas e uma social selecionadas pelo programa utilizado na análise dos dados, o GOLDVARB X, que são: verbo da matriz, assertividade, tempo verbal da oração matriz e escolaridade.

Para que conseguíssemos obter o peso relativo dos grupos de fatores selecionados para este estudo, fizeram-se necessárias tomadas de decisões para que pudéssemos eliminar fatores de efeito categórico.

As amalgamações, e/ou eliminações, são apresentadas juntamente com os resultados de cada variável analisada.

Depois de todo o processo de amalgamação e/ou eliminação de dados, procedemos à rodada de pesos relativos que selecionou as seguintes variáveis: verbo da oração matriz, assertividade, tempo verbal da oração matriz e escolaridade.

A seguir apresentamos cada uma das variáveis analisadas.

5.1 CARGA SEMÂNTICA DO VERBO ORAÇÃO MATRIZ

O verbo da oração matriz, inicialmente, compunha o grupo carga semântica do verbo da matriz. Decidimos, posteriormente, separar os verbos por percebermos que a possibilidade de analisá-los individualmente poderia enriquecer a nossa pesquisa. Ao nos depararmos com uma grande quantidade de verbos, verificamos também uma grande ocorrência de efeitos categóricos. Foi, então, necessário amalgamar alguns verbos e o fizemos baseando-nos nos trabalhos de Rocha (1997), Carvalho (2007) e Oliveira (2007), os quais se apoiaram na pesquisa feita por Pereira (1974). Esta autora (1974, p.116-229) faz uma análise minuciosa dos verbos, agrupando-os conforme a carga semântica predominante em cada um deles. Entretanto, diferente de nosso trabalho, que foi constituído com dados reais de fala, Pereira trabalhou com exemplos hipotéticos.

Em função do agrupamento apresentado por Pereira (1974, p.199-204) quanto aos verbos volitivos, houve a necessidade de expandirmos em nosso trabalho a classificação de alguns verbos que, por vezes, destoavam da classificação dada pela autora.

O verbo *querer* foi analisado de forma isolada dos demais classificados como não-factivos volitivos por apresentar uma quantidade significativa de dados. Os demais verbos classificados como não-factivos volitivos e agrupados são: *mandar*, *pedir*, *esperar*, *pretender*, *permitir*, *concordar*, *exigir*, *ter medo* e *precisar*. Entendemos que todos os verbos apresentados possuem um traço que nos permite agrupá-los: o desejo. Este desejo também pode ser traduzido por uma vontade, o que nos levou a repensar a classificação até então feita para os verbos não-factivos volitivos.

No trabalho de Oliveira (2007, p.47-53), encontramos referência à pesquisa de Fávero (1974). Esta autora também estuda as estruturas completivas, porém com propósitos distintos dos que norteiam os trabalhos até agora citados. Nosso objetivo em destacar a pesquisa de Fávero (1974) reside no fato de que a autora abarca uma maior quantidade de verbos sob o rótulo da volição, dividindo-os em dois grupos: atitude proposicional volitivo-imperativa (ordenar, rogar, permitir, exigir, pedir) e volitivo-optativa (querer, desejar, esperar). Isto nos deu mais um respaldo para fazermos a amalgamação dos verbos.

No trabalho de Rocha (1997), fundamentando-se em Pereira (1974), os verbos *concordar* e *gostar* foram agrupados como verbos da matriz cuja carga semântica encerra a ideia de factividade emotivo ou avaliativo que seria favorecedora do uso do subjuntivo na encaixada. No entanto, em nosso trabalho optamos por separá-los haja vista que o comportamento desses verbos é totalmente oposto em nossos dados: o verbo *concordar* corrobora o resultado esperado com uma frequência de uso do subjuntivo de 100%. O verbo *gostar*, por sua vez, apresenta um resultado que vai de encontro ao esperado, com apenas 20% de frequência de uso do subjuntivo. Diante do exposto, percebemos que não seria possível mantê-los agrupados.

Os resultados da variável carga semântica do verbo da matriz apresentados na tabela 10 nos indicou que Vitória apresenta uma variação mais acentuada quanto ao uso do indicativo e do subjuntivo.

Temos uma regularidade quase absoluta em nossos resultados nos campos semânticos em que se pressupõe a ocorrência categórica do subjuntivo ou do indicativo, porém não há categoricidade, mas tendências variáveis regulares. Como enfatizaremos posteriormente na comparação que será feita com os trabalhos por nós selecionados, a variação é mais acentuada na região Sudeste do que na região Nordeste.

Tabela 10 – Uso do subjuntivo na encaixada em função do verbo da matriz.

	Verbo da matriz ou modalizador <i>talvez</i> na oração independente	Ocorrências do Subjuntivo	Percentual	Peso Relativo
:-	Pedir, mandar, exigir, determinar, esperar, aceitar, concordar, permitir, preferir, pretender, precisar, ter medo	20/25	80%	0,963
	Querer	34/42	81%	0,953
	Modalizador (talvez)	14/30	47%	0,813
	Gostar	2/10	20%	0,325
:=	Crer	10/19	53%	0,838
	Supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar, duvidar	11/20	55%	0,717
	Acreditar	6/15	40%	0,515
	Achar	9/167	5%	0,165
:≡	Falar, dizer, comentar	2/9	22%	0,340
	Descobrir, perceber, saber	1/11	9%	0,194
		109/348	31%	

Conforme os trabalhos de Rocha (1997), Carvalho (2007) e Oliveira (2007), fundamentados no de Pereira (1974), de acordo com a carga semântica do verbo da matriz já é esperado um dos dois modos verbais - subjuntivo ou indicativo.

A seleção de uso do modo subjuntivo ou indicativo obedece, segundo Pereira (1974, p. 219), à seguinte distribuição⁴:

- i. Verbos não-factivos volitivos (querer, pedir, mandar, exigir, determinar, esperar, aceitar, concordar, permitir, preferir, pretender, precisar, ter medo); não-factivos não-volitivos⁵, factivos emotivos ou avaliativos (gostar) e bicondicional (duvidar): campo de ocorrência do subjuntivo;
- ii. Verbo ou predicado indiferente de opinião e suposição (considerar, imaginar, pensar, acreditar, supor, dizer (=significar), significar); verbo ou predicado indiferente de suposição (parecer) e verbo ou predicado indiferente de opinião (achar): campo de alternância do indicativo ou do subjuntivo;

⁴ A rotulação dos grupos segue a distribuição de Pereira (1974). No entanto, os verbos que compõem os grupos de Pereira seguem a distribuição por nós adotada em nossa pesquisa.

⁵ Os verbos que compunham este grupo foram agrupados no grupo de verbos não-factivos volitivos.

- iii. Verbos factivos não-emotivos não-avaliativos (saber); verbos performativos e condicionais (garantir, afirmar, ser certo): campo de ocorrência do indicativo.

Os resultados associados à presença do verbo *querer* e dos demais verbos por nós classificados como não-factivos volitivos na matriz corroboram a expectativa quanto ao uso do subjuntivo na encaixada com peso relativo de 0,953 e 0,963, respectivamente.

Já o verbo *gostar* na matriz, classificado como factivo emotivo ou avaliativo, cujo resultado esperado deveria também favorecer o uso do subjuntivo na encaixada, contrariou essa expectativa, pois desfavoreceu o uso do subjuntivo com 0,384 de peso relativo. A expectativa por nós criada deveu-se, em parte, aos resultados encontrados nos demais trabalhos. Acreditávamos que haveria um alinhamento perfeito entre as pesquisas, porém encontramos um resultado que vai de encontro a todos os demais presentes nas pesquisas as quais tivemos acesso.

Os verbos *supor*, *pensar*, *imaginar*, *parecer*, *importar* e *considerar* pertencem ao campo de expectativa de uso tanto do indicativo quanto do subjuntivo. Em nossos resultados, a presença desses verbos na matriz favoreceu o uso do subjuntivo com um peso relativo de 0,717. Os verbos *crer* e *acreditar*, como os do grupo anterior, poderiam favorecer ambas as formas verbais. No entanto, os resultados destes verbos são bem distintos: *crer* favorece o uso do subjuntivo com peso relativo de 0,838, já o verbo *acreditar* apresenta um efeito intermediário com peso relativo de 0,515. Percebemos, então, que o verbo *crer* até poderia ser amalgamado com os outros verbos, mas *acreditar* não, pois poderíamos enviesar os resultados da pesquisa.

O verbo *achar* é mais um verbo cuja presença na matriz pressupõe tanto o uso do indicativo quanto do subjuntivo na encaixada, porém os resultados demonstram o desfavorecimento do uso do subjuntivo na encaixada diante do verbo *achar* na matriz com peso relativo de 0,165.

O uso do indicativo na encaixada quando há na oração matriz os verbos *falar*, *dizer* e *comentar*, é quase categórico, desfavorecendo em 0,340 a forma subjuntiva e em 0,194 quando da presença dos verbos *descobrir*, *perceber* e *saber*. Esses verbos compõem o grupo cujo campo semântico na matriz deve selecionar o uso do modo indicativo na encaixada.

A seguir, discutimos os resultados de cada verbo e/ou grupo de verbos apresentados na tabela 01.

5.1.1 Campo de expectativa de uso da forma subjuntiva na encaixada

5.1.1.1 Verbo *Querer*

Optamos por não agrupar o verbo *querer* aos demais classificados por nós sob o cunho de não-factivos volitivos por ser um verbo recorrente em nosso *corpus* com 41 ocorrências, enquanto os demais verbos agrupados somam 26.

Nossos resultados mostraram que o uso do subjuntivo na encaixada é favorecido em 0,953 quando o verbo da matriz é o *querer*. Esse resultado não nos surpreendeu, haja vista que a presença desse verbo na matriz propicia a formação de um campo semântico em que se espera que o uso do subjuntivo na encaixada deve ser categórico, segundo a gramática tradicional e os estudiosos de forma geral, dissemos “deve ser” e não “é” porque, no nosso caso, o uso do subjuntivo não foi categórico, há alternância, mesmo que pareça ser pequena, em termos percentuais há 19% da forma indicativa neste campo de ocorrência do subjuntivo.

(70) “Eu quero que ele ESTUDA.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

(71) “...quero que você CANTE a música do Roberto Carlos...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Na GT, essa alternância não é discutida, pois, segundo seus registros, não há possibilidade de o modo subjuntivo ser usado em lugar do indicativo ou vice-versa por esses modos possuírem seu uso determinado distintamente, como podemos observar em Carvalho, J.A. (2007, p.309)

O modo subjuntivo diz respeito à 1ª pessoa do discurso ou à função emotiva da linguagem, na medida em que, originalmente, exprime incerteza, dúvida, probabilidade; o modo *imperativo*, centralizado na 2ª pessoa, diz respeito à função conativa da linguagem (ou social); o modo *indicativo*, centralizado na 3ª pessoa, exprime, por excelência, a função representativa da linguagem.

Carvalho associa o modo verbal às três pessoas do discurso e, conseqüentemente, às três funções básicas da linguagem. Logo, para este autor, o uso de cada modo verbal está associado a uma pessoa do discurso. Essa determinação não permite ou não registra que haja alternância.

Já Castilho (2010, pp.438-439), em sua Gramática do Português Brasileiro, exemplo de gramática descritiva, trata os modos verbais, sob o aspecto semântico, de acordo com o seu desempenho. Assim, o indicativo expressa uma avaliação do *dictum* como um estado real, enquanto o subjuntivo expressa a possibilidade do *dictum* ser irreal. Temos, portanto, uma expansão no uso do modo verbal sob a perspectiva *realis* e *irrealis*.

Carvalho (2007, p. 59-68) discute a possível correlação *realis/irrealis* e indicativo/subjuntivo a partir da retomada dos conceitos de tempo, modo e modalidade. Carvalho (2007, p. 65-66) afirma que

a asserção do *realis* tem a propriedade de exprimir a proposição como fortemente declarada para ser verdade. O falante dispõe de evidências e argumentos para defender sua crença. Na asserção do *irrealis* a proposição é fracamente declarada e o falante não possui evidências para defender a informação proposicional já que essa é asserida como possível, provável incerta, desejável.

Expandindo a distinção feita acima, Carvalho (2007, p. 66-67) apresenta a relação Tempo, Aspecto e Modalidade de Givón (2001) que argumenta que a asserção *realis* está diretamente ligada a um tempo determinado em que o evento ocorre ou ocorreu em relação ao momento da fala, logo associa os tempos presente e pretérito ao *realis* e o futuro ao *irrealis*, por exprimir fatos que se situam no momento posterior ao momento da fala.

A relação apresentada por Carvalho é corroborada por Görski (2002) ao considerar que existe uma relação direta entre o uso do modo subjuntivo e o traço futuridade. Para tanto, a autora fundamenta-se em Câmara Jr. (1985) e Lyons (1997), que observam que a “origem da categoria gramatical de tempo futuro” esteja correlacionada às formas flexionais volitivas e subjuntivas. Bem como Görski, Pimpão (1999, pp. 72-74) associa a seleção da forma subjuntiva à modalidade *irrealis*, a qual é elicitada também pelo traço futuridade.

Percebemos, portanto, que, acima do grau de certeza ou incerteza do falante, defendido pela GT, o uso do subjuntivo está associado à volição, e, também, à noção de futuridade.

Todavia, em nossos dados, podemos verificar a aplicação da afirmação acima no uso do modo subjuntivo ou indicativo quando temos o verbo *querer* na matriz.

(72) “I – Pra ele não ir/prá ele não ir na academia...e ele fala assim que mulher se...se eu for trabalhar ele quer que eu TRABALHE num salão...esses dias ele tava falando que quer num salão, mas quando eu falei que homem também faz unha, que homem vai entrar e eu vou ter que fazer, ele já não quer mais...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

Em (72), temos na encaixada o uso do subjuntivo, o qual é favorecido por dois fatores: a volição do verbo *querer* na matriz e o traço de futuridade. A falante relata o desejo do marido que ela trabalhe em um salão, isto é projetado para o futuro, pois a falante ainda não trabalha. Ressaltamos que fizemos o controle da variável futuridade, mas esta não foi selecionada.

Já em (73), temos três ocorrências do verbo *querer*, duas com o subjuntivo e uma com o indicativo.

(73) “E1: E você pensa, assim, em dar pro seu filho uma educação religiosa? Por que cê acha que é mais fácil educar uma criança com princípios Cristãos, ou você acha que não, isso aí vai da cabeça...
I: Vai da cabeça da pessoa, né?
E1: Da pessoa?
I: É. Eu vou ensinar ele do jeito que eu sou. Então...deixa eu ver...Ele tem que ser melhor de que eu, que eu sofri pra caramba e eu não quero que ele SOFRA igual eu sofri.
E1: Hum, hum!
I: Eu quero que ele ESTUDA. Se ele quer ir pra uma igreja eu vou deixar. Até acompanho ele, se ele quiser. Só tenho ele mesmo, vai ser só ele! (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

Na primeira ocorrência encontramos a volição e o traço de futuridade. O pai faz planos para o futuro do filho. Essa atitude fica bem evidente porque o pai faz um contraponto com a sua própria vida (eu não quero que ele SOFRA igual eu sofri), logo o uso do subjuntivo vai ao encontro do que discutimos anteriormente.

Já na segunda ocorrência, não há o uso do subjuntivo, mas, sim, do indicativo. Encontramos mais uma vez a volição na matriz, no entanto o traço de futuridade não está presente. O pai, ao desejar um futuro melhor para o filho, faz uma relação entre o passado, presente e futuro: estudar tem de fazer parte da vida dele, não pode ser algo só para o futuro, pois o crescimento intelectual começa no passado, continua no presente e estende-se ao futuro.

Encontramos em nossos dados também a presença do traço de futuridade, porém sem o uso da forma subjuntiva.

- (74) “Ele aconselha a fazer medicina, ele não gosta, num que que eu FAÇO polícia, porque...ele sabe como que a polícia tá,...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Verificamos em (74) que o agente do verbo deseja ser policial, algo que ocorrerá no futuro, mas o pai não deseja que ele siga esta profissão. Temos tanto a negação na matriz quanto o traço de futuridade, no entanto a forma subjuntiva não aparece.

Percebemos, então, que na comunidade de fala de Vitória, mesmo que o verbo da matriz seja *querer*, que imprime na encaixada o uso da forma subjuntiva, há a entrada da forma indicativa em um ambiente semântico em que essa forma não era esperada. Intuímos que este fato possa estar relacionado ao verbo da encaixada, especificamente ao traço de dinamicidade que ainda não foi controlado por nós, mas isto será feito futuramente.

5.1.1.2 Verbos *Pedir, Mandar, Exigir, Determinar, Esperar, Aceitar, Concordar, Permitir, Preferir, Pretender, Precisar* e a expressão verbal *Ter medo*

Esse grupo de verbos na matriz também foi favorecedor do uso do modo subjuntivo na encaixada com peso relativo de 0,963. Das 26 ocorrências encontradas em nossos dados, 20 referem-se ao subjuntivo e 6 ao indicativo. Esses

verbos também carregam o traço de volição, logo era esperado somente o uso do subjuntivo na encaixada, o que não foi constatado em nossos dados. Mais uma vez, percebemos que há variação na fala capixaba.

O verbo *pedir*⁶ apresentou somente duas ocorrências, nas quais o subjuntivo foi o modo selecionado.

(75) “Sempre eu to fazendo alguma coisa dentro da minha possibilidade, entendeu? Aí eu peço a outra, alguém que mexe com computador pra coloca pra mim lá...ou então peço que FAÇA o desenho pra mim...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)

(76) “...dentro da escola, mas a professora auxiliar vai embora... não...eu peço que ela VÁ embora às sete...porque se ela não for embora às sete...e a mãe não chegou...aí a mãe sabe que ela ‘tá lá até às sete e dez...sete e quinze...sete e vinte...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)

Podemos observar em ambos os exemplos que as falantes ao pedirem algo a alguém expressam um desejo, uma vontade, algo que será feito posteriormente, pois alguém irá fazer o desenho no exemplo (75) e em (76) a professora auxiliar irá embora em um momento posterior à fala de sua superiora imediata. Valendo-nos do que dissemos sobre o verbo *querer*, percebemos que o uso do subjuntivo quando da presença do verbo *pedir* na matriz também está associado à ocorrência do traço de volição.

Os verbos *mandar*, *exigir* e *determinar* são sinônimos e encerram, também, um desejo, sendo este mais enfático, embutido do sentido de ordem, diferentemente do que é veiculado pelo verbo *querer*, o qual possui uma certa polidez na expressão da vontade do falante. Vejamos os exemplos:

(77) “...quando os funcionários de uma empresa entram em greve, não tem jeito, eles tão ali dispostos a ficar em greve, mesmo que o

⁶ O verbo *pedir* foi classificado como não-factivo não-emotivo nos trabalhos de Rocha (1997), Carvalho (2007) e Oliveira (2007). Somente Oliveira questionou esta classificação por entender que o ato de pedir pressupõe um desejo, uma vontade, no entanto a autora preferiu manter a classificação feita para que pudesse manter a comparação com os demais trabalhos.

patrão mande que VOLTE, que vai cortar [abono] aquela coisa toda.”
(homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(78) “...O técnico, a ação técnica manda que SEJA empregada no centro de Vitória,...” (homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(79) “Aí o governador do estado manda que AUMENTE o policiamento na praia do canto. Nós não temos efetivo, nós temos que escolher.” (homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(80) “...porém o político determina que SEJA empregada na Praia do Canto.” (homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(81) “Oh, o curso ele te amadurece porque ele exige que você TOMA decisões, TOME decisões importantes, né, em relação a/tu/é um curso que você é: ao final dele você vai está apto a lidar com a sociedade diretamente...” (homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Os exemplos acima se referem a um mesmo falante: um policial militar que narra alguns dos procedimentos adotados pela polícia. Logo, não é de se estranhar o uso dos verbos *mandar*, *exigir* e *determinar*, verbos relacionados à hierarquia. Podemos observar a ocorrência quase categórica do subjuntivo, porém o falante faz a alternância do modo indicativo e do subjuntivo quando da presença do verbo *exigir* na matriz: o falante a princípio usa o indicativo (ele exige que você TOMA decisões) para, em seguida, utilizar o subjuntivo (TOME decisões importantes). Parece que ele faz uma correção na própria fala.

Percebemos que a presença dos verbos *mandar*, *exigir* e *determinar* na oração matriz faz com que o modo subjuntivo predomine na encaixada. No entanto, a entrada do indicativo nesse contexto é possível. A ocorrência destes verbos não foi identificada nos demais trabalhos por nós consultados.

Os verbos *aceitar*, *permitir*, *concordar*, *precisar* e a expressão verbal *ter medo* apresentam somente uma ocorrência cada, sendo esta no subjuntivo.

(82) “...mas eu não aceito...que você VENHA com atestado médico...”
(homem, + de 49 anos, ensino universitário)

(83) “...a lei permite que ACONTEÇA isso tudo. A lei permite, a lei, ela dá liberdade, porque prende hoje, amanhã tá solto. E não é só os

pequeno, começa com os grandão.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

(84) “...a senhora concorda que SEJA obrigatório, que todo dia a gente tem que ser obrigado a assisti de manhã, de tarde e de noite horário político?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(85) “...então por isso que eu preciso que vocês me APÓIEM para comprarmos mais brinquedos...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)

(86) “...e você registra patente ou não se você não tem medo que ninguém ROUBE suas músicas...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Como observamos, há poucas ocorrências dos verbos em questão e todas selecionaram o modo subjuntivo. Em (82), (84), (85) e (86) o traço de volição está associado ao de futuridade. No entanto, em (84) não há futuridade, mas, sim, habitualidade. Ainda assim, a forma subjuntiva aparece. No entanto, devemos verificar que o verbo da encaixada é o *ser* que favorece o uso da forma subjuntiva, independente da presença do traço futuridade.

Quanto ao verbo *esperar*, encontramos somente três ocorrências que estão no subjuntivo.

(87) “...sempre passa na linha direta... o pai que é pai e avô... por que engravidou a filha...é triste ver uma coisa dessa!...e eu não...eu tenho a confiança no meu / nos meus pais!...eu espero que essa confiança SEJA...eu tenho eu...tipo assim uma vez eu tava sozinha com o meu padrasto em casa...e eu fui na casa da minha avó ela falou assim “cê tá sozinha?”...eu falei assim não eu tava com o meu tio ela já pensou besteira... que eu chamo ele de tio mas ele é meu padrasto...aí eu acho assim eu tenho confiança nele” (mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

(88) “...porque a violência existe tá aí... e a gente vai ter que conviver com ela... esse país não vai mudar agora... entendeu?... eu/ eu espero que MUDE mas eu não acredito que nos próximos cem anos vai tá muito diferente disso...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(89) “...Se você demonstrar o que tem, eles vão querer tomar mesmo! E...vagabundo não tem jeito! Mas...n/ espero que MUDE, né? Esse novo prefeito que vai vim aí...Eu preferia Newton Bahiano, né? mas a...a mídia do pessoal aí tão querendo mais esse Colnago. Ele vai ganhar!” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

Mais uma vez, temos um verbo que carrega o traço da volição e encontramos nos exemplos o traço da futuridade. Em (87), ao levantar a questão sobre o abuso sexual ocorrer dentro de casa, muitas vezes praticados por pais ou avôs, a falante relata que, apesar de morar com o padrasto tem confiança nele e projeta essa confiança para o futuro. No exemplo (88), é abordada a questão da violência e a falante não vê perspectiva de melhora no quadro social que se apresenta, inclusive chega a ser pessimista (não acredito que nos próximos cem anos vai tá muito diferente disso), mas tem esperança na mudança. Em (89), há uma extensão da ideia discutida em (88), pois também é levantada a discussão sobre a violência, mais precisamente a questão dos assaltos. Novamente, o falante demonstra uma esperança de mudança no futuro.

O verbo *preferir* apresentou um total de três ocorrências, sendo duas no subjuntivo e uma no indicativo.

(90) “**I** – Meu pai gosta que eles estuda...e se misturar com aqueles garoto lá você não tá vendo nada...eu sei que minha mãe... se ele sumir uma hora assim ela fica muito preocupada... ela vai atrás na hora...qualquer meia hora que você demora ela vai atrás de você onde você tá...ela é uma pessoa muito preocupada...

E: Porque ela prefere que eles APRENDAM a lidar com o camarão do que...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(91) “...qualidade de vida não... tô falando de qualidade assim de cultural... qualidade cultural

E2: Ah, tá...

I: Só que é pouco e as pessoas não conhecem... né?

E2 - e você prefere que FIQUE sem conhecer?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(92) “E: Você assim que tem que ter horário pra chegar em casa ou você deixa dormir fora...”

I: Não, não deixo só deixo dormir fora se for na casa de parente que eu CONFIE também...mas não deixo dormir fora...eu prefiro que VEM ser alguém a dormir aqui, assim um parente um amigo do que deixar eles dormirem fora, não gosto não.” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

Observamos, na fala do informante, em (92), que há a presença tanto do subjuntivo (CONFIE), quanto do indicativo (VEM). Apesar de as ocorrências não estarem relacionadas a um mesmo verbo na matriz, verificamos que a falante faz o uso tanto de uma forma verbal quanto da outra, independentemente do nível de escolaridade.

Valemo-nos, na análise das ocorrências acima, de Perini (2010, p. 195-200) que trata do uso do modo subjuntivo sob três perspectivas: persuasão, incerteza e emoção. A nós, na análise dos exemplos (90), (91) e (92), interessa o primeiro caso, a persuasão. Segundo Perini (2010, p. 197), se houver algum “propósito, intenção ou desejo por parte do Agente de um verbo ou nominal da oração principal de influenciar o comportamento do sujeito do verbo subordinado acarreta o uso do subjuntivo [ou do infinitivo].”

Em (90) e (91) a regra apresentada por Perini (2010, p.197-198) é satisfeita. O desejo expresso pelo agente do verbo imprime na encaixada o uso da forma subjuntiva. No entanto, em (92) mesmo o agente do verbo expressando sua vontade (eu prefiro que VEM) a forma usada na encaixada é o indicativo. Percebemos, então, que apesar da regra do subjuntivo de persuasão aplicar-se à maioria dos casos observados, ela não abrange todas as ocorrências encontradas em nossos dados. Portanto, ao lidarmos com dados reais de fala, não há resultados categóricos na aplicação de regras determinadas a partir de dados hipotéticos.

O verbo *pretender* apresentou seis ocorrências, sendo três do modo subjuntivo e três do modo indicativo. Vejamos as ocorrências:

(93) “I – Meu pai gosta que eles estuda...e se misturar com aqueles garoto lá você não tá vendo nada...eu sei que minha mãe... se ele sumir...uma hora assim ela fica muito preocupada...ela vai atrás na hora...qualquer meia hora que você demora ela vai atrás de você onde você tá... ela é uma pessoa muito preocupada...”

E2 – Porque ela prefere que eles que eles aprendam a lidar com o camarão do que...

I - É minha mãe eu acho que pretende mais assim que eles ESTUDAM que eles SEJAM assim que eles vão pra escola APRENDAM o que é bom...que eles ESTUDAM APRENDAM ler escrever do que eles ficar assim na rua soltando pipa é ficar fumando minha mãe fala que isso não é bom pra eles e eu não gosto muito assim não gosto de cigarro eu não gosto de cachaça eu acho horrível meu pai fuma ele consome cigarro eu não gosto mas ele gosta né cada um tem o seu gosto mais eu não gosto...já ouvi falar que isso não é bom...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

Na análise das ocorrências acima, aplicamos mais uma vez a regra de Perini (2010, p. 197-198) do subjuntivo de persuasão.

É perceptível no exemplo (93) o desejo da mãe, agente do verbo, relatado pela filha quanto ao futuro dos filhos, logo, o uso do subjuntivo é o modo selecionado. No entanto, temos uma ocorrência do indicativo apesar de todo o contexto apontar para o subjuntivo.

Relacionamos a ocorrência da forma indicativa, quebrando a sequência de formas subjuntivas, ao paralelismo fônico. Há paralelismo tanto sintático quanto fônico entre as formas SEJAM e APRENDAM, já a forma VÃO é neutralizada, pois pode ser tanto associada ao indicativo quanto ao subjuntivo. Porém, a forma ESTUDAM rompe com o paralelismo sintático, no entanto mantém o fônico. Logo, o uso da forma indicativa é justificado pela necessidade de manutenção do paralelismo fônico.

Verificamos, portanto, que, na comunidade de fala de Vitória, no contexto do campo de expectativa do subjuntivo, temos a entrada do indicativo. O falante ou agente do verbo possui o conhecimento das duas formas de modo e alterna o uso, apesar de todos os estudos e teorias apontarem para o uso restrito do subjuntivo ou do indicativo, de acordo com o tipo de verbo da matriz.

O estudo feito por Perini sobre o uso do subjuntivo e do indicativo em relação às orações subordinadas iniciadas pela conjunção nos auxiliou a entender parte de toda a sistematicidade desse uso, por não encontrarmos em outras gramáticas um capítulo que trabalhasse esse uso, pois as gramáticas normativas ou tradicionais

tratam desta questão de forma menos sistemática. No entanto, cremos que se faz necessário consultar os resultados encontrados pelas pesquisas feitas nesse campo de alternância, pois elas trabalham com dados reais de diferentes comunidades de fala, abarcando a variação de algumas regiões do Brasil.

5.1.1.3 Modalizador *Talvez*

Em nossos dados, vimos que o modalizador *talvez* favorece o uso do subjuntivo, com peso relativo de 0,813. Na maioria dos casos o modalizador encontrava-se à esquerda, mas há também à direita do verbo. Das 30 ocorrências com a presença de *talvez*, 14 referem-se ao subjuntivo e 16, ao indicativo, tanto no presente quanto no pretérito, conforme os exemplos a seguir.

- (94) “I - é pra cidade é bom porque né? e talvez AUMENTE infraestrutura não sei se isso influencia né? na infra-estrutura pra... negócio da saúde...porque isso aí faz os governadores cuidarem mais da aparência da cidade...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)
- (95) “por isso que eu num uso...já falei com a mulher...num usa dinheiro no bolso...pra ir pra esses local de jeito nenhum...por que aí vai com a camisa que tenha bolso...enfia no bolso da camisa... coloca um trocado dentro do bolso da camisa...coloca um trocado dentro do bolso da camisa e a identidade...é muito bom...traz uma confusão dali...talvez a polícia CHEGA...talvez OLHA pra você e invoca com você e...aí você pega a identidade já mostra pra ele” (homem, + de 49 anos, ensino fundamental)
- (96) “I: não dá pra entender né... talvez elas ESTIVESSEM assim né... envolta da barriga né.. porque é uma situação muito diferente nunca vi uma...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)
- (97) “I – só que nós não temos isso ainda porque...o brasileiro é muito cavalo...por exemplo um ser humano por exemplo...o ser humano devia ser numerado né? igual nos Estados Unidos é número...número pra tudo é como se fosse o número do CPF teria seu número Joaquina Maria da Silva oito mil oitocentos e setenta e

tal...esse número é desde você nasceu até morrer...esse número aqui no controle nacional sabe a sua vida toda...você nasceu em tal lugar tal pai que que você faz na vida pepepe pepepe...tinha tanto vagabundo assim?...prendia muito né?...mas onde vai colocá-los?

E2 – é...mas pelo menos talvez as pessoas FICAVAM mais com medo... já deixaria de cometer... algumas coisas né?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Nossos exemplos indicam que apesar do favorecimento do subjuntivo, encontramos a ocorrência do indicativo, tanto no presente quanto no pretérito.

Segundo Perini (2010, p. 198-199), uma segunda regra que orienta o uso do subjuntivo é a da incerteza. O autor afirma que “Quando o verbo ou nominal principal expressa incerteza, dúvida ou negação por parte do Agente da oração principal a respeito dos eventos descritos na subordinada, esta deve ter o verbo no subjuntivo.”, temos, portanto, o subjuntivo de incerteza.

No caso do modalizador *talvez*, consideramos a oração em que ele aparece como absoluta, mas ele também pode estar inserido em uma oração adverbial (ver exemplo 98). Para nos apropriarmos do que foi teorizado por Perini, estendemos o papel do nominativo ao modalizador *talvez*. Esse modalizador expressa incerteza ou dúvida por parte do Agente da oração principal, logo, temos a tendência do subjuntivo na encaixada. Isso é constatado nos exemplos (94) e (96). Em (95) e (97), por outro turno, há a presença do indicativo.

A possibilidade de ocorrência da forma indicativa no campo de ocorrência do subjuntivo da incerteza é levantada por Perini (2010, p. 199). Isso pode acontecer quando, em orações complexas, houver na matriz um dos verbos a seguir: *suspeitar*, *desconfiar* ou *pensar*, bem como a presença do verbo *achar* no indicativo. Essas exceções não podem ser estendidas ao nosso estudo quanto ao uso do modalizador por não termos a presença de um verbo na oração matriz.

Segundo Neves (2000, p. 247), o item lexical *talvez* enquadra-se no grupo de modalizadores epistêmicos asseverativos relativos, os quais imprimem o traço da eventualidade no enunciado produzido pelo falante, ou seja, “o falante crê ser possível, ou impossível, provável, ou improvável.” Essa modalização não implica, por

parte do falante, comprometimento quanto à veracidade do que é dito, “e, com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação.”

Em nossos dados percebemos a falta de adesão do falante em relação à proposição feita por ele.

(98) “...e também porque talvez eu VÁ ser uma desenhista indiana...”
(mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

(99) “...porque lá parece que ele é... promover... promover é aquele que promove eventos né?... então talvez ele TRABALHE lá né... ou viva lá né aí tá... se achando promover....” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

Porém, isso também se reflete no uso do indicativo em (100) e (101).

(100) “...não é só eu /eu tenho certeza com você vou ter sinceridade com você... não é só falar assim eu vou fazer o curso em tal lugar.. talvez você VAI fazer o curso mais porque você é morena fulano é branquinho ele ficou em teu lugar...ele é filho de papai quer dizer “não a cor sua não acompanha aquele ali é que ocupou o lugar eu só quero gente bonita”... (homem, + de 49 anos, ensino fundamental)

(101) “I – Não, sim por uma, tem duas, umas duas, eu creio que deveria ser freqüentemente, né? Pro pessoal tá sempre em alerta, correto, pra eles ficarem cientes do que que eles estão fazendo, que pode prejudicar no amanhã ou depois, e aqui nesse ano passado mesmo, não teve nenhuma, ano passado não teve nenhuma esse/não sei qual projeto deles com escola, com esse novo diretor, né? Talvez ele TINHA projeto bem melhor pra escola, mas ano passado eu vi nenhum, eu mediante já algumas coisas também, já de acompanhamento, assim, também tem a televisão, também, e outras, mas, também, revistas, jornais e outras coisas mais, na escola também eles deviam verificar assim, na escola tem muita gente fumando, né? Muita gente se drogando, muita gente fazendo o que não deve, eu

creio que eles deviam conscientizar mais a passar pro aluno o que isso, o que que acontece.” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

Não há comprometimento, ou seja, o falante prefere abster-se da responsabilidade de afirmar que há predileção por conta da beleza (100) ou que não houve competência por parte do diretor na administração da escola (101).

Portanto, apesar das afirmações de Neves, quando tratamos de dados reais da fala, percebemos que o agente do verbo imprime no campo de ocorrência do subjuntivo o uso do indicativo, contrariando as previsões estabelecidas pela gramática normativa ou mesmo por linguistas que buscam captar toda a complexidade no uso de estruturas na fala. Intuímos que a entrada do indicativo deva-se à dinamicidade ou à conjugação do verbo da encaixada. Ainda não fizemos o controle do verbo da encaixada, mas faremos futuramente.

5.1.1.4 *Gostar*

Em nossos resultados o peso relativo encontrado para o verbo *gostar* foi de 0,325, logo há desfavorecimento do uso da forma subjuntiva na encaixada quando da presença desse verbo na matriz. Obtivemos em nossos dados 10 ocorrências do verbo *gostar*, sendo 8 no indicativo e duas, no subjuntivo.

Apresentamos nos exemplos (102) e (103) as ocorrências do subjuntivo.

(102) “...porque é porque o...tipo assim...elas gostava que eu FIZESSE medicação que minha mão é leve pra fazer uma injeção fazer um curativo...” (mulher, + de 49 anos, ensino médio)

(103) “...porque eu não gosto que ela BRIGUE comigo...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

A gramática normativa enfatiza que a presença do verbo *gostar* na matriz condiciona o uso da forma subjuntiva na encaixada, o que tem sido corroborado nos demais trabalhos por nós consultados, porém nossos resultados não se alinham aos demais.

Em (102), temos a presença do pretérito imperfeito na matriz, favorecendo o subjuntivo, assim como no exemplo (103) temos a presença da negação na matriz, favorecendo a mesma forma verbal.

No entanto, é a forma indicativa que prevalece na encaixada na maioria das ocorrências do verbo *gostar*.

- (104) “...minha mãe num gosta que ele FICA jogando no computador direto...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (105) “I – Meu pai gosta que eles ESTUDA...e se misturar com aqueles garoto lá você não tá vendo nada...eu sei que minha mãe... se ele sumir uma hora assim ela fica muito preocupada... ela vai atrás na hora...qualquer meia hora que você demora ela vai atrás de você onde você tá...ela é uma pessoa muito preocupada...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental)
- (106) “I - Foi rapidinho ela é até novinha ela não gosta que COMENTA... ela assim qual é sua idade? (mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental)
- (107) Ela não gosta que ela TEM dezoito anos... ela não é muito chegada não...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental)
- (108) “...porque eles não gosta que ROUBA dentro do bairro.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)
- (109) “...combinei com a minha colega pra ela passar aqui... é: assim o pai dela não gosta que ela VAI na casa das colegas dela...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (110) “...é mais ou menos eu num gosto muito que os outros FICAM sabendo não...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)
- (111) “...eu não gosto que FICA falando...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

O verbo *gostar* enquadra-se na classificação de verbo factivo emotivo ou avaliativo que exprime, na oração encaixada, uma reação emocional ou avaliativa do falante em relação à asserção produzida por este na oração matriz, logo espera-se o favorecimento da forma subjuntiva na encaixada.

Pereira (1974, p.199) subdivide os verbos factivos em três subcategorias. O verbo *gostar* encaixa-se na subcategoria B, na qual, segundo a autora, “a propriedade semântica relevante para a distribuição das formas modais (...) é a expressão de sentimentos e julgamentos apreciativos do locutor ou do sujeito de quem ele fala na oração principal.” A distribuição modal esperada perante a presença do verbo *gostar* na matriz, tanto diante da ausência ou presença de negação, é o modo subjuntivo. Porém, em nossos dados o resultado foi em parte oposto ao esperado.

Em sua pesquisa, Almeida (2010, p.241) afirma que o verbo *gostar* seleciona o modo subjuntivo na encaixada quando o tempo verbal da matriz é o futuro do pretérito. A autora apresenta dois dados para comprovar a afirmação feita, já nos resultados apresentados em sua tabela 33 o verbo *gostar* aparece como favorecedor do uso do subjuntivo com frequência de uso de 100%. Não podemos afirmar que esse resultado corresponda somente ao *gostar* no futuro do pretérito.

Como já foi dito, a presença da negação na matriz é um fator favorecedor do uso do subjuntivo na encaixada, porém em nossos dados não há esse favorecimento diante da negação com o verbo *gostar* como podemos observar em (104), (106), (107), (108), (109), (110) e (111). Temos, na verdade, a negação na matriz na maioria das ocorrências, porém só há o uso da forma subjuntiva em (103).

Como nosso resultado foi diferente dos encontrados nos demais trabalhos, procedemos à análise de nossos dados para entendermos o porquê do uso quase categórico do indicativo em um contexto de uso prototípico do subjuntivo.

Nos exemplos (104), (107), (110) e (111) temos na encaixada a presença de verbos que possuem o traço [- dinâmico]. Em (104), (110) e (111), temos a presença do verbo *ficar*, que é regular. Apoiando-nos novamente em Rocha (1997, p.93-94), acreditamos que a associação da regularidade do verbo *ficar* com o traço [- dinâmico] propiciou o uso da forma indicativa na encaixada. Já em (107), temos o verbo *ter* na encaixada que é anômalo e desfavorece ainda mais o uso do subjuntivo.

Nos exemplos (105), (106), (108) e (109) os verbos da encaixada possuem o traço [+ dinâmico] que, segundo Rocha (1997, p. 93-94), independentemente da regularidade, favorecem o uso da forma subjuntiva, fato que não foi constatado em nossos dados.

Levantamos a hipótese de que o uso da forma indicativa nos exemplos (105), (106), (108) e (109) esteja relacionado ao paralelismo fônico, o indicativo na matriz reflete-se na forma verbal da encaixada: *gosta – estuda; gosta – comenta; gosta – rouba; gosta – vai.*

Para que possamos comprovar a hipótese aqui levantada faz-se necessária a ampliação do *corpus* para obtermos um número maior de ocorrências, pois, assim, poderemos comprovar que a comunidade de fala de Vitória, quanto ao uso do verbo *gostar*, distingue-se das demais comunidades pesquisadas no Brasil.

5.1.2 Campo de expectativa de alternância entre as formas indicativa e subjuntiva

5.1.2.1 Verbos Supor, Pensar, Imaginar, Parecer, Importar, Considerar, Duvidar, e as expressões verbais Ser Válido, Ser Possível, Ser Impossível, Ser Bom, Ser Lógico

Ao agruparmos esses verbos obtivemos 20 dados, sendo 11 ocorrências no subjuntivo e 9 no indicativo. Esses verbos na matriz formam um campo semântico na matriz, em que considera-se a ocorrência tanto do subjuntivo quanto do indicativo na encaixada, mas observamos um favorecimento do subjuntivo em 0,717.

Destacamos algumas ocorrências apresentadas nos exemplos de (112) a (119).

(112) “...que é o vamos supor que SEJA os Estados Unidos,...”
(homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

(113) “...a gente pensa que eles FAZEM aquilo junto depois fica amigo né?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(114) “...eu conheço pouco sobre negócio de lei trabalhista... né? sobre essas coisas... eu tive uma decepção com a lei trabalhista não imaginava que ERA...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

(115) “...não, parece que TÁ em greve ainda...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(116) “...a estrutura da família... do pai... da mãe... dos filho... não importa que TRABALHE fora...que TENHA [outra atividade e

tudo]...que TEM outra função...” (mulher, + de 49 anos, ensino universitário)

(117) “...você tocou num assunto que é essa cultura de desorganização do brasileiro fazer tudo em cima da hora gastar mais do que tem você considera que EXISTA alguma solução...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(118) “Eles fala que o correio tá trabalhando no vermelho, tá não sei o que, mas eu considero que isso não É verdade. Não é verdade porque é muito de serviço que aparece [contrato]...” (homem, + de 49 anos, ensino fundamental)

(119) “...a caixa inteira duvido que pelo menos uns três a gente não COME...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Os únicos verbos que apresentam ocorrências tanto no subjuntivo quanto no indicativo são *importar* e *considerar*. Os demais verbos apresentam ocorrência somente no subjuntivo ou somente no indicativo.

Ressaltamos o exemplo (114) em que há o uso do indicativo na encaixada apesar da presença da negação na matriz que é favorecedora do uso do subjuntivo. Mesmo diante da presença de um fator que condicionaria o uso do subjuntivo, o indicativo entra nesse campo semântico que se apresenta adverso ao seu uso.

5.1.2.2 *Crer e Acreditar*

Decidimos discutir os resultados dos verbos *crer* e *acreditar* conjuntamente devido ao fato de estarem inseridos no grupo de verbos indiferentes-opinião e suposição, os quais possuem um campo semântico em que pode ocorrer tanto o indicativo quanto o subjuntivo, além de serem sinônimos.

Encontramos em nossos dados 19 ocorrências do verbo *crer* na matriz. Destas, 10 referem-se ao uso do subjuntivo e 9, ao do indicativo, resultando em uma frequência de uso do subjuntivo na encaixada de 53%. O resultado, em peso relativo, mostra que o uso do modo subjuntivo é favorecido em 0,838. Vejamos os exemplos (120) e (121).

- (120) “Bom, eu creio que ESTEJA acontecendo, que eles estão sempre ali em cima, mas eu vendo, assim... eu nunca vi uma pessoa chegar pra mim: “Ah! foi assim, tal, na palestra e tal vi que não era bom e parei, assim”...” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)
- (121) “...Que eles até que Jô Soares falou uma brincadeira sobre aquela, que acho que [emendar] Jesus três vezes, teve uma brincadeira, assim, mais ou menos, que Jô Soares fez e eles saíram, não sei porque, mas eles saíram da parte Gospel, então, aí, eu creio que não VAI muito pra frente, não.” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

Já o verbo *acreditar* apresentou 15 ocorrências, com 6 no subjuntivo e, 9, no indicativo, com uma frequência de uso de 40% do subjuntivo na encaixada. Na rodada de pesos relativos, obtivemos 0,515 de favorecimento do subjuntivo, demonstrando um equilíbrio nos uso das formas subjuntiva e indicativa na fala dos moradores de Vitória. Os exemplos (122) e (123) retratam parte das ocorrências do verbo *acreditar*.

- (122) “...eu acredito que TENHA laços eternos mesmo... eu li uma vez “laços eternos”... um livro... da... ai ai meu Deus... o nome da autora... é psicografar...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)
- (123) “Tem bastante linha, esse microônibus que começaram a circular também. Eu acredito que ATENDE bem.” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Pereira (1974, p.129-132), ao discutir o uso do indicativo ou do subjuntivo na encaixada quando da presença de verbo indiferente-opinião e suposição na matriz, discorre sobre a ocorrência de verbos ambíguos, como *sentir* e *dizer*, também chamados de homônimos. Sob esse escopo, a autora também classifica os verbos *crer* e *acreditar*, os quais, para ela, significam “ter fé ou convicção”, quando no indicativo, ou “supor”, quando no subjuntivo.

Não acreditamos que a classificação feita por Pereira (1974) deva ser tão determinística, pois, ao lidarmos com dados reais de fala, nos deparamos com o uso variável que o falante faz das formas verbais as quais compõem seu arcabouço linguístico.

Isso pode ser percebido nos exemplos apresentados. Em (120), o falante usa o subjuntivo (eu creio que ESTEJA acontecendo), que, segundo Pereira (1974), exprime uma suposição a qual é reforçada no decorrer da fala (mas eu vendo, assim... eu nunca vi) com a impossibilidade de o falante afirmar o que foi dito por não possuir argumento. O mesmo pode ser observado em (121), apesar da presença do indicativo (eu creio que não VAI muito pra frente, não), haja vista que o falante não pode afirmar algo que está relacionado ao futuro de outrem.

Assim, observamos traços que corroboram a nossa hipótese de que este verbo, em nossos dados, exprime suposição. No exemplo (120), o contexto da fala do informante é o trabalho do agente de saúde na prevenção de doenças. O informante, ao ser questionado pelo entrevistador sobre o resultado deste trabalho, não pôde ser conclusivo, pois disse que não tem conhecimento de alguém que tenha relatado algum resultado.

Percebemos, nas outras ocorrências do verbo *crer* em nossos dados, um paralelismo quanto ao sentido de suposição. Para reforçar esta afirmação, apresentamos o exemplo (124).

(124) “l: depende muito da empresa né? Essa privatização do Banestes eu acho que não é benéfica pro estado...primeiro que ia reduzir muito a quantidade de bancos...sendo que...a maioria da população...capixaba creio que SEJA do Banestes né?...tenha conta no Banestes... talvez seria muito complicado pra essas pessoas...

Em (124), a ideia de suposição é ratificada pelo uso do verbo *achar*, além da presença do modalizador *talvez*. O informante faz conjecturas a partir da possibilidade de privatização do banco estadual.

Já as ocorrências do verbo *acreditar* nos exemplos (122) e (123), apesar da ocorrência de tempos verbais distintos na encaixada, encerram o significado de convicção. Em (122), a falante faz uma afirmação (eu acredito que TENHA laços eternos mesmo) e utiliza-se do vocábulo *mesmo*, para ratificar sua convicção. Já em

(106), para afirmar que o serviço de transporte público é bom (Eu acredito que ATENDE bem) a falante cita a implementação de outras linhas e outros ônibus (Tem bastante linha, esse microônibus que começaram a circulá também).

O verbo *acreditar* também foi tratado por Almeida (2010, p.239-240) como tradutor de sentidos diferenciados: opinião ou hipótese. De acordo com o sentido expresso na oração, há o uso de determinado modo verbal: indicativo, no caso de opinião; e subjuntivo, no caso de hipótese. Entretanto, a autora ressalta que, caso haja a presença de um elemento de negação na matriz, o uso do subjuntivo na encaixada é categórico. Nossos dados não corroboram a afirmação de Almeida (2010).

(125) “... eu não acredito que É esse sol também ... tá gravando ...”
(mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(126) “...você não acredita que a pessoa MUDA não?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(127) “...eu não acredito que nos próximos cem anos VAI tar muito diferente disso...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Observamos, portanto, que a alternância no uso do subjuntivo ou do indicativo na comunidade de fala de Vitória é mais acentuada do que em outras comunidades de fala pesquisadas. Atribuir essa variação somente à intenção do falante ou às conjecturas feitas a partir de dados que muitas vezes não refletem situações reais de fala seria minimizar toda a complexidade existente na alternância.

Verificamos que essa alternância está acima das expectativas estabelecidas, bem como que se faz necessário um estudo do contexto da alternância, ou seja, o recorte discursivo deve ser maior para que possamos captar as nuances semânticas, sintáticas e/ou pragmáticas que ainda não nos são conhecidas.

Quanto ao comportamento um pouco diferenciado dos verbos *crer* e *acreditar*, que não era esperado, intuímos que se deva ao fato de que, em nossos dados, o verbo *crer* carrega um traço que imprime suposição, enquanto o verbo *acreditar*, um traço em que a fé ou a convicção prevalece.

Apesar de não apresentarmos todas as ocorrências dos verbos analisados, percebemos que há paralelismo, possibilitando as reflexões aqui apresentadas.

5.1.2.3 *Achar*

O verbo *achar* a princípio foi analisado juntamente com os demais verbos indiferentes de opinião. No entanto Rocha (1997) e, em seguida, Carvalho (2007) e Oliveira (2007) perceberam que, se o verbo *achar* fosse mantido com os demais verbos, a análise poderia ser enviesada.

O verbo *achar* encontra-se em um grupo de verbos cuja presença na matriz imprime na encaixada tanto a ocorrência do indicativo quanto do subjuntivo. No entanto, os resultados das pesquisas até agora realizadas mostraram que a presença desse verbo na matriz condiciona quase prototipicamente a seleção da forma indicativa na encaixada, desfavorecendo drasticamente a forma subjuntiva.

Em nossos dados, encontramos 167 ocorrências do verbo *achar*, sendo somente 9 relativas ao uso do subjuntivo. Com peso relativo de 0,165, percebemos o desfavorecimento da seleção da forma subjuntiva.

Entre as ocorrências com a forma subjuntiva na encaixada, temos 6 casos com negação na matriz que favorece o uso da forma verbal selecionada.

(128) “...como eu falei... eu não acho assim que Vitória SEJA uma cidade muito violenta entendeu? mas nem assim que TENHA muito policiamento...que SEJA muito segura é...ela é razoável...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Há também uma ocorrência com negação na encaixada.

(129) “...eu cheguei em casa todo ralado ... eu achei que minha mãe não FOSSE me bater né? ... cheguei em casa ainda levei a surra ...” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

Além de duas ocorrências com afirmação tanto na matriz quanto na encaixada.

(130) “E 2 — E...você acha que existe idade certa...pra se casar?”

I — Não...não...não...acho que DEVA...DEVE casar...quando...bem entender...não tem idade certa não pra casar não...” (homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(131) “Ah, cê é motorista? Achei que cê FOSSE trocador!” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Nos exemplos (128) e (129) o uso da forma subjuntiva está relacionada à negação, respectivamente, na matriz ou na encaixada. Já em (130) e (131), não temos a presença da negação.

Em (130), temos na encaixada a presença do verbo *dever*, que possui o traço [- dinâmico]. Em nosso estudo, não realizamos o controle da dinamicidade do verbo da encaixada, mas nos apoiamos na pesquisa de Rocha (1997, pp. 92-94) que, ao proceder esse controle, percebeu que os verbos regulares que possuem o traço [- dinâmico], como é o caso do verbo *dever*, desfavorecem o uso do subjuntivo com peso relativo de 0,41. Apesar deste desfavorecimento, acreditamos que, em comparação com o resultado para o verbo *achar*, com peso relativo de 0,165, o uso da forma subjuntiva seja atribuída à presença do verbo *dever* na encaixada.

Quanto ao exemplo (131), atribuímos que o uso da forma subjuntiva na encaixada deva-se ao fato de que o tempo verbal da matriz seja o pretérito perfeito, haja vista que em nossos resultados verificamos que o tempo pretérito na matriz favorece o uso do subjuntivo na encaixada.

Excetuando-se os casos acima apresentados, nas demais ocorrências, temos o indicativo na encaixada.

(132) “...eu acho que a situação PIORA...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(133) “...e graças a Deus quando ela nasceu, ela nasceu de sete meses eu achava que não TINHA nem mesmo neném...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

Rocha (1997, p. 73) identificou também em sua pesquisa que o uso da forma subjuntiva na encaixada é mais provável quando o tempo da matriz é o pretérito.

Segundo Galvão e Nascimento (2006), o verbo *achar* com o sentido de *palpite*, o qual predomina em nossos dados,

deixa de apresentar as propriedades verbais mais plenas, ou seja, deixa de manifestar variabilidade de modo, tempo e pessoa, evidenciando uma decategorização (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Todas as ocorrências desse tipo de *achar* encontram-se em primeira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo. Essa cristalização de modo, tempo e pessoa deve estar relacionada ao fato de que o momento da enunciação é simultâneo à modalização do conteúdo enunciado, quando o falante chama para si a responsabilidade sobre o que diz, posicionando-se em relação à avaliação do valor de verdade do que enuncia. (GALVÃO e NASCIMENTO, 2006, p. 362)

Esse sentido de *palpite* poderia também ser subentendido como *talvez*, o que ocasiona, segundo Almeida (2010, p.238), um esvaziamento semântico. A autora ressalta que só há manutenção de sentido pleno do verbo *achar* quando ele é precedido da partícula negativa *não* ou quando se refere à 3ª pessoa, nesses casos, há manutenção de sentido: avaliação. A negação na matriz, além de preservar o sentido do verbo, também condiciona o uso do subjuntivo na encaixada, conforme os exemplos abaixo.

- (134) “Agora pra adotá uma criança, eu num acho que TENHA...”
(mulher, 26 a 49 anos, ensino fundamental)
- (135) “...uma pessoa que... malha umas cinco seis horas por dia... não deve ser normal isso... tem que ser/ não acho que SEJA... tipo assim/ tipo assim...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)
- (136) “l: Olha foi um problema...não, ele agora ele gosta, porque agora a gente ta construindo então ta adquirindo mais coisas então ta se prendendo mais...mas era muita briga porque ele acha que eu FICO aqui por causa da minha família...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)
- (137) “...o volume de muita gente né? pra pouco ônibus aí às vezes a pessoa acha que É POUCO...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

Em nossos dados, parte da afirmação feita por Almeida (2010) é corroborada, no entanto não há categoricidade. Em (134), há a presença do termo *num* e, em (135), aparece *não*, ambos expressam negação, condicionando, portanto, o uso do

subjuntivo na encaixada. Já nos exemplos (136) e (137), temos as duas únicas ocorrências da 3ª pessoa do singular na matriz que deveria condicionar o uso do subjuntivo na encaixada, porém o modo usado na encaixada é o indicativo.

Nossos resultados mostram-nos que a presença do verbo *achar* na matriz é forte favorecedora da seleção da forma indicativa na encaixada, apesar de esse verbo possibilitar também a ocorrência do subjuntivo. A seleção desta forma é mais provável caso haja na matriz um elemento de negação ou caso tempo verbal da matriz seja o pretérito.

5.1.3 Campo de expectativa de uso da forma indicativa na encaixada

5.1.3.1 *Falar, Dizer, Comentar*

Os verbos *falar*, *dizer* e *comentar* são classificados por Neves (2000, p. 48) como verbos de elocução, subdivididos em verbos de dizer, ou verbos *dicendi*, ou seja, “são verbos de ação cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz.” A autora classifica *falar* e *dizer* como verbos neutros, já o verbo *comentar* é colocado por ela no grupo de verbos que apresentam lexicalizado o modo que caracteriza o dizer.

Pereira (1974, p.170) classifica os mesmos verbos como performativos os quais podem “informar alguém de que um determinado estado de coisas existe – *falar* e *dizer* – ou “fazer ver alguma coisa, sugerir, insinuar” – *comentar*, entre tantas outras funções demonstradas pela autora.

Segundo Pereira (1974, p.170-171), os verbos em análise pertencem a um dos grupos favorecedores da ocorrência do indicativo na encaixada, os verbos performativos. Nossos resultados corroboram o estudo da autora ao obtermos 0,353 de peso relativo, com uma frequência de uso do subjuntivo de 22%.

O verbo *falar* não apresenta nenhuma ocorrência no subjuntivo, os três dados encontrados em nosso *corpus* referem-se ao indicativo.

(138) “...você fala que É uma vez só... mas por exemplo... vêm os filhos...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(139) “...e você fala assim que você GOSTA de bíblia...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(140) “Eu falo assim que eu SOU certa,...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

(141) “...porque... incentivo da minha mãe ela fala que lá não TÁ bom essas coisas...” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

Quanto ao verbo *dizer*, há duas ocorrências no subjuntivo, ambas possuem a negação na matriz, a qual favorece a ocorrência desse modo verbal.

(142) “...não tou dizendo que SEJA culpa da pessoa...” (homem, + de 49 anos, ensino universitário)

(143) “...como é que pode o Brasil ser o segundo país que mais paga imposto no mundo...e ter tanto problema assim...eu não vou dizer que os outros países não TENHAM mas...problema tipo assim de uma saúde precária um ensino/ um sistema de educação precário...” (mulher, 15 a 25, ensino médio)

No caso do verbo *dizer*, temos, portanto, que a entrada do subjuntivo no campo de ocorrência do indicativo é favorecida quando há a presença do elemento de negação na matriz. Já nos exemplos (144) e (145), percebemos que a negação favorece, mas não condiciona o uso da forma subjuntiva.

(144) “...até que eu num digo que televisão INFLUENCIA não porque [inint] constantemente [inint]...” (homem, 26 a 49 anos, ensino médio)

(145) “...não digo que eu GOSTO né??... mesmo é os gorilas... gorilas é um um grupo só que virtual...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Há somente uma ocorrência do verbo *comentar*, a qual está no indicativo.

(146) “...todo mundo comenta que a prefeitura de Vitória É muito fácil de governar né...tem muito...muita verba pra...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

O verbo *comentar* comporta-se da mesma maneira que o verbo *falar*. No entanto, ressaltamos que temos uma pequena quantidade de dados, haja vista que esses verbos não são recorrentes nas entrevistas que compõem o nosso *corpus*.

Os verbos *falar* e *comentar* apresentaram somente ocorrência da forma indicativa, diferentemente do verbo *dizer* que apresentou a ocorrência tanto da forma subjuntiva quanto da indicativa. Como vimos, a presença da negação na matriz ocorreu somente com o verbo *dizer*, favorecendo o uso da forma subjuntiva, não de forma prototípica. Lembramos que em 5.2.1 discutiremos o papel da negação na seleção do modo subjuntivo. Logo, observamos que a entrada da forma subjuntiva no campo semântico de ocorrência da forma indicativa esteja condicionada à presença da negação na matriz. Entretanto, para que possamos corroborar essa afirmação, faz-se necessária uma ampliação na quantidade de dados, pois, assim, o fenômeno de alternância poderá ser melhor entendido.

5.1.3.2 *Descobrir, Perceber, Saber*

Segundo Neves (2000, p.32), os verbos *descobrir*, *perceber* e *saber* são verbos factivos epistêmicos, os quais “têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a **pressuposição completiva** é factual (isto é, o fato expresso na **oração completiva é verdadeiro**).” Diante do contexto no qual esses verbos estão inseridos, espera-se a ocorrência do indicativo na oração encaixada.

O resultado desse último grupo de verbos mostrou que, das 11 ocorrências, apenas uma refere-se ao subjuntivo, ou seja, temos um outro grupo de verbos favorecedor do uso do indicativo. Isso pode ser ratificado pelo resultado em peso relativo com 0,140 de desfavorecimento do subjuntivo.

A única ocorrência do subjuntivo deu-se com a presença do verbo *saber* na matriz diante da dupla negação – negação na matriz e na encaixada.

(147) “...porque dá um exemplo que desapontou bastante... não que eu não saiba que não EXISTA e tudo mais você vê quando você vê tipo assim “ah entrou o PT” ah cê acha que vai melhorar tem aquele negócio Partido dos Trabalhadores um partido mais social não sei o

quê então cê vê a Marta Suplicy entrou ganhou e no fundo ela tá fazendo a mesma coisa que os outros fazem quem tá ganhando obra é quem bancou a campanha dela...” (homem, 26 a 49 anos ensino universitário)

O verbo *saber* é o que apresenta o maior número de ocorrências, com 9 no total. O exemplo acima refere-se à única ocorrência com negação na matriz, há outros casos com negação na encaixada

(148) “E1 – e se fosse lá e encontrasse a múmia?

I – mas eu sei que ela não EXISTE...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

ou afirmação tanto na matriz quanto na encaixada

(149) “...eu sempre gostei de um gato angorá, um gato de raça, mas por causa de saúde de criança, esses negócio assim, eu sei que ele TRANSMITE uma doença, não aceito, não.” (homem, + de 49 anos, ensino fundamental)

Quanto aos verbos *descobrir* e *perceber*, encontramos apenas uma ocorrência de cada um dos verbos, ambas no indicativo, conforme exemplos (150) e (151).

(150) “...mas aí né cada história é uma história né...teve uns que deram certo...às vezes a mulher sai de casa do pai vai pro marido aí descobre que realmente GOSTA do marido né...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

(151) “...e a vizinhança...você percebe que FAZ a mesma coisa ou não?...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Pereira (1974, p. 137-140) analisa o uso do verbo *perceber* na matriz, discutindo o uso do indicativo ou do subjuntivo na encaixada. Segundo a autora, quando esse verbo é afirmado, há a pressuposição de que, para o sujeito da oração matriz, a proposição expressa na oração encaixada seja factual, logo o indicativo é modo verbal a ser usado. A autora afirma ainda que o uso do subjuntivo, nesse

caso, pode provocar a agramaticalidade da sentença. O subjuntivo só é passível de uso caso ocorra a negação na matriz.

Conforme pudemos observar nos resultados de outros verbos, nem sempre o resultado prototípico encontrado em determinado estudo pode ser entendido como determinístico na seleção do uso da forma subjuntiva ou indicativa na encaixada. Nosso resultado encontrado para o verbo *perceber* encaixa-se na afirmação feita por Pereira, porém não podemos corroborar essa afirmação baseando-nos em apenas um dado para refletir o comportamento linguístico de toda comunidade de fala, haja vista que é fato a possibilidade de mover-se de um campo semântico para outro. Logo, somente a ampliação do corpus pode levar-nos a uma conclusão precisa a respeito do comportamento do verbo *perceber*, bem como do *descobrir* e do *saber*.

5.2 GRAU DE ASSERTIVIDADE

Ao lado do verbo da matriz, o grau de assertividade é uma variável que desempenha um papel muito importante no estudo da alternância da forma indicativa e da subjuntiva, sendo selecionada em todas as pesquisas realizadas sobre esse fenômeno.

Na análise do grau de assertividade, não encontramos nenhum resultado categórico. No entanto, decidimos agrupar o resultado da negação na matriz e na encaixada com o da negação na matriz, pois o primeiro apresentou somente quatro ocorrências, sendo duas no indicativo e duas no subjuntivo.

Na tabela abaixo apresentamos os resultados encontrados para essa variável.

Tabela 11 – Uso do subjuntivo em função do grau de assertividade.

Grau de Assertividade	Ocorrências do Subjuntivo	Percentual	Peso Relativo
Negação na matriz	24/41	59%	0,874
Negação na encaixada	6/38	16%	0,366
Afirmação na matriz e na encaixada	64/214	30%	0,439
Interrogativa	15/54	28%	0,471
	109/348	31%	

Os resultados demonstram que o uso do modo subjuntivo só é favorecido diante da presença da negação na matriz. Em todos os outros casos temos seu relativo desfavorecimento.

5.2.1 Negação na matriz

Na análise dos verbos da matriz, percebemos, por muitas vezes, que a negação na matriz exerce um papel de suma importância no favorecimento do uso da forma subjuntiva em ambientes em que não há a expectativa do uso dessa forma verbal. Das 41 ocorrências de negação na matriz, 24 referem-se ao subjuntivo, perfazendo 59% de frequência de uso do subjuntivo, com peso relativo de 0,874.

Segundo Neves (2000, p. 285-286), “a negação é uma operação que atua no nível sintático-semântico, bem como no nível pragmático.” A autora, ao fazer um estudo minucioso da negação, trata da negação no âmbito da subordinação, tanto na oração matriz quanto na completiva. Vamos nos deter mais especificamente à presença da negação na matriz.

A presença da negação na matriz opera como atenuador da factualidade expressa, possibilitando, assim, o uso do modo subjuntivo mesmo em contextos prototípicos de uso do indicativo, como, por exemplo, com o verbo *achar*.

(152) “... uma pessoa que... malha umas cinco seis horas por dia... não deve ser normal isso...tem que ser...não acho que SEJA... tipo assim...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Neves (2000, p. 321) afirma que é mais raro encontrar a ocorrência do indicativo na encaixada quando temos na matriz o verbo *achar* diante da negação. Em nosso *corpus* contabilizamos 167 ocorrências do verbo *achar*, sendo este o verbo mais produtivo. No entanto, não encontramos nenhuma ocorrência de uso do indicativo na encaixada quando da presença de negação na matriz com o verbo *achar*. Segundo Almeida (2010, p. 112), em seu estudo da variação de uso do subjuntivo do século XIII ao XX, em todos os séculos o verbo *achar* só seleciona o uso do subjuntivo na encaixada, caso haja a presença de um elemento de negação na matriz.

O uso da negação no exemplo (152) pode ser explicado, segundo Neves (2000, p. 321), como um recurso usado pelo locutor para não se comprometer, haja vista que o enunciado geralmente é produzido na primeira pessoa do singular.

Nos exemplos (153) e (154), temos o verbo *acreditar* na matriz, o qual provocou tanto a ocorrência da forma indicativa quanto da subjuntiva na encaixada.

(153) “E1: Será que é por causa da quantidade que perde a qualidade?”

E2: Eu acho que é... não tem como você...

I: Ah...eu...é uma coisa muito eca... eu acho que ainda mais aquilo gente não acredito que aquilo SEJA tão bem... limpo sabe? assim?
(mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(154) “E2: mas você acha que você CONSEGUE fazer essa avaliação assim...antes de casar com a pessoa...você não acredita que a pessoa MUDA não?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

Temos tanto a seleção da forma subjuntiva quanto da forma indicativa diante da negação, corroborando a possibilidade de variação. Em (153), as entrevistadoras conversam com a informante sobre a comida do restaurante universitário, aquelas creditam a má qualidade da comida à grande quantidade que tem de ser produzida diariamente. No entanto, a informante explicita seu sentimento em relação à comida ao usar o termo *eca*, mas no intuito de preservar a sua face⁷, segundo a pragmática. Ela levanta a questão da limpeza sem a factualidade usada em outros momentos em que ela explicita sua opinião. Já em (154), a entrevistadora levanta a questão de que é possível que a pessoa mude após o casamento. Por não ter a certeza do que pode acontecer no futuro, a negação atenua também a factualidade.

Fizemos o cruzamento do grau de assertividade com o verbo da matriz para visualizarmos melhor a atuação das duas variáveis sobre a variação da forma verbal da encaixada.

⁷ Segundo Goffman (1967), a preservação da face está ligada à autoestima, ou seja, à necessidade que os indivíduos têm de preservar a sua imagem perante a sociedade, pois dessa forma são aceitos pela comunidade na qual estão inseridos.

Observando a correlação entre o grau de assertividade e o verbo da matriz, verificamos que a seleção da frequência de uso da forma subjuntiva é mais favorecida quando há na matriz a negação.

Apresentamos os resultados da correlação cruzada na tabela 12, em seguida temos análise para esses resultados.

Tabela 12 – Uso do subjuntivo em função do grau de assertividade e do verbo da matriz.

Verbo da Matriz	Ocorrências do Subjuntivo	Negação Matriz	Negação Encaixada	Afirmação Matr./Encaix	Interrog.	Total
Querer	Ocorrência/ Total percentual	3/5 60%	1/2 50%	24/27 89%	6/8 75%	34/42 81%
Pedir, mandar, exigir, determinar, esperar, aceitar, concordar, permitir, preferir, pretender, precisar, ter medo	Ocorrência/ Total percentual	2/2 100%	Não há dados	15/20 75%	3/3 100%	20/25 80%
Modalizador (talvez)	Ocorrência/ Total percentual	Não há Dados	0/2 0%	13/27 48%	1/1 100%	14/30 47%
Supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar, duvidar	Ocorrência/ Total percentual	4/7 57%	0/3 0%	3/5 60%	4/5 80%	11/20 55%
Crer	Ocorrência/ Total percentual	4/4 100%	2/3 67%	3/11 27%	1/1 100%	10/19 53%
Acreditar	Ocorrência/ Total percentual	2/5 40%	1/2 50%	3/6 50%	0/2 0%	6/15 40%
Achar	Ocorrência/ Total percentual	6/6 100%	1/22 5%	2/106 2%	0/33 0%	9/167 5%
Gostar	Ocorrência/ Total percentual	1/8 12%	0/0 0%	1/2 50%	Não há dados	2/10 20%
Falar, dizer, comentar	Ocorrência/ Total percentual	1/3 33%	1/1 100%	0/5 0%	Não há dados	2/9 22%
Descobrir, perceber, saber	Ocorrência/ Total percentual	1/1 100%	0/3 0%	0/6 0%	0/1 0%	1/11 9%

Ao observarmos o verbo *querer*, percebemos que a negação não exerce uma função tão contundente no uso da forma subjuntiva, haja vista que esse verbo na matriz, por si só, tem uma influência no uso da forma subjuntiva na encaixada de 81%, enquanto, ao cruzarmos o verbo *querer* com a negação, a frequência passa a ser 60%.

Já os demais verbos classificados como volitivos aumentam a frequência de uso da forma subjuntiva quando da presença da negação na matriz de 80% para 100%, logo o favorecimento inerente ao verbo é reforçado pela negação na matriz.

Com os verbos *supor*, *pensar*, *imaginar*, *parecer*, *importar*, *considerar* e *duvidar* também não temos o uso da forma subjuntiva na encaixada exacerbada com a presença da negação na matriz, pois a frequência de uso sobe de 55% para 57%. O mesmo acontece com os verbos *falar*, *dizer* e *comentar* cuja frequência de uso sobe de 22% para 33%.

A frequência de uso da forma subjuntiva quando há na matriz o verbo *acreditar* não sofre alteração com a presença da negação na matriz. Pois o efeito permanece o mesmo 40%.

Já os verbos *crer*, *achar*, *descobrir*, *perceber* e *saber* têm um efeito contundente com a presença da negação na matriz, haja vista que essa presença exagera o efeito do tipo do verbo no uso da forma subjuntiva. O verbo *crer* tem uma frequência relativa de uso de 53% que vai a 100%. O verbo *achar* passa de 5% para 100%, enquanto os verbos *descobrir*, *perceber* e *saber* passam de 22% para 100%.

O único resultado inverso é encontrado com o verbo *gostar*. O efeito do tipo do verbo no campo do subjuntivo é desfavorecido com a presença da negação na matriz, haja vista que a frequência média de uso da forma subjuntiva é de 20%. No entanto, quando há a presença da negação na matriz, o uso dessa forma é desfavorecida com 12% de frequência de uso.

Temos, portanto, que a negação na matriz com peso relativo de 0,874 tem de forma geral um efeito muito forte no favorecimento do uso da forma subjuntiva na encaixada. Esse efeito é exacerbado no ambiente que há a expectativa tanto da forma subjuntiva quanto da indicativa, bem como com os verbos *descobrir*, *perceber* e *saber* em que só há o uso da forma subjuntiva com a negação na matriz.

5.2.2 Negação na encaixada

Ao compararmos os resultados do efeito da negação na matriz e da negação na encaixada, percebemos que a primeira favorece o uso da forma subjuntiva, com peso relativo de 0,874, enquanto a segunda a desfavorece, com peso relativo de 0,366.

Em nossos dados, a presença da negação na encaixada não modifica o efeito do verbo da matriz na encaixada ao observarmos as ocorrências por nós controladas:

- (155) “...eu acho que não PRECISA ser mostrado esse tipo de coisa...”
(mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)
- (156) “l: É porque é database em agosto. Eles ficam fazendo corpo duro pra não melhorar o salário. Eles fala que o correio tá trabalhando no vermelho, tá não sei o que, mas eu considero que isso não É verdade. Não é verdade porque é muito de serviço que aparece.”
(homem, + de 49 anos, ensino fundamental)

Encontramos o uso da forma subjuntiva na encaixada com a presença da negação na encaixada com os verbos *querer*, *crer*, *acreditar*, *achar*, e o grupo *falar*, *dizer* e *comentar*.

- (157) “...eu já sei que elas já SABEM ir até a gaveta pegar sabem qual é a gaveta de carrinho qual é a gaveta da família ... qual é a caixa que tem os brinquedos... assim assado e que eu quero que ela justamente BUSQUE que ela justamente PROCURE e não FIQUE tudo à disposição dela aí ele entende...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)
- (158) “...mas não sei... creio que não ATUE não...” (homem, 15 a 25 anos, ensino universitário)
- (159) “...a humanidade é muito louca assim...na verdade a violência... deixar de existir eu acredito que não VÁ acontecer...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

(160) “...eu cheguei em casa todo ralado ... eu achei que minha mãe não FOSSE me bater né?...cheguei em casa ainda levei a surra ...”
(homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

(161) “I — a culpa é do governo...mas... a maior parte do problema é... você vê a corrupção...gente...como é que pode o Brasil ser...eu acho que é o segundo país que mais paga imposto no mundo...e ter tanto problema assim... eu não vou dizer que os outros países não TENHAM mas...problema tipo assim de uma saúde precária, um sistema de educação precário...um sistema carcerário precário... não tem lógica...uma polícia...corrupta... não faz sentido...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

No exemplo (157) o efeito do verbo *querer* é preservado quando da presença da negação na encaixada. Logo, a presença da forma subjuntiva não se deve à negação, mas ao traço volitivo do verbo. No cruzamento do verbo *querer* com o grau de assertividade, verificamos que a negação na encaixada diminui a frequência relativa de uso da forma subjuntiva de 81% para 50%.

A negação na encaixada, diferentemente do que ocorreu com o verbo *querer*, aumentou a frequência de uso da forma subjuntiva quando da presença do verbo *crer* na matriz, exemplo (158), de 53% para 67%, o efeito não é muito forte, mas pode ser considerado razoável.

O verbo *acreditar* teve a frequência relativa de uso da forma subjuntiva na encaixada realçada devido à presença da negação na encaixada. Ao analisarmos o verbo *acreditar*, obtivemos uma frequência de uso de 40% do subjuntivo na encaixada, e a entrada da negação na encaixada aumentou essa frequência para 50%.

No exemplo (160), temos o verbo *achar* na matriz, o qual desfavorece o aparecimento da forma subjuntiva na encaixada. No entanto, temos essa forma na encaixada, bem como a negação, porém creditamos o uso dessa forma verbal ao verbo da matriz e não à presença da negação na encaixada.

Temos uma única ocorrência do subjuntivo na encaixada com negação com o verbo *achar* no pretérito. Nesse caso, a ocorrência do subjuntivo é esperada, tanto devido à negação na encaixada, quanto ao tempo verbal da matriz.

Temos, portanto, que a negação na encaixada tem efeito desfavorecedor da forma subjuntiva com 0,366, ou seja, tem efeito radicalmente distinto da negação na matriz, que favorece fortemente a forma subjuntiva na encaixada, com peso relativo de 0,874. Logo, percebemos que na continuidade desse estudo, o que precisamos é entender qual é a diferença discursivo-semântica do efeito da negação sentencial (negação na matriz) e da negação verbal (negação na encaixada).

5.2.3 Afirmação na matriz e na encaixada

A maior parte das ocorrências do grau de assertividade refere-se às orações em que há afirmação tanto na matriz quanto na encaixada, são 214 ocorrências com apenas 64 no subjuntivo, gerando uma frequência de uso de 30%, com peso relativo de 0,439.

Ao compararmos a negação na matriz, a negação na encaixada e a afirmação na matriz e na encaixada, podemos perceber que esta última apresenta um efeito neutro em relação às outras duas: não favorece o subjuntivo e nem tampouco o indicativo.

Analisando o resultado do cruzamento do verbo da matriz com a assertividade, temos que no caso do verbo *querer* a frequência relativa de uso é um pouco mais favorecida com a afirmação na matriz e na encaixada, passando de 81% a 89%.

(162) “Eu não tenho nada a ver com a vida da pessoa. Agora... eu não desejo que a pessoa também ficou aqui no viciado. Eu quero que o cara se LIBERTE, mas...roubar pra poder fumar e tal, rouba até as coisas da gente que já não tem nada... Ah, isso eu sou contra até demais.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

Porém, entendemos que esse uso esteja relacionado ao verbo da matriz e não à afirmação na matriz e na encaixada.

O mesmo acontece com os verbos agrupados como de opinião-suposição, com um aumento da frequência relativa de uso de 55% para 60%.

(163) “...que é o vamos supor que SEJA os Estados Unidos...”
(homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Assim também com o verbo *acreditar* de 40% para 50%.

(164) “...o que eu vejo é o seguinte...eu vejo de fora...de quem ‘tá de fora...e de quem usa e que comenta né!...minha empregada... meus funcionários né!...que em horários de pique são superlotados ...eu acho... eu penso que...toda vez...realmente eu reparo isso... deveria ter mais unidades nesse momento até acredito que TENHA mas mesmo assim sempre é insuficiente que estão sempre lotados...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)

Mas o maior efeito da afirmação na matriz e na encaixada ocorre com a presença do verbo *gostar* na matriz com um aumento de 20% para 50%.

(165) “Inf - porque é...tipo assim...elas gostava que eu FIZESSE medicação que minha mão é leve pra fazer uma injeção fazer um curativo...” (mulher, + de 49 anos, ensino médio)

Porém, acreditamos que o uso da forma subjuntiva está relacionado à presença do pretérito imperfeito na matriz.

Portanto, temos que, apesar do aumento da frequência relativa de uso da forma subjuntiva diante da presença de alguns verbos na matriz, a afirmação na matriz tem um efeito neutro no uso da forma indicativa ou subjuntiva, ou seja, ela não provoca uma mudança efetiva no efeito do verbo da matriz.

5.2.4 Interrogativa

A ideia primeira desse trabalho desenvolveu-se exatamente por ouvirmos em situações cotidianas o uso da forma indicativa no lugar da forma subjuntiva, principalmente com o verbo *querer* na matriz em orações interrogativas. Porém, acreditávamos que ao trabalharmos com o PORTVIX, nossa percepção não seria

corroborada por se tratar de um *corpus* em que há um certo grau de formalidade. No entanto, a nossa intuição foi corroborada mesmo em situação de entrevista.

A oração interrogativa tem efeito intermediário na seleção da forma subjuntiva com 0,471 de peso relativo.

(166) “E1: a gente beze com um tercinho bento né...

E1: e tem oração alguma coisa assim?...

Inf: tem, a gente tem que aprender...

E1: como que é?...

Inf: eu sei rezar... cê quer que eu REZE do olhar?” (mulher, + de 49 anos, ensino fundamental)

(167) “I: “quer que eu FALE cada um deles?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

(168) “I: Quer que eu EXPLICO como começou?” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

(169) “Não é esses tipos de assim...tio eu posso ir ali? “que horas você vai voltar? tá indo agora vai voltar tal hora” assim... aí deixa “cê quer que eu VOU te buscar?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

O resultado de 0,471 apresentado refere-se à nossa rodada geral. No intuito de verificar se esse efeito neutro é fato independente do tipo de verbo, realizamos uma rodada somente com verbos favorecedores da ocorrência da forma subjuntiva ou somente da indicativa.

No campo de ocorrência somente da forma subjuntiva, obtivemos uma frequência relativa de uso do subjuntivo de 83% diante da interrogativa com 12 ocorrências, sendo 10 no subjuntivo. No campo de ocorrência do indicativo, tivemos apenas uma ocorrência da interrogativa, sendo esta no indicativo.

Verificamos, portanto, que, apesar de a interrogativa apresentar um resultado neutro, no campo de ocorrência da forma subjuntiva, essa prevalece quando temos uma oração interrogativa, bem como o indicativo, no campo de ocorrência da forma indicativa. Logo, o traço semântico inerente ao verbo prevalece no uso da forma subjuntiva ou da indicativa quando tratamos de uma oração interrogativa.

5.3 TEMPO VERBAL DA MATRIZ

Em nossa pesquisa, decidimos controlar o tempo verbal da matriz, pois, como já dissemos, baseamo-nos em outras pesquisas já realizadas que também fizeram esse controle. Este grupo de fatores foi dividido em presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, este com apenas três ocorrências no subjuntivo, as quais foram amalgamadas ao tempo verbal pretérito imperfeito.

Carvalho (2007, p.113-114) controla o tempo verbal da matriz, fazendo, inclusive, separadamente a análise do presente e do pretérito imperfeito. Para tanto, a autora baseia-se em Givón (1995, p.116) que afirma haver correlações entre tempo, aspecto e modalidade, ao considerar a complexidade da categoria verbal. Isto pode ser observado, por exemplo, na expressão de futuro, pois esta pode ocorrer desvinculada do tempo e associada à modalidade.

Agora vamos verificar a atuação do tempo da matriz na seleção do indicativo ou do subjuntivo.

Tabela 13 – Uso do subjuntivo em função do tempo verbal da matriz

Tempo verbal da matriz	Ocorrências do Subjuntivo	Percentual	Peso Relativo
Presente	79/296	27%	0,464
Pretérito Perfeito ou Imperfeito	16/21	76%	0,884
	95/317	30%	

Ao analisarmos nosso *corpus*, obtivemos 347 dados. No entanto, quando analisamos o tempo verbal da matriz, apresentamos somente 317 dados; tal fato deve-se às 30 ocorrências do modalizador *talvez*. Nas orações nas quais há a presença desse modalizador, não há tempo verbal no escopo da matriz, logo os fatores relacionados à matriz foram codificados como não se aplica (/).

- (170) “todo mundo gosta do meu filho da minha filha eu quero que meus neto SEJAM a mesma coisa né...eu peço a eles que eu num brigo eu num bato...nunca bati nos meus filhos graças a Deus... perguntar eles falam...” (mulher, + de 49 anos, ensino fundamental)

- (171) “Inf: mas eu acredito que eles FAZ também a mesma coisa... eles combate ajuda combater...” (homem, 26 a 49 anos, ensino médio)
- (172) “...eu fui lá pra me informar...por um outro...motivo...e eles tavam cadastrando as pessoas...os moradores...eles tinham as pessoas pra ver...saber sobre cada setor...cada área do bairro...eles tavam organizando então até a pessoa que eu queria que FOSSE atendida...naquele posto...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino universitário)
- (173) “E1: Ah, cê é motorista? Achei que cê FOSSE trocador!” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)
- (174) “...queria dormir sozinha num podia porque ele num queria... queria que ela DORMISSE com ele...ah...eu hein...acho que assim já é demais...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)
- (175) “e graças a Deus quando ela nasceu, ela nasceu de sete meses eu achava que não TINHA nem mesmo neném na minha barriga...quando eles tavam cuidando dela eu não sabia se eles se cuidavam de mim ou se ficava olhando pra trás como ela tava...você entendeu:...” (mulher, 26 a 49 anos, ensino médio)

Nossos resultados demonstram que o pretérito é o grande favorecedor do uso do subjuntivo com peso relativo de 0,884. Para analisarmos melhor o resultado obtido, resolvemos cruzar a tempo verbal da matriz com o verbo da matriz para identificarmos quais os verbos que favorecem o uso do subjuntivo na encaixada quando o pretérito é o tempo verbal da matriz.

Tabela 14 – Cruzamento do verbo da matriz com o tempo verbal da matriz

Verbo da Matriz	Ocorrências do Subjuntivo	Presente	Pretérito	Totais
Querer	Ocorrência/ Total percentual	21/29 72%	13/13 100%	34/42 81%
Pedir, mandar, exigir, determinar, esperar, aceitar, concordar, permitir, preferir, pretender, precisar, ter medo	Ocorrência/ Total percentual	20/25 80%	Não há dados	20/25 80%
Supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar, duvidar	Ocorrência/ Total percentual	11/18 61%	0/2 0%	11/20 55%
Crer	Ocorrência/ Total percentual	10/19 53%	Não há dados	10/19 53%
Acreditar	Ocorrência/ Total percentual	6/15 40%	Não há dados	6/15 40%
Achar	Ocorrência/ Total percentual	7/164 4%	2/3 67%	9/167 5%
Gostar	Ocorrência/ Total percentual	1/8 12%	1/2 50%	2/10 20%
Falar, dizer, comentar	Ocorrência/ Total percentual	2/9 22%	Não há dados	2/9 22%
Descobrir, perceber, saber	Ocorrência/ Total percentual	1/9 11%	0/2 0%	1/11 9%

Pela tabulação cruzada, percebemos que o efeito forte do pretérito perfeito ou imperfeito com peso relativo de 0,884 deve ocorrer, principalmente, porque este fator eleva de forma contundente o efeito do verbo *querer*, de 81% para 100%, que já é forte. Também eleva também no caso do verbo *achar*, de 5% para 67%, além do verbo *gostar*, de 20% para 50%.

Não descartamos a hipótese de que a dinamicidade do verbo da encaixada também possa aumentar o efeito do tempo pretérito na matriz na ocorrência da forma subjuntiva na encaixada. No entanto, não fizemos o controle desse traço do verbo da encaixada. A continuidade dessa pesquisa pode nos mostrar se nossa hipótese está correta.

5.4 GRAU DE ESCOLARIDADE

Entre as variáveis sociais controladas, somente o grau de escolaridade foi selecionado em nossa rodada de pesos relativos. O resultado encontrado já era esperado e corrobora a nossa hipótese de que na comunidade de fala de Vitória o uso do modo subjuntivo é diretamente proporcional ao grau de escolaridade: quanto maior o grau de escolaridade maior a frequência de uso do modo subjuntivo.

Tabela 15 – Uso do modo subjuntivo em função do grau de escolaridade

Grau de Escolaridade	Ocorrências do Subjuntivo	Percentual	Peso Relativo
Fundamental	26/97	27%	0,233
Médio	19/78	24%	0,562
Universitário	64/172	37%	0,636
	109/347	31%	

Conforme podemos observar nos resultados da tabela 15, o ensino fundamental é o que desfavorece o uso da forma subjuntiva: das 97 ocorrências, somente 26 referem-se ao subjuntivo, perfazendo 27% de frequência de uso do subjuntivo. O peso relativo de 0,233 confirma o desfavorecimento do uso da forma subjuntiva. Chamamos atenção para este fato porque esta análise foi produzida com todos os dados, ou seja, temos campo de expectativa de ocorrência do subjuntivo, do indicativo ou do subjuntivo e indicativo.

O ensino médio é quase neutro com 0,562, é o ensino superior que mais favorece o uso do subjuntivo com 0,636. Observamos que, apesar do favorecimento do modo subjuntivo pelo ensino universitário, esse favorecimento não se dá de forma categórica, ou seja, mesmo no ensino universitário há o uso variável do modo indicativo e do subjuntivo.

Ao realizarmos rodadas específicas para cada área de expectativa de ocorrência do subjuntivo ou do indicativo, percebemos que, no campo de expectativa de ocorrência do subjuntivo, os resultados acompanham os da rodada geral com todos os verbos. No ensino fundamental, temos uma frequência relativa de uso de 48%, demonstrando um desfavorecimento no uso da forma subjuntiva. O ensino

médio e o universitário apresentaram 79% e 86%, respectivamente, de frequência relativa de uso.

No campo de ocorrência do indicativo, somente no ensino fundamental não temos a entrada do subjuntivo no campo de ocorrência do indicativo. No ensino médio, temos 14% do subjuntivo e, 25% no ensino universitário.

Podemos inferir pelos resultados apresentados que o ensino fundamental é o que menos usa a forma subjuntiva, independentemente do campo de ocorrência de determinada forma verbal. Já o ensino universitário é o que mais usa o subjuntivo, tanto no campo de ocorrência da forma subjuntiva quanto no da forma indicativa, indicando, possivelmente, uma hipercorreção dos falantes que possuem o maior nível de escolaridade.

5.5 COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS DAS PESQUISAS

Como dissemos ao longo de nossa pesquisa, procederemos à comparação dos resultados por nós encontrados aos dos demais trabalhos. Começamos pela carga semântica e, em seguida, passamos à assertividade, haja vista que esses grupos foram os únicos selecionados em todos os trabalhos realizados.

5.5.1 Carga semântica do verbo da matriz

Apresentamos os resultados da frequência de uso do subjuntivo nas pesquisas de Rocha (1997), Carvalho (2007), Oliveira (2007) e, em nossa pesquisa, a de Barbosa (2011), na tabela 16 e no gráfico 01.

Tabela 16 – Comparação da frequência relativa de uso do subjuntivo em função da carga semântica do verbo da matriz nos trabalhos de Rocha (1997), Carvalho (2007), Oliveira (2007) e Barbosa (2011).

Rocha (1997)			Carvalho (2007)			Oliveira (2007)			Barbosa (2011)		
Tipos de Predicado	Dados Sudeste /Centro-Oeste	%	Tipos de verbo da matriz	Dados Cariri/ CE	%	Verbos	Dados João Pessoa/ PB	%	Verbos	Dados Vitória/ ES	%
Não-factivo, volitivo (querer, esperar, desejar)	65/88	74%	Verbos volitivos (querer, esperar)	31/32	97%	Querer	115/115	100%	Não-factivo, volitivo (querer, esperar, desejar)	48/61	79%
						Esperar	21/22	95%			
						Desejar	3/3	100%			
Não-factivo, não-volitivo (pedir, deixar, temer, ser necessário)	11/14	79%				Permitir	3/3	100%	Não-factivo, não-volitivo (pedir, deixar, temer, ser necessário)	4/5	80%
						Pedir	42/44	95%			
						Deixar	3/3	100%			
						ter medo	3/3	100%			
						ser preciso	5/5	100%			
Factivo emotivo ou avaliativo (gostar, concordar)	17/29	59%				Incomodar	1/1	100%	Factivo emotivo ou avaliativo (gostar, concordar)	2/10	20%
						Gostar	12/12	100%			
						Importar	2/2	100%			
Indiferente-opinião e suposição (imaginar, pensar, acreditar, crer, considerar)	44/107	41%	Verbos cognitivos (crer, acreditar, pensar)	15/33	45%	Imaginar	1/4	25%	Indiferente-opinião e suposição (imaginar, pensar, acreditar, crer, considerar)	21/44	48%
						Pensar	2/48	4%			
						Acreditar	8/37	21%			
						Crer	1/41	2%			
Indiferente de suposição (parecer)	1/17	6%				Parecer	0/35		Indiferente de suposição (parecer)	0/1	0%
Indiferente de opinião (achar)	9/248	4%	Verbo cognitivo (achar)	21/173	12%	Achar	12/533	2%	Indiferente de opinião (achar)	11/168	7%
Factivo não-emotivo não-avaliativo (saber)	1/23	4%	Verbo factivo (saber)	1/31	3%	perceber, conhecer, entender	0/1		Factivo não-emotivo não-avaliativo (saber)	4/11	18%
Indiferente performativo (falar, dizer), condicional (ser certo)	2/9	17%	Verbo <i>dicendi</i> (dizer, contar)	2/17	12%	Dizer	2/218	2%	Indiferente performativo (falar, dizer), condicional (ser certo)	3/11	27%

Optamos por comparar, primeiramente, a frequência de uso do subjuntivo por tipo de verbo, pois, dessa forma, podemos obter uma visão global dos resultados dos trabalhos a serem comparados.

Todavia, conforme podemos observar na tabela 16, dos trabalhos anteriores somente nos dados de Oliveira (2007), os verbos foram analisados individualmente. Não nos foi possível agrupá-los para que em todos os trabalhos comparados a análise tivesse exatamente a mesma sistematização dos verbos, pois Oliveira (2007) quando do agrupamento dos verbos, o fez a partir da amalgamação dos verbos, não nos possibilitando perceber quais foram os verbos amalgamados, logo a comparação foi feita por grupo.

Começamos nossa análise pelos verbos cuja presença na matriz favorece a ocorrência do subjuntivo na encaixada. Em seguida, analisamos os verbos em que há tanto o favorecimento do indicativo quanto do subjuntivo. Concluimos com os verbos em que há o favorecimento da forma indicativa.

5.5.1.1 Verbos não-factivos volitivos (*querer, esperar, desejar*); não-factivos não-volitivos (*pedir, deixar, temer, ser necessário*); e factivos emotivos ou avaliativos (*gostar, concordar*)

No gráfico 01, abaixo, apresentamos os resultados encontrados para os grupos verbais acima destacados, para, em seguida, procedermos à comparação.

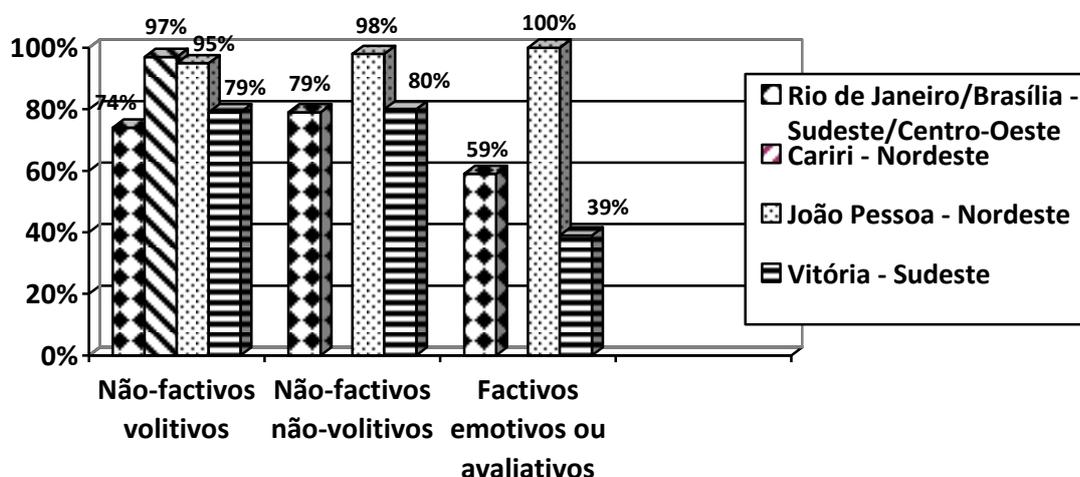


Gráfico 01 – Comparação da frequência de uso dos verbos cujo campo semântico favorece a ocorrência do subjuntivo

Os resultados dos verbos não-factivos volitivos demonstram que, quando da presença desses verbos na matriz, há no Nordeste o favorecimento quase categórico na frequência de uso do subjuntivo: no Cariri, temos 97% de frequência de uso do subjuntivo, enquanto em João Pessoa temos, em média, 99%. Tanto no Cariri quanto em João Pessoa, do total de dados obtidos, em apenas um dado, em cada uma das amostras, não ocorre o subjuntivo.

Já no Sudeste, apesar de também ocorrer favorecimento na frequência de uso do subjuntivo com 74% no Rio de Janeiro/Brasília e 79% em Vitória, esse resultado não é tão categórico quanto nas cidades do Nordeste. Logo, a alternância no uso das formas do indicativo e do subjuntivo ocorre mais frequentemente no Sudeste/Centro-Oeste. Nessas regiões, ocorre a entrada da forma indicativa no campo de ocorrência da forma subjuntiva de forma mais acentuada. A diferença é da ordem de 22 pontos percentuais.

O resultado encontrado para os verbos não-factivos volitivos pode ser projetado para os verbos não-factivos não-volitivos: há o mesmo comportamento nos resultados desses grupos verbais. Ao procedermos à análise desses verbos não temos resultados para o Cariri, pois não houve a ocorrência dos verbos que compõem esse grupo verbal.

Mais uma vez, os dados do Nordeste nos mostram uma frequência de uso quase categórica do subjuntivo com uma média de 98%. Dos 44 dados do verbo *pedir*, apenas em dois dados não ocorre a forma subjuntiva. Já o verbo *dizer* tem somente um dado em que não ocorre o subjuntivo.

No Rio de Janeiro/Brasília, a frequência de uso da forma subjuntiva é de 79%, enquanto em Vitória é de 80%.

Para finalizar a comparação dos resultados encontrados para o campo de ocorrência do subjuntivo, temos os verbos factivos emotivos ou avaliativos. Nesse campo de alternância, não encontramos o mesmo alinhamento dos resultados encontrados para os dois grupos verbais anteriores.

Novamente, não temos dados para o Cariri. Quanto à João Pessoa, temos 100% de frequência de uso da forma subjuntiva. No Rio de Janeiro/Brasília, temos 59% de frequência de uso da forma subjuntiva. Entre os grupos verbais até agora analisados nessas cidades, é no grupo dos factivos emotivos ou avaliativos que há maior entrada do indicativo no campo do subjuntivo.

O resultado encontrado em Vitória, além disso, demonstra um desfavorecimento na frequência de uso do subjuntivo quando há na matriz o verbo *gostar* ou *concordar*, da ordem de 39%. Em Vitória, só temos a ocorrência do verbo *gostar*. O resultado difere do encontrado também na região Sudeste. Verificamos, quanto ao verbo *gostar*, que temos dois fatores favorecedores desse resultado: o traço [- dinâmico] do verbo da matriz e o paralelismo fônico. Acreditamos que a ampliação do *corpus*, bem como o controle do verbo da encaixada possa possibilitar a comprovação das hipóteses por nós levantadas.

Percebemos, portanto, que, no campo de ocorrência da forma subjuntiva, a frequência de uso no Nordeste é, sob uma visão geral, quase categórica. Já no Sudeste/Centro-Oeste, há a entrada do indicativo nesse campo de alternância, favorecendo a variação no uso das formas indicativa e subjuntiva. Vitória distingue-se do Rio de Janeiro/Brasília quando tratamos do verbo *gostar* na matriz por desfavorecer a forma subjuntiva na encaixada neste contexto.

5.5.1.2 Verbos indiferentes-opinião e suposição (*imaginar, pensar, acreditar, crer, considerar*), indiferente de suposição (*parecer*) e indiferente de opinião (*achar*)

A literatura não variacionista considera que a presença de um desses verbos na matriz pode favorecer a frequência de uso tanto do subjuntivo quanto do indicativo, com uma interpretação semântica distinta.

No Rio de Janeiro/Brasília, a frequência de uso da forma subjuntiva é desfavorecida em 41%. Esse resultado é bem próximo do encontrado no Cariri que foi 45% e o de Vitória, 48%. Já em João Pessoa, o desfavorecimento da frequência de uso do subjuntivo é bem maior, com a média de 9%.

Temos, então, que a presença de um dos verbos indiferentes-opinião e suposição na matriz desfavorece a frequência de ocorrência da forma subjuntiva na matriz, e esse desfavorecimento é mais marcante na cidade de João Pessoa.

Quanto ao verbo *parecer*, este não possui ocorrência dos dados do Cariri. No Rio de Janeiro/Brasília, das 17 ocorrências desse verbo, apenas uma refere-se ao subjuntivo, perfazendo 6% de frequência de uso da forma subjuntiva nessas cidades. Há nos dados de João de João Pessoa 35 ocorrências do verbo *parecer*,

dessas não há sequer uma ocorrência do subjuntivo. Em Vitória, há somente uma ocorrência desse verbo, sendo essa no indicativo.

Há, portanto, um desfavorecimento quase categórico da frequência de uso da forma subjuntiva quando o verbo *parecer* é o verbo da matriz.

Já o verbo *achar* aparece em todas as pesquisas realizadas. A cidade em que há o maior desfavorecimento de uso da forma subjuntiva é João Pessoa, com 2% de frequência de uso. Em seguida, vem o Rio de Janeiro/Brasília, com 4%. Das 23 ocorrências do verbo *achar*, apenas uma ocorre na forma subjuntiva. Alinhando-se ao resultado do Rio de Janeiro/Brasília, temos Vitória com 7% de frequência de uso da forma subjuntiva. No Cariri, encontramos, entre as demais cidades, a menor taxa de desfavorecimento da forma subjuntiva. Das 173 ocorrências do verbo *achar*, 21 referem-se ao uso da forma subjuntiva, com 12% de frequência de uso dessa forma verbal.

Verificamos, portanto, que, independentemente da região em que a pesquisa foi feita, a presença do verbo *achar* na matriz desfavorece fortemente a frequência de uso da forma subjuntiva

5.5.1.3 Verbo factivo não-emotivo não-avaliativo (*saber*), verbos indiferentes performativos (*falar, dizer*) e o condicional (*ser certo*)

Esses verbos, quando presentes na matriz, favorecem a frequência de uso da forma indicativa na encaixada.

O verbo *saber* não é muito recorrente em nenhuma das pesquisas aqui comparadas. Em João Pessoa, há apenas uma ocorrência do verbo *saber*, sendo esta no indicativo. As cidades do Cariri e do Rio de Janeiro/Brasília apresentaram resultado semelhante quanto ao verbo *saber*. Temos, respectivamente, 3% e 4% de frequência de uso da forma subjuntiva. Vitória é a cidade que menos desfavorece a frequência de uso da forma subjuntiva, com 18% com esta forma, revelando maior uso do subjuntivo no campo do indicativo com este verbo.

Os verbos indiferentes performativos (*falar, dizer*) e o condicional (*ser certo*) desfavorecem menos a frequência de uso da forma subjuntiva. A cidade que, mais uma vez, menos desfavorece a forma subjuntiva é Vitória. Nesta cidade, obtivemos 11 ocorrências dos verbos que compõem os grupos verbais acima destacados,

sendo três na forma subjuntiva, perfazendo 27% de frequência de uso da forma subjuntiva. O Rio de Janeiro/Brasília aparece com 17% de frequência de uso da forma subjuntiva, seguido pelo Cariri com 12% e de João Pessoa com 2%. É inegável que no campo de ocorrência da forma indicativa esta tem uma frequência de uso quase categórica quando temos na matriz o verbo *saber*, sendo em Vitória observada uma entrada mais acentuada da forma subjuntiva. A categoricidade de uso da forma indicativa diminui quando temos os verbos *falar*, *dizer* ou *ser certo*.

5.5.2 Grau de Assertividade

O grau de assertividade tem sido selecionado nos trabalhos desenvolvidos sobre a alternância entre a forma subjuntiva e a indicativa. A tabela a seguir ilustra o resultado encontrado nesses trabalhos. Em seguida, apresentamos a análise.

Tabela 17 – Comparação de uso do subjuntivo em função do grau de assertividade da oração nos trabalhos de Rocha (1997), Carvalho (2007) e Oliveira (2007) e Barbosa (2011).

Assertividade	Rocha (1997)		Carvalho (2007)		Oliveira (2007)		Barbosa (2011)	
	Dados Rio de Janeiro/ Brasília	PR	Dados do Cariri/CE	PR	Dados de João Pessoa/PB	PR	Dados de Vitória /ES	PR
Negação matriz	42/79	0,78	9/13	0,99	49/62	0,97	22/38	0,874
Negação matriz/ encaixada	7/14	0,76	3/4	0,96	-	-	-	-
Afirmativa/negação encaixada	4/45	0,21	6/23	0,73	18/181	0,30	6/38	0,366
Afirmativa	86/261	0,59	52/246	0,41	170/754	0,47	66/216	0,439
Interrogativa	13/135	0,17	-	-	-	-	15/54	0,471

5.5.2.1 Negação na Matriz

A negação na matriz é, como pudemos perceber nos resultados das pesquisas aqui comparadas, um fator que pode modificar a seleção de uma

determinada forma verbal. Na comparação dos resultados, verificamos que nas regiões aqui comparadas a negação na matriz favorece sistematicamente a ocorrência do subjuntivo na encaixada.

No Cariri, temos a menor quantidade de dados de negação na matriz: são 13 ocorrências, das quais 9 favorecem a seleção da forma subjuntiva com o peso relativo de 0,99, resultado categórico. Em João Pessoa, observamos um alinhamento com o resultado do Cariri, com 0,97 de peso relativo, revelando, também, quase categoricidade no uso da forma subjuntiva quando da presença da negação na matriz. Isso nos mostra que a negação na matriz na região Nordeste favorece quase categoricamente a forma subjuntiva.

Em Vitória, a negação na matriz favorece a ocorrência do subjuntivo com peso de 0,874. Já no Rio de Janeiro/Brasília, há o menor favorecimento do subjuntivo diante da negação na matriz com 0,78 de peso relativo. No entanto, não podemos negar que, mesmo com valores menores do peso relativo na região Sudeste/Centro-Oeste, a negação na matriz possui efeito modificador no verbo da encaixada para o favorecimento da ocorrência da forma subjuntiva.

Percebemos, então, que no Nordeste o papel desempenhado pela negação na matriz no favorecimento da forma subjuntiva é até mais acentuado do que no Sudeste/Centro-Oeste, embora o peso relativo da negação na matriz seja mais forte em todas as regiões pesquisadas.

5.5.2.2 Negação na matriz e na encaixada

A negação na matriz e na encaixada não aparece em todas as pesquisas realizadas, há somente dados relativos ao Rio de Janeiro/Brasília e ao Cariri. Em Vitória, não tivemos dados dessa variável por termos amalgamado as ocorrências, apenas 4, com a negação na matriz.

Os dados do Cariri são quase categóricos na seleção da forma subjuntiva quando da presença da negação na matriz e na encaixada. No entanto, temos de ressaltar que o resultado refere-se a apenas 4 dados com peso relativo de 0,96.

No Rio de Janeiro/Brasília, temos 14 dados, sendo 7 na forma subjuntiva perfazendo 0,76 de peso relativo.

Verificamos que a negação na matriz e na encaixada também favorece a ocorrência da forma subjuntiva na encaixada, sendo este favorecimento mais evidente no Nordeste do que no Sudeste/Centro-Oeste.

5.5.2.3 Afirmativa

Quanto à presença da afirmação tanto na matriz quanto na encaixada, só encontramos mais favorecimento da forma subjuntiva no Rio de Janeiro/Brasília. Nos *corpora* de Rocha (1997) foram encontradas 261 ocorrências da forma afirmativa, destas 86 referem-se à forma subjuntiva, com peso relativo de 0,59.

Nas demais cidades a ocorrência da forma subjuntiva é levemente desfavorecida. No Cariri, Carvalho (2007) encontrou 246 dados, com 52 ocorrências da forma subjuntiva, perfazendo 0,41 de peso relativo. Este foi o resultado mais desfavorecedor do uso do subjuntivo entre os demais, bem como, quanto ao Cariri, a afirmação foi o único caso em que não há favorecimento do uso do subjuntivo.

Em João Pessoa, Oliveira (2007) obteve a maior quantidade de dados entre todos os trabalhos. Foram 170 ocorrências da forma subjuntiva, em um universo de 754 dados. O uso do subjuntivo foi desfavorecido em 0,47. A menor quantidade de dados foi encontrada em Vitória. Dos 216 dados encontrados, o subjuntivo foi usado em 66, com um peso relativo de 0,439.

Percebemos que a afirmação na matriz não promove uma cisão entre o Sudeste/Centro-Oeste, pois o resultado de Vitória aproxima-se tanto do Cariri quanto de João Pessoa. Já o resultado do Rio de Janeiro/Brasília teve o resultado distanciado dos demais encontrados, sendo o único a favorecer o uso do subjuntivo na encaixada.

O efeito da afirmação na matriz e na encaixada no uso da forma subjuntiva se distancia do resultado da negação na matriz, porém percebemos que no Sudeste/Centro-Oeste temos o efeito mais próximo do resultado da negação na matriz (0,59 e 0,78, respectivamente) entre todos os estudos realizados.

5.5.2.4 Afirmação na matriz com negação na encaixada

Ao observarmos os resultados da negação na matriz e só da negação na encaixada, percebemos que a primeira ocorre mais frequentemente nas comunidades de fala pesquisadas do que a segunda. Acreditamos que isso se deva ao fato de que, segundo Neves (2000, p. 320-321), a negação na matriz se estenda à encaixada, promovendo a atenuação na proposição produzida pelo agente de verbo, enquanto o contrário não ocorra tão frequentemente.

Na análise das orações com afirmação na matriz e negação na encaixada, só há o favorecimento do uso do subjuntivo no Caririri, com efeito 0,73 um pouco menor do que o da negação na matriz (0,99 e 0,96). Nesta região, o resultado encontrado foi bem distinto dos demais, pois a diferença entre os pesos relativos da negação na encaixada, embora diferente, se aproxima mais do efeito da negação na matriz do que em outra região.

No Rio de Janeiro/Brasília, percebemos o maior desfavorecimento do uso do subjuntivo, com peso relativo de 0,21. Mas é em João Pessoa que temos a maior diferença entre o resultado da negação na matriz e o da encaixada, a primeira teve um resultado de 0,97, enquanto a segunda teve 0,30. Em Vitória, essa diferença foi menor, com 0,874 e 0,366, respectivamente.

Esse resultado demonstra que só no Cariri a negação é favorecedora da seleção do uso do subjuntivo tanto na matriz quanto na encaixada, porém a negação na matriz favorece esse uso quase categoricamente. Nas outras pesquisas a negação na encaixada favorece o uso da forma indicativa.

5.5.2.5 Interrogativa

Os resultados do Nordeste não apresentam ocorrência de orações interrogativas. No Sudeste/Centro-Oeste as orações interrogativas são mais frequentes nos dados do Rio de Janeiro/Brasília com 154 ocorrências, do que em Vitória, com 54.

Ao observarmos os resultados para a forma interrogativa, percebemos que, apesar de Vitória e Rio de Janeiro, com resultado de Brasília agregado, estarem localizadas em uma mesma região, apresentam resultados distintos.

Como vimos, a negação na matriz é o traço que mais favorece o uso da forma subjuntiva. Ao compararmos o resultado da interrogativa, temos que, em Vitória, esse resultado se aproxima mais do efeito da negação na matriz do que o Rio de Janeiro/Brasília. Em Vitória, a negação na matriz teve efeito de 0,874 e a interrogativa, 0,471, enquanto no Rio de Janeiro/Brasília, tivemos, respectivamente, 0,78 e 0,17.

Temos que o efeito da interrogativa é mais forte em Vitória do que no Rio de Janeiro/Brasília, demonstrando que o fato dos resultados referirem-se a uma mesma região não garante que esses resultados tenham de estar alinhados, cada comunidade de fala imprime seu traço característico nos resultados encontrados.

5.5.3 Nível de Escolaridade

O nível de escolaridade foi selecionado em nossa pesquisa e na de Carvalho (2007). Há a hipótese de que o uso da forma subjuntiva esteja relacionado ao grau de escolaridade: quanto maior o acesso ao ensino sistematizado, maior o uso da forma subjuntiva; quanto menor o acesso, menor o uso.

Em Vitória essa hipótese é corroborada pelos nossos resultados: o ensino universitário favorece o uso da forma subjuntiva, com peso relativo de 0,636; o médio, com 0,562; e o fundamental desfavorece com 0,233. Porém, os resultados de Carvalho (2007) contrariam essa hipótese, conforme podemos observar na tabela 18, a seguir.

Tabela 18 – Atuação do nível de escolaridade no uso da forma subjuntiva

Escolaridade	Subjuntivo	%	Peso Relativo
0 ano de escolaridade	15/48	31%	0,76
1 a 4 anos de escolaridade	7/38	18%	0,38
5 a 8 anos de escolaridade	8/71	11%	0,20
9 a 11 anos de escolaridade	23/79	29%	0,64
+ de 11 anos de escolaridade	17/57	30%	0,52
Total	70/286	24%	-

Adaptação da tabela 14 – Atuação do nível de escolaridade no uso do presente do subjuntivo – CARVALHO (2007, p. 128)

O resultado encontrado na região do Cariri contradiz a teoria de que o uso da forma subjuntiva seja diretamente proporcional à escolarização. A grande questão do efeito da escolaridade em Carvalho (2007, pp.128-130) é que os falantes sem escolarização apresentam peso relativo maior (0,76) do que os falantes com 9 a 11 anos de escolarização (0,64) e do os falantes com + de 11 anos de escolarização (0,52). Os falantes com 1 a 4 anos de escolarização, embora apresentem efeito menor (0,38) do que os falantes sem escolarização, ainda assim apresentam efeito maior do que os falantes com 5 a 8 anos de escolarização (0,20).

Carvalho (2007, p. 128-130), ao deparar-se com os resultados da tabela 18, refinou sua análise e analisou o comportamento da variável faixa etária em contextos de uso prototípico da forma subjuntiva e em contextos prototípicos da forma indicativa. A autora da pesquisa percebeu que, independentemente do contexto de uso, os resultados permanecem os mesmos quanto ao favorecimento do uso da forma subjuntiva.

Ao analisar essa variável no uso da forma subjuntiva no imperfeito, o resultado alinhou-se ao do presente.

Oliveira (2007, pp.109-123) tenta entender parte dessa discrepância encontrada no Nordeste quanto ao uso da forma subjuntiva. Para tanto, a autora faz um estudo sócio-histórico, levantando questões quanto à colonização do Nordeste e do Sudeste, mais especificamente, bem como a questão do contato com outras comunidades de fala. Oliveira (2007) conclui que, no Nordeste, houve uma manutenção da forma do português europeu, ou seja, a prevalência da forma subjuntiva. Já no Sudeste, devido ao contato mais efetivo com outras comunidades de fala, a forma trazida pelo português europeu sofreu o efeito desse contato.

6. RESULTADOS INICIAIS DA ALTERNÂNCIA DE TEMPO E MODO E DA DE MODO EM NOSSA PESQUISA: OS DADOS DO PORTVIX – REGIÃO SUDESTE

6.1 ALTERNÂNCIA DE TEMPO E MODO: PRESENTE DO INDICATIVO x FUTURO DO SUBJUNTIVO

A alternância de tempo e modo é percebida em orações subordinadas adverbiais condicionais introduzidas pela conjunção *se* e em temporais introduzidas pela conjunção *quando*.

As orações condicionais são tratadas por Castilho (2010, p. 375-376) a partir da explanação de Leão [(1961, p. 60) *apud* Castilho (2010, p. 375)], que afirma que “No período hipotético propriamente dito, a idéia de condição ou hipótese se exprime não só pela conjunção, mas ainda pelo tempo e o modo dos verbos.” Para corroborar a afirmação feita, Castilho apresenta o seguinte exemplo:

(176) O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto viraria um fazendão.

Apesar da supressão da conjunção *se*, percebemos o efeito da condição a partir do uso da forma subjuntiva.

Castilho (2010, p. 375-376) nos apresenta três possibilidades de relação entre a oração matriz e a oração encaixada a partir do uso da conjunção *se*: condicional real ou factual; condicional eventual ou potencial; e condicional contrafactual ou irreal. Trataremos, aqui, somente dos dois primeiros casos.

Nas orações condicionais reais ou factuais o enunciado da encaixada é tido como real, logo o enunciado da matriz é concebido como uma consequência necessária, também real. “Essas condicionais remetem para o mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [*se* + indicativo / indicativo]”, como podemos observar em (177)

(177) “E₁: tudo o que você ‘tá falando aí...você então acha que a corrupção é o grande mal né?...do país...
I: É...a corrupção...você aceitar propina...você não ser uma pessoa de princípios...por exemplo...alguém chega pra você e fala assim “ah se

você matar aquele fulano ali eu te dou tanto"...a pessoa vai e mata ... porque ela pega o dinheiro... umas histórias de trânsito aí... se você CHEGA com uma propina você consegue passar fácil fácil ..." (homem, 15 a 25 anos, nível médio)

As orações condicionais eventuais ou potenciais são caracterizadas pela eventualidade expressa na encaixada que é confirmada pela matriz, caso seja satisfeita a condição levantada na encaixada. "As condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente possível: Grynier (1990). O esquema habitual é [se + subjuntivo/indicativo]." Exemplificamos abaixo esse tipo de oração.

(178) "...o problema não 'tá só no...prefeito no...governador...no presidente...'tá na pessoa que 'tá dentro daquele órgão público ali... distribuir também essas tarefas...e como...um efeito dominó...você vem de lá o...presidente repassa pro governador...aí se o governador FOR mal caráter ele tira lá sua casquinha...aí ele repassa...aquele...restante pro prefeito..." (homem, 15 a 25 anos, nível médio)

Já a oração temporal pode ser posposta à oração principal, na forma:

Oração Principal + QUANDO + Oração Temporal

ou anteposta, na forma:

QUANDO + Oração Temporal + Oração Principal

Segundo Bechara (2002, p.147), a oração subordinada adverbial é chamada temporal quando denota o tempo da realização do fato expresso na oração principal.

Neves (2000, pp. 790-791) faz a correlação de tempos verbais nas construções temporais com o modo indicativo, que pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 03: As correlações temporais do modo indicativo entre a oração principal e a encaixada adaptado de Neves (2000, p.791).

O. PRINCIPAL	O. ENCAIXADA	EXEMPLOS
Presente	Presente	(179) QUANDO não há vítimas, a RP não atende . (180) Eles recuperam a saúde QUANDO voltam à terra.
Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito	(181) Não prestou a menor atenção QUANDO combinamos .
Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	(182) QUANDO nascia um filho, o sacerdote examinava o livro do destino.
Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	(183) Passamos por lá QUANDO vínhamos . (184) Isso aconteceu QUANDO um sonhozinho mal se iniciava .
Pretérito Imperfeito	Pretérito Perfeito	(185) QUANDO entrei , vocês não estavam conversando . (186) Os olhos de Ângela já marejavam QUANDO conseguiu responder.
Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	(187) QUANDO o carro da Polícia já desaparecera na direção do Palácio do Catete (...) Nando (...) se desgrudou rápido do seu vão sombrio...

Ainda conforme Neves (2000: p.791), o modo subjuntivo pode ser usado na oração temporal que se inicia com *quando*, fato que ocorre especialmente no futuro, o que resulta em expressão de eventualidade, ou seja, a ideia expressa na encaixada indica probabilidade ou possibilidade de realização do fato enunciado, não há obrigatoriedade de realização. A oração matriz ou principal apresenta o verbo em presente ou em futuro. Observemos os exemplos a seguir:

(188) QUANDO você **crescer dará** mais valor a tudo.

(189) QUANDO você **tiver** a minha idade você **vai ver**.

(190) Se não esses índios convidam os mil índios do Xingu e QUANDO **chegarem** aqui não **tem** comida para cem.

A partir da análise inicial de nossos dados percebemos que, independentemente do tipo de oração encaixada, as correlações temporais que nos interessam são: a) *presente do indicativo – presente do subjuntivo*; b) *futuro do subjuntivo – presente do indicativo*; c) *futuro do subjuntivo – futuro perifrástico*. Nossos dados, contudo, não possuem esse comportamento linear.

Nos exemplos a seguir, temos orações condicionais:

(191) “I – Que eu mais gostei quando eu fui pra Fortaleza com meu pai e a minha tia já te falei acho pra você, nós fomos pra São Paulo de Vitória pra São Paulo e lá compramos uma Camionete e fomos embora lá pra lá pra Fortaleza. Então lá meu pai deixou a gente lá e veio embora porque tinha que trabalhar né e minha tia tomava conta de um hospital que ela era freira e tinha muitas mocas né que morava lá naquele/naquele lugar muitas irmãs de Caridade tudo e eu já era da Igreja Batista nessa época mas eu fiquei lá numa boa com minha tia ia pra missa eu não ia ficava lá no meu quarto e foi uma prima foi muito boa porque nós pegamos essa prima minha lá em Aracaju e ele foi junto pra lá pra Fortaleza nos passamos quarenta e cinco dias juntos lá, aí ela fala assim, se a gente FICA solteirona nós podemos morar junto né que a gente se dá tão bem, brincava não brigava e gente ia pró clube pra piscina...” (mulher, + de 49 anos, ensino universitário)

Conforme a divisão de Castilho (2010), o exemplo (175) encaixa-se no conceito de oração condicional real, haja vista que temos a forma indicativa tanto na matriz quanto na encaixada. Porém, percebemos que o agente do verbo projeta uma ação para o futuro, logo há a eventualidade na ação, assim a forma verbal esperada seria a subjuntiva.

Em (192), encontramos o contrário.

(192) “Inf - não só...quando você tipo assim o PHS e o VIX ele tem uma mania de comprar...te dar carência zero e como que é feito isso? eles fazem uma bateria de exames em você sangue, raio X de tórax, urina, fezes e exame clínico, né? nesse exame eles

fazem um eletro pra ver se o seu coração tá bem...e vê como é que tá os batimentos e tal se você não TIVER nada daí você tem carência zero... pra internação consulta pra tudo... de zero até quarenta e nove anos...” (mulher, + de 49 anos, ensino médio)

No exemplo (192), temos a forma subjuntiva na encaixada, logo a oração condicional seria classificada como eventual ou potencial. Porém, percebemos que há a factualidade: não há doença, há a carência zero.

Em (193) e (194), temos duas orações temporais em que há alternância entre o *presente do indicativo* e o *futuro do subjuntivo* na encaixada. Ambas expressam a possibilidade de realização do evento da fala (quando ela chega/quando você pegar).

(193) “...minha irmã tá no curso e quando ela CHEGA ela almoça e vai pro serviço né...” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

(194) “...aí quando você PEGAR a base a prancha equilibrar certinho... você sobe em cima e desce...” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

Nos exemplos (195) e (196) temos o futuro perifrástico na matriz e o *presente do indicativo* e o *futuro do subjuntivo* alternando-se na encaixada.

(195) “...se o Senhor ACEITA você namorar é porque vai dá certo...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

(196) “...se ela VIER aqui vai brigar comigo vai me xingar vai falar um monte coisa...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Encontramos em nossos dados as seguintes combinações (encaixada/matriz) em função da alternância de tempo e modo.

- Presente do Indicativo/Presente do Indicativo

(197) “...quando ela CHEGA (chegar) ela almoça e vai pro serviço né...” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

(198) “...se a onda VEM (vier) você rema com os braços...” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

- Futuro do Subjuntivo/ Presente do Indicativo

(199) “...se você PEGAR um pouquinho... uma mão mais a frente outra atrás ... a prancha desequilibra.....” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

(200) “...se não CUIDAR o dente fica soltinho,...” mulher, + de 49 anos, ensino universitário)

- Presente do Indicativo/ Futuro Perifrástico

(201) “...se É pra desenhar eu vou desenhar aqueles carinhas do desenho animado...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

(202) “Se ele QUER ir pra uma igreja eu vou deixar ir.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

- Futuro do Subjuntivo/ Futuro Perifrástico

(203) “...se a mulher FOR bem ciumenta assim você vai ter que deixar de sair com seus amigos...” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

(204) “...se a gente TIVER a gente que vai ter que pagar...” (homem, 15 a 25 anos, ensino fundamental)

- Presente do Indicativo/ Pretérito Perfeito

(205) “...quando você VAI a igreja já escutou alguma história?...” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário)

- Futuro do Subjuntivo/ Pretérito Perfeito

(206) “...porque se você FOR pra terceira prova...você já estudou pra prova final...” (homem, + de 49 anos, ensino universitário)

- Futuro do Subjuntivo/ Infinitivo

(207) “...se você BRIGAR feio você como distanciar irma não.....” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

Portanto, podemos constatar que há variação. Apesar de encontrarmos nas gramáticas a associação com significados diferentes do uso da forma indicativa ou da subjuntiva, o uso corrente da língua e a relativa liberdade da qual desfrutamos no evento da fala possibilita que um mesmo enunciado seja produzido por formas verbais distintas, sem que haja mudança de significação. A alternância está presente na nossa fala cotidiana e nosso objetivo é descobrir/entender as relações que favorecem essa alternância.

6.1.1 Resultados

Ao procedermos à análise dos dados, percebemos que, diferentemente do que ocorreu com a alternância de modo, na alternância de tempo e modo, os grupos de fatores selecionados para a pesquisa não contemplam a sistematicidade do fenômeno, haja vista que, na rodada de pesos relativos, tivemos apenas um grupo de fatores selecionado: o tipo de oração – condicional ou temporal.

Apresentamos o resultado encontrado para a variável selecionada na tabela 19.

Tabela 19 - Uso do futuro do subjuntivo em função do tipo de oração

Tipo de Oração	Ocorrências do Subjuntivo	Percentual	Peso Relativo
Condicional	106/137	77%	0,626
Temporal	11/41	27%	0,152
	117/178	66%	

Nos exemplos a seguir, observamos a alternância apresentada acima.

(208) “E2 – por que tem pessoas...

I – eu evito dirigir entendeu? ... mas se eu BEBER eu não dirijo mesmo...” (homem, + de 49 anos, ensino médio)

(209) “I - se você... umas histórias de trânsito aí ... se você CHEGA com uma propina você consegue passar fácil...” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

(210) “ I - Se ele QUER ir pra uma igreja eu vou deixar ir.

Até acompanho ele, se ele QUISER.” (homem, 26 a 49 anos, ensino fundamental)

Podemos observar na tabela 19 que a oração condicional é a favorecedora da alternância entre o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo. Segundo Gryner (1996), este resultado deve-se à função argumentativa das condicionais. A autora afirma que o uso deste tipo de oração é frequente “em debates políticos ou acadêmicos, cortes judiciais, textos publicitários. Por outro lado, seu emprego é raro em textos líricos, avisos, informativos ou receitas, isto é, quando se reduz a intenção persuasiva.”

As orações condicionais estão ligadas ao caráter polêmico do tema abordado. De acordo com Gryner (1996), “o contexto característico de ocorrência da variação entre o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo ocorre em situações propícias ao debate de questões polêmicas em que o objetivo do locutor é conseguir a adesão do interlocutor para o seu ponto de vista.”

Verificamos nos exemplos (208) e (209) que são abordados dois temas polêmicos relacionados ao trânsito, e em (210) a questão da religião.

Para uma análise minuciosa da variação aqui estudada, seria necessária uma divisão em que fossem abordados os parâmetros utilizados por Gryner (1996): *generalização*, *exemplificação* e *perspectiva do argumento*. Como não nos foi possível trabalhar dessa forma, o refinamento da análise será feito posteriormente. Por agora, intuímos que o uso da forma subjuntiva, em nossos resultados, esteja relacionado a um contexto em que haja um menor grau de certeza ou incerteza. Já a forma indicativa, a um contexto mais conhecido, ou seja, com um maior grau de certeza.

6.2 ALTERNÂNCIA DE TEMPO

Segundo Neves (2000), a alternância de tempo é percebida especificamente em orações cujas relações encerram condição, especialmente as que são introduzidas pela conjunção *se*.

As construções condicionais seguem, normalmente, enunciados da forma

SE + Oração Condicional + Oração Principal

ou

Oração Principal + SE + Oração Condicional

De acordo com Neves (2000, p.832), quando há uma construção condicional, a oração subordinada que exprime a condição é chamada de prótase, enquanto a oração principal que exprime o que é condicionado é chamada de apódose.

Ainda segundo Neves (2000, p.832), podemos considerar que a relação estabelecida entre o conteúdo da subordinada e da principal é uma relação do tipo:

Oração 1: condição para a realização (subordinada ou encaixada)

Oração 2: consequência/resultado da resolução da condição enunciada (principal ou matriz)

Dessa relação podemos ter:

- a) realização / fato;
- b) não-realização / não-fato;
- c) realização eventual / fato eventual.

Podemos depreender, então, segundo Neves, o seguinte na subordinada:

- a) realização / fato: tempo presente (211);
- b) não-realização / não-fato: tempo pretérito imperfeito (212);
- c) realização eventual / fato eventual: tempo futuro do subjuntivo (213).

Os exemplos a seguir são de Neves (2000, pp. 832-833) e ilustram, respectivamente, as relações temporais acima apresentadas:

(211) SE tudo está desse jeito, eu não posso confiar!

(212) Pois olhe, SE o Natel tivesse escolhido o secretariado logo que saiu a indicação, a essas horas ele seria o governador eleito de São Paulo.

(213) Quer dizer que, SE eu chegar às nove, a revista vai vender de novo, os anunciantes vão voltar, vai ser uma beleza!

Observamos nos exemplos hipotéticos acima que há uma relação temporal. Em (211) temos o *presente* na principal e na subordinada. No exemplo (212), temos o *pretérito imperfeito* na encaixada e o *futuro do pretérito* na principal, e, em (213), *futuro do subjuntivo* na encaixada e *futuro do presente* perifrástico na principal. Os

tempos verbais reforçam as relações de realização, não-realização e realização eventual.

Neste estudo, a alternância de tempo foi codificada, a princípio, somente na variação Pretérito Imperfeito e Futuro do Subjuntivo, o que nos levou a verificar que nem todas as ocorrências encontradas nos corpora seguem a mesma regularidade, porque há alternância, conforme os exemplos:

(214) “...se você QUISESSE sair dessa igreja, então, trocar, ir pra uma outra, seus pais aceitariam numa boa, ou não?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino médio)

Em (214) temos o futuro do pretérito na principal (seus pais aceitariam numa boa) e o pretérito imperfeito do subjuntivo na encaixada (se você quisesse sair dessa igreja). Aqui encontramos a mesma regularidade dos exemplos apresentados por Neves. Percebemos que a relação entre a oração principal e a encaixada denota um fato não-realizado, há uma hipótese. Além disso, observamos a possibilidade de alternância entre o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo sem apresentar mudança de significado, a ação continua a indicar a não-realização do fato, como podemos observar em (215)

(215) “...se você CASAR e MORAR com seus pais? (...) daria certo?” (mulher, 15 a 25 anos, ensino universitário).

Em (215), temos o futuro do pretérito na principal (daria certo) e o futuro do subjuntivo na encaixada (se você casar e morar com seus pais) expressando um fato não-realizado. Logo, é possível a alternância do pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do subjuntivo.

Observemos agora os exemplos (216) e (217):

(216) “...se TIVESSE amigos assim pra ir eu até ia...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

(217) “ rapaz se você EMAGRECER você tava num time bem assim bem pra frente né?” (homem, 15 a 25 anos, ensino médio)

Nos exemplos (216) e (217), não encontramos a mesma regularidade de (215). Apesar de termos um fato não-realizado, o tempo verbal da oração principal não é o futuro do pretérito e sim o pretérito imperfeito do indicativo. Portanto, na linguagem oral corrente, nos deparamos com usos variáveis que expressam a mesma atitude proposicional do falante, a não-realização do fato, ou seja, apesar de estarmos analisando somente a variação de tempo na encaixada, encontramos também variação na matriz.

No exemplo (218), temos:

(218) “... se você FIZER alguma coisa com ela...ninguém vai te ajudar...” (homem, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Aqui encontramos a regularidade *futuro do subjuntivo* na encaixada (se você fizer alguma coisa com ela) e o *futuro do presente perifrástico* na principal (ninguém vai te dar ajudar).

No entanto, no exemplo (219) temos alternância em uma oração temporal.

(219) “...mamãe disse que quando CHEGASSE o calor mesmo assim ela vai me colocar na natação...” (mulher, 7 a 14 anos, ensino fundamental)

Aqui, temos *imperfeito do subjuntivo* na encaixada (quando chegasse o calor) e o *futuro do presente perifrástico* na principal (ela vai me colocar na natação).

6.2.1 Resultados

Os resultados nos mostraram que a alternância de tempo não segue o mesmo tipo de alternância dos outros dois fenômenos apresentados: a alternância de modo e a alternância de tempo e modo. Percebemos que nestes dois fenômenos há a alternância na encaixada, no entanto, na alternância de tempo, a alternância na encaixada é praticamente inexistente. A alternância que ocorre é na matriz: o pretérito imperfeito alterna-se com o futuro do pretérito.

Podemos, futuramente, proceder à análise da alternância de tempo na matriz, partindo dos dados por nós codificados para traçar o panorama da alternância, tanto na matriz quanto na encaixada, na comunidade de fala de Vitória.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa propusemo-nos a estudar a alternância no uso da forma subjuntiva e da indicativa na comunidade de fala de Vitória à luz da teoria Sociolinguística Variacionista. Buscamos entender a sistematicidade da variação, além de comparar os resultados da comunidade por nós pesquisada aos de outras comunidades também estudadas.

Ao iniciarmos a codificação do PORTVIX (Português falado na cidade de Vitória), *corpus* por nós utilizado, encontramos três tipos de alternância na fala dos moradores de Vitória: alternância de modo (indicativo x subjuntivo); alternância de tempo e modo (presente do indicativo x futuro do subjuntivo); e alternância de tempo (pretérito imperfeito do subjuntivo x futuro do subjuntivo).

Para analisarmos cada tipo de alternância trabalhamos com os mesmos grupos de fatores. Percebemos, porém, que há de se tratar os fenômenos isoladamente e que a definição dos grupos de fatores deve acompanhar a complexidade de cada um deles.

Na alternância de modo percebemos que, na comunidade de fala de Vitória, os falantes fazem uso variável da forma indicativa e da forma subjuntiva, mesmo em contextos cuja ocorrência de determinada forma seja prototípica, segundo a literatura de estudos não variacionistas, seja das gramáticas normativas, seja das gramáticas descritivas.

Os resultados dessa variação corroboraram em grande parte as expectativas por nós levantadas ao procedermos a este estudo: a carga semântica do verbo da matriz juntamente com a negação na matriz, além da presença de um modalizador nas orações absolutas, são os principais fatores determinantes na seleção de uma ou de outra forma verbal, embora não de forma categórica.

Conforme apresentado em nossa pesquisa, temos três áreas distintas em que a forma subjuntiva ou a indicativa é esperada, de acordo com o verbo da matriz:

- I. Subjuntivo: *querer, pedir, mandar, exigir, determinar, esperar, aceitar, concordar, permitir, preferir, pretender, precisar, ter medo, gostar*, bem como a presença do modalizador *talvez* nas orações absolutas, pertencem ao campo de expectativa de uso da forma subjuntiva na encaixada;

II. Alternância indicativo/subjuntivo: *supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar, duvidar, crer, acreditar e achar* são verbos em que há tanto a expectativa de uso tanto da forma indicativa quanto da subjuntiva;

III. Indicativo: *falar, dizer, comentar, descobrir, perceber e saber* pertencem ao campo de expectativa de uso da forma indicativa na encaixada.

Nossos resultados corroboraram grande parte da expectativa quanto ao uso das formas verbais. No entanto, encontramos também discrepâncias em relação ao que era esperado.

Os resultados para o grupo de verbos em que se espera o uso do subjuntivo na encaixada, grupo I, demonstraram que essa forma verbal é realmente favorecida. O traço de volição inerente a esses verbos foi o grande responsável por esse favorecimento. Foi-nos também de grande valia a proposta intuitiva de Perini (2010) para a comparação com os resultados encontrados quanto ao uso da forma subjuntiva. Porém, percebemos nos nossos resultados que há a entrada do indicativo na área de uso do subjuntivo e de subjuntivo na área de uso do indicativo. Entre os verbos que compõem esse grupo, o único que apresentou resultado inverso ao esperado foi *gostar*. Este verbo desfavoreceu, em Vitória, o uso da forma subjuntiva, demonstrando um não alinhamento com Rio de Janeiro/ Brasília (Rocha, 1997), Cariri (Carvalho, 2007) e João Pessoa (Oliveira, 2007).

Na análise de nossos resultados, encontramos duas hipóteses para o uso da forma indicativa na encaixada quando da presença do verbo *gostar* na matriz: o traço [- dinâmico] do verbo da encaixada e o paralelismo fônico. Para que possamos corroborar as hipóteses aqui levantadas, precisamos expandir o *corpus* no intuito de aumentar o número de ocorrências, bem como controlar o verbo da encaixada.

No segundo grupo de verbos (grupo II), esperava-se a ocorrência tanto da forma indicativa quanto da forma subjuntiva. Porém, o que encontramos são resultados bem distintos para esse grupo.

As construções com *supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar, duvidar, ser válido, ser possível, ser impossível, ser bom e ser lógico* são favorecedoras do uso da forma subjuntiva na encaixada. Ressaltamos que nos demais trabalhos o verbo *parecer* é desfavorecedor da forma subjuntiva, alinhando-se aos resultados do verbo *achar*. No entanto, em nossa pesquisa, encontramos do verbo *parecer* apenas uma ocorrência, a qual tem a forma subjuntiva na encaixada. A expansão do *corpus* irá nos auxiliar na análise desse verbo para, assim,

verificarmos se Vitória está alinhada às demais comunidades pesquisadas ou se temos aqui um comportamento linguístico diferente dos demais.

Ao analisarmos os verbos *crer* e *acreditar* separadamente dos outros verbos inseridos no grupo de opinião-suposição, verificamos comportamento distinto entre eles. Analisando-os dentro do grupo II, observamos desfavorecimento do uso da forma subjuntiva, alinhando os resultados de Vitória aos demais por nós comparados nas regiões Sudeste e Centro-Oeste e parte da região Nordeste. No entanto, decidimos seguir a proposta de Oliveira (2007) e analisamos os verbos separadamente, para nos certificarmos de seu efeito.

O verbo *crer* mostrou-se favorecedor da forma subjuntiva com peso relativo de 0,838. Comparando o nosso resultado ao de Oliveira (2007), verificamos que, em João Pessoa, há o desfavorecimento quase categórico da forma subjuntiva. Creditamos nosso resultado do verbo *crer* ao fato de que em Vitória, baseando-nos em nossos dados, a presença desse verbo na matriz imprime o traço de suposição, favorecendo o uso da forma subjuntiva na encaixada.

Já o resultado do verbo *acreditar* apresenta um equilíbrio no uso da forma indicativa e da subjuntiva com peso relativo de 0,515. Ainda assim, Vitória destoa dos resultados do Rio de Janeiro/Brasília, do Cariri e de João Pessoa, pois em todos esses trabalhos há o desfavorecimento da forma subjuntiva.

Percebemos, portanto, mais uma vez, que o uso variável da forma subjuntiva e da indicativa em Vitória distingue-se dos demais quando temos na matriz o verbo *crer* ou o *acreditar*.

Quanto ao verbo *achar*, seu resultado alinhou-se aos demais, desfavorecendo de forma contundente o uso da forma subjuntiva na encaixada. Esse resultado tem sido associado à gramaticalização desse verbo, o que ocasionou o esvaziamento de seu significado de opinião/suposição.

No último grupo (grupo III), temos verbos com os quais se espera o uso da forma indicativa. Nossos resultados corroboram essa expectativa de uso, porém de forma variável. Ao compararmos com os outros estudos, percebemos, todavia, que em Vitória há uso mais acentuado da forma subjuntiva no campo prototípico de uso da forma indicativa.

A carga semântica do verbo da matriz tem sido destacada em todas as pesquisas que analisam a alternância indicativo vs subjuntivo, seguida do grau de assertividade. Essa segunda variável é normalmente categorizada em *negação na*

matriz, negação na encaixada, negação na matriz e na encaixada, afirmação na matriz e na encaixada e interrogativa, mas é inegavelmente a negação na matriz que se destaca nesse grupo.

A negação na matriz tem sido apontada em diversas pesquisas como favorecedora do uso da forma subjuntiva, e, em nossa pesquisa, não foi diferente. A presença da negação na matriz é um dos fatores que condicionam o uso da forma subjuntiva em ambientes em que essa forma não é esperada. Na região Nordeste, esse uso é praticamente categórico, enquanto, no Sudeste/Centro-Oeste, ficamos um pouco distantes da categoricidade, mas a grande tendência é a mesma: favorecimento da forma subjuntiva.

Podemos exemplificar a importância da negação na matriz com o resultado do o verbo *achar*. Como vimos, o uso da forma indicativa na encaixada é quase categórico quando há a presença do verbo *achar* na matriz. No entanto, é possível a entrada da forma subjuntiva nesse ambiente linguístico, quando há a presença da negação na matriz.

Em ambientes de uso prototípico do subjuntivo, apesar de não encontrarmos prototipicidade, a negação na matriz favorece ainda mais o uso dessa forma verbal. Porém, tivemos nos resultados com o verbo *gostar* que, mesmo com a presença da negação na matriz, não houve o favorecimento do uso da forma subjuntiva, ou seja, mesmo diante da presença na matriz de um verbo favorecedor do uso da forma subjuntiva e da presença da negação o uso do subjuntivo na encaixada não foi contemplado, pelos falantes de Vitória. Neste contexto o uso do indicativo prevaleceu. O comportamento deste verbo, em especial, permite apontar que em Vitória há contextos de maior uso da entrada do indicativo no campo do subjuntivo.

A afirmação na matriz e na encaixada tende a não favorecer o uso da forma subjuntiva, exceto no Rio de Janeiro/Brasília em que há favorecimento. O desfavorecimento é ainda mais acentuado em Vitória e em João Pessoa quando temos afirmação na matriz e negação na encaixada, enquanto no Rio de Janeiro/Brasília há desfavorecimento da forma subjuntiva quando temos afirmação na matriz e negação na encaixada a qual, por outro lado, favorece o uso da forma subjuntiva no Cariri. Julgamos que estes resultados um tanto quanto díspares podem indicar que ainda há aspectos não devidamente explorados por todas as pesquisas, como, o tipo de verbo da encaixada.

A interrogativa desfavorece o uso da forma subjuntiva no Rio de Janeiro/Brasília e em Vitória, únicos estudos que apresentaram dados suficientes para a análise desse fator, sendo esse desfavorecimento mais acentuado no Rio de Janeiro/Brasília.

A última variável linguística selecionada foi o tempo do verbo da matriz: enquanto o presente favorece o uso da forma indicativa na encaixada, o pretérito perfeito ou imperfeito é favorecedor da forma subjuntiva. Valemo-nos novamente do verbo *achar* para exemplificarmos a importância dessa variável no uso da forma subjuntiva. Esta forma é possível com o verbo *achar* quando houver negação na matriz ou quando o tempo for perfeito ou imperfeito. Observamos também uma das únicas ocorrências do subjuntivo com o verbo gostar na matriz, quando há a presença do pretérito perfeito na matriz.

Entre as variáveis sociais analisadas (gênero, faixa etária e escolaridade), somente a escolaridade foi selecionada. Há uma hipótese geral de que o uso da forma subjuntiva esteja diretamente relacionado ao acesso ao ensino sistematizado. Isto é corroborado pelos nossos resultados: os falantes com escolaridade universitária favorecem mais o uso do subjuntivo. No entanto, nosso resultado foi distinto do encontrado por Carvalho (2007) na região do Cariri em que os falantes sem escolarização utilizam-se efetivamente da forma subjuntiva até com mais frequência do que os mais escolarizados.

Comungamos da hipótese levantada por Oliveira (2007) de que a resposta para o resultado da escolaridade esteja relacionado a fatores sócio-históricos.

Oliveira (2007, pp.109-123) discorre sobre a chegada dos portugueses ao Brasil, analisando esse processo de colonização, principalmente, no que tange a parte da região Nordeste, bem como ao Rio de Janeiro. Apropriando-se da análise feita por outros pesquisadores, Oliveira (2007, pp.122-123) conclui que o uso da forma subjuntiva em João Pessoa (estendemos essa afirmação ao Cariri devido à proximidade dos resultados) deve-se à manutenção do uso da forma subjuntiva indicado na gramática do português europeu. Além disso, Oliveira (2010, pp.122-123) atribui a entrada da forma indicativa ao contato da comunidade de fala analisada com falantes de outras comunidades

Segundo Oliveira (2010, p.122), no Rio de Janeiro o contato foi maior à época da vinda dos portugueses, promovendo uma variação mais acentuada no uso da forma indicativa e da subjuntiva. Acreditamos que isso também tenha ocorrido em

Vitória, porém, para que possamos aprofundar esta discussão, precisamos realizar uma pesquisa sócio-histórica, que pretendemos fazer no futuro.

Na alternância de tempo e modo – entre presente do indicativo e futuro do subjuntivo - somente o tipo de oração foi selecionada, sendo a oração condicional favorecedora da seleção do futuro do subjuntivo e, a temporal, do presente do indicativo. Não pudemos ainda comparar nossos resultados ao de Gryner (1990) por não termos comungado da mesma seleção de grupos de fatores. No futuro, pretendemos também aprofundar a análise deste frutífero campo de alternância.

A alternância de tempo - pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo - foi apresentada, mas não esmiuçada em nosso estudo. Essa alternância não segue a mesma linha dos outros dois fenômenos, pois a alternância sistemática que achávamos ocorrer na encaixada ocorre, verdadeiramente, na matriz, entre pretérito imperfeito do indicativo x futuro do pretérito.

No estudo da alternância de modo, devemos reconhecer que nos faltou tempo para uma atenção maior ao verbo da encaixada, pois este não foi contemplado de forma abrangente para que pudéssemos refinar a nossa pesquisa, controlando, por exemplo, o paradigma verbal da encaixada, bem como a dinamicidade desse verbo. Já na alternância de tempo e modo, faltou-nos definir grupos de fatores mais restritos a esse tipo de alternância, como, a generalização e a exemplificação, controladas por Gryner (1998). Isto deve ser feito em estudos ulteriores.

Vimos, portanto, que não se findou o estudo de cada uma das alternâncias aqui apresentadas. Faz-se necessária a continuidade do estudo com o aprofundamento nas questões que ainda se encontram encobertas seja pela pequena quantidade de dados, seja pela necessidade do controle de novas variáveis, seja pela necessidade de um aprofundamento na sócio-história da comunidade de fala pesquisada.

Por fim, acreditamos que a possibilidade de trabalhar com dados reais de fala da comunidade na qual estamos inseridos nos permite compreender melhor a língua por nós utilizada. Percebemos, portanto, que Vitória alinha-se de forma geral aos resultados encontrados na pesquisa realizada por Rocha com dados do Rio de Janeiro/Brasília, ou seja, com as regiões Sudeste e Centro-Oeste. No entanto, encontramos nesse alinhamento distinções em alguns resultados, demonstrando que, em Vitória, a alternância no uso da forma indicativa e da subjuntiva é mais

acentuada e possui traços até então não observados em outras comunidades de fala pesquisadas.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erica Sousa de. **Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, 294p. Tese, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ALKMIN, Tânia. *Sociolingüística*. Parte 1. In MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003. Volume1.

BARBARA, Leila. **Sintaxe transformacional do modo verbal**. São Paulo: ática, 1975.

BECHARA, Evanildo. **Lições de Português pela análise sintática**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CAMACHO, Roberto. *Sociolingüística*. Parte 2. MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003. Volume1.

CÂMARA, Jr. Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARVALHO, Hebe Macedo. **A alternância Indicativo/Subjuntivo nas Orações Substantivas em função dos Tempos Verbais Presente e Imperfeito na Língua Falada do Cariri**. Fortaleza: UFC, 2007, 159p. Tese (Doutorado em Lingüística), Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Ceará.

CARVALHO, José Augusto. **Gramática Superior da Língua Portuguesa**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CASTILHO, Ataliba de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FAGUNDES, Edson Domingos. **As ocorrências do Modo Subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no Estado do Paraná e as possibilidades de variação com o Modo Indicativo**. Curitiba: UFPR, 2007, 220p. Tese (Doutorado em Lingüística), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Complementação de predicado em português**. São Paulo: PUC, 1974, 183p. Tese de doutorado.

GALEMBECK, P. T. *O emprego do subjuntivo e de formas alternativas na fala culta*. In: PRETI, D. (Org.). **Estudos de língua falada: variação e confrontos**. Humanitas: São Paulo, 1998.

GIVÓN, T. **Irrealis and the subjunctive**. Studies in Language, v. 18, n.2, pp.265-337, 1994.

_____. **Functionalism and Grammar**. Philadelphia, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: essays on face to face behavior**. New York: Panteon. 1967.

GONÇALVES, Jussara Regina. **Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2003, 100p. Disponível em < http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=3996@1> Acesso em 16 de março de 2011.

GÖRSKI, Edair Maria et. Alii. *Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis*. In: VANDRESSEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002.

GRYNER, Helena. *Variação Modal como estratégia argumentativa*. **Variação e Discurso** (coletânea), Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **Variação e iconicidade: a representação morfossintática de uma hierarquia semântica**. Revista Estudos da Linguagem, Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, volume 7, nº 2, 1998.

GUY, Gregory; Riordan Ziles, Ana. **Sociolinguística quantitativa-Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid, Cátedra, 1983.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: BAGNO, Marcos, SCHERRE, Maria Marta Pereira, CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LINS, Maria da Penha P.; YACOVENCO Lillian C. (Org.). **Caminhos em Linguística**. Vitória: NUPLES/DLL/UFES, 2002.

LOPES, Célia Regina dos Santos, DUARTE, M.E.L. *De “Vossa Mercê” a “Você”:* análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F. e MOTA, M.A. (Ogs.) **Análise contrastiva de Variedades do Português: Primeiros estudos**, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. 2ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATEUS *et alii*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Lisboa: Caminho, 1989.

_____. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

NARO, Anthony J. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) **Introdução à Sociolingüística** – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

NETA, Ana A. **O Uso de Formas do Indicativo por Formas do Subjuntivo no Português Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000, 114p.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. 6ª edição. São Paulo: UNESP, 2000.

PEREIRA, Maria Angela Botelho. **Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974, 265p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Gramática do Português Brasileiro**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, 254p.

OLIVEIRA, Marco Antônio. **Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical**. *D.E.L.T. A.*, vol. 3, nº 1, 1987, (19-34).

OLIVEIRA, Maria do Carmo de. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no Português do Brasil**. Brasília: UNB, 2007, 141p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília.

PIMPÃO, Tatiana Schowochow. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999, 129p.

ROCHA, Rosa Cecília Freire da. **A alternância Indicativo/Subjuntivo nas Orações Subordinadas Substantivas em Português**. Brasília: UNB, 1997, 123p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, F. J. (Ed) **Linguistics: the Cambridge survey**. Volume IV, New York: Cambridge University Press, 1988. p.141-160.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de de lingüística geral**. 25.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação VARBRUL*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto,2003.

TARALO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

VIEIRA, Marta Mara Munguba. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o Francês do Canadá**. Dissertação de Mestrado. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007, 106p.

WEINREICH, V., LABOV, W & HERZOG,M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**.Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

GRUPOS DE FATORES

VARIÁVEIS SOCIAIS			
1	Tipo de Alternância	S	Subjuntivo
		I	Indicativo
		P	Presente
		F	Futuro
		E	Pretérito Imperfeito
2	Sexo	h	Masculino
		w	Feminino
3	Faixa Etária	1	7 a 14 anos
		2	15 a 24 anos
		3	25 a 49 anos
		4	+ de 49 anos
4	Grau de Escolaridade	f	Fundamental
		m	Médio
		u	Superior
5	Falante	e	Entrevistador
		i	Informante
VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS			
6	Tipo de Alternância	M	Modo
		T	Tempo
		A	Tempo e Modo
7	Tempo Verbal da Matriz	p	Presente
		r	Pretérito Imperfeito
		l	Pretérito Perfeito
		j	Futuro do Presente
		q	Futuro do Pretérito
		y	Futuro Perifrástico
		k	Futuro
		Q	Infinitivo/Infinitivo Pessoal
8	Tempo Verbal da Encaixada	P	Presente
		E	Pretérito Imperfeito
		K	Pretérito Perfeito
		B	Futuro do Presente
		R	Futuro do Pretérito
		U	Futuro Perifrástico
		F	Futuro
		O	Infinitivo/Infinitivo Pessoal
9	Assertiva	+	Afirmativa na Matriz e na Encaixada
		?	Interrogativa
		-	Negativa na Matriz e Afirmativa na Encaixada
		¬	Negativa na Encaixada e Afirmativa na Matriz
		#	Negativa na Matriz e na Encaixada
10	Tipo de Oração	D	O.S.S. Objetiva Direta
		C	O.S.A. Condicional
		>	O.S.S. Objetiva Indireta
		W	O.S.S. Subjetiva
		N	O.S.S. Completiva Nominal
		R	O.S.S. Predicativa

		t	O.S.A. Temporal
		A	O.S. Adj. Restritiva
		b	Oração Absoluta
11	Carga Semântica do Verbo da Matriz	V	Não-factivo Voilitivo (querer, esperar, mandar, desejar)
		@	Factivo Emotivo ou Avaliativo (gostar, admirar, concordar, amar)
		J	Indiferente de opinião e Suposição (imaginar, pensar, considerar, acreditar, crer, supor, poder, ser impossível)
		N	Não-Factivo Não-Voilitivo (pedir, deixar, temer, ser necessário, fazer)
		!	Factivo Não-Emotivo Não-Avaliativo (saber, lembrar)
		G	Indiferente de Suposição (parecer)
		H	Indiferente de Opinião (achar)
		d	Bicondicional e Implicativo Negativo (duvidar, ser possível, ser válido, impedir)
		L	Indiferente Performativo, Condicional (falar, dizer, ser certo, garantir, afirmar, conseguir)
		O	Outros verbos (ajudar, ...)
12	Verbo da Oração Matriz	a	Querer
		b	Esperar
		c	Desejar
		d	Permitir
		e	Pedir
		f	Deixar
		g	Ter medo
		h	Ser
		i	Precisar
		j	Dizer
		k	Concordar
		l	Gostar
		m	Importar
		n	Imaginar
		o	Pensar
		p	Acreditar
		q	Crer
		r	Parecer
		s	Achar
		t	Perceber
		u	Conhecer
		v	Entender
		w	Dizer
		x	Locução verbal – presente
		y	Locução verbal – pretérito (futuro do pretérito)
		z	Locução verbal – futuro
		A	Dar
		B	Saber
		C	Conseguir
		D	Preferir
E	Dever		
F	Pretender		

		G	Duvidar
		H	Considerar
		I	Descobrir
		J	Comentar
		K	Exigir
		L	Determinar
		M	Mandar
		N	Existir
		O	Supor
		1	Aceitar
		2	Poder
		3	Fazer
		4	Ficar
		5	Falar
		6	Ter
		7	Ir
		8	Estar
		9	Outros verbos (comprar, pegar, almoçar, arranjar, meter, colocar, acontecer, vender, cobrar, descartar, mudar, repartir, distribuir, ouvir, escutar, usar, ...)
13	<i>Corpus</i>	x	PortVix
		&	Entrevistas
		a	Anônimo
14	Pessoa do verbo da oração matriz	o	1ª pessoa do singular
		^	2ª pessoa do singular (tu, você)
		:	3ª pessoa do singular
		n	1ª pessoa do plural (a gente, nós)
		§	3ª pessoa do plural
		v	Sem sujeito
15	Pessoa do verbo da oração encaixada	*	1ª pessoa do singular
		C	2ª pessoa do singular (tu, você)
		;	3ª pessoa do singular
		g	1ª pessoa do plural (a gente, nós)
		^a	3ª pessoa do plural
		S	Sem sujeito
16	Modalizador	s	Ausência de modalizador
		z	Presença de modalizador (talvez, provavelmente)

ANEXO 2

RODADA DE MODO

RODADA GERAL MODO DA DISSERTAÇÃO

• GROUPS & FACTORS • 28/06/2011 10:37:00

Group	Default	Factors
1	F	FIESP
2	h	hw
3	1	1234
4	f	fum
5	i	ie
6	T	TAM
7	p	pyqrjklQ
8	P	PER
9	+	+?-#
10	C	CtDAbWN
11	O	OVHJ!N@dLG
12	9	9za12Ou3ysl4h57G6b8AmpxwCDqkEonFHBItJNedjfKMLgri
13	R	RAI
14	x	xa
15	^	^:°nv§
16	*	*cS;^g
17	s	sz

• CELL CREATION • 28/06/2011 10:39:27

Name of token file: juntaocoorenciasatual.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1(nil(col 14 a)))

(2) gênero

(3) faixa etária

(4) escolaridade

(5) falante

;(6) tipo de alternância

(7(T(col 7 r)) amalgamação do pretérito imperfeito,

(T(col 7 Q)) infinitivo com o

(T(col 7 l)) pretérito perfeito

(8(T(col 8 R)) amalgamação do futuro do pretérito com o

(T(col 8 E)) pretérito imperfeito

(9(nil(col 10 A)) eliminação das orações adjetivas

(-col 9 #)) amalgamação da negação na matriz e na encaixada com a

(-col 9 -)) negação na matriz

(10(nil(col 10 N)) eliminação da oração completiva nominal

(nil(col 10 A)) eliminação da oração adjetiva restritiva

;(11) eliminação do grupo carga semântica do verbo da matriz

(12(V(col 12 M)) amalgamação dos verbos volitivos, exceto querer: mandar,

(V(col 12 L)) determinar,

(V(col 12 K)) exigir,

(V(col 12 e)) pedir,

(V(col 12 b)) esperar,

(V(col 12 l)) aceitar,

(V(col 12 k)) concordar,
(V(col 12 d)) permitir,
(V(col 12 D)) preferir,
(V(col 12 F)) pretender,
(V(col 12 i)) precisar, e
(V(col 12 g)) ter medo
(O(col 12 O)) amalgamação dos verbos de opinião e suposição, exceto achar, acreditar e
crer: supor,
(O(col 12 o)) pensar,
(O(col 12 n)) imaginar,
(O(col 12 r)) parecer,
(O(col 12 m)) importar,
(O(col 12 H)) considerar,
(O(col 12 G)) duvidar,
(O (and (col 12 h) (col 11 d))) ser válido, ser possível
(O (and (col 12 h) (col 11 J))) ser impossível,
(O (and (col 12 h) (col 11 L))) ser lógico, ser bom
(D(col 12 5)) amalgamação dos verbos dicendi: falar,
(D(col 12 w)) dizer,
(D(col 12 J)) comentar e
(D(col 12 j)) dizer
(Q(col 12 I)) amalgamação dos verbos cognitivos: descobrir,
(Q(col 12 t)) perceber, e
(Q(col 12 B)) saber
(Z(col 17 z)) modalizador talvez
;(13) eliminação do paradigma verbal da matriz
;(14) eliminação do corpus
(15) pessoa verbal da matriz
(16(1(col 16 *)) amalgamação da 1ª ps da encaixada com
(1(col 16 g)) nós/a gente
;(17) eliminação do grupo modalizador
)

Number of cells: 197
Application value(s): SI
Total no. of factors: 43

Group	S	I	Total	%	

1 (2)	S	I			GÊNERO
h N	35	87	122	35.2	masculino
%	28.7	71.3			
w N	74	152	226	64.8	feminino
%	32.9	67.1			
Total N	109	239	348		
%	31.4	68.6			

2 (3)	S	I			FAIXA ETÁRIA

1	N	8	22	30	8.6	7 a 14 anos
	%	26.7	73.3			
2	N	58	126	184	52.7	15 a 25 anos
	%	31.7	68.3			
3	N	28	65	93	26.8	26 a 49 anos
	%	30.1	69.9			
4	N	15	26	41	11.8	+ de 49 anos
	%	36.6	63.4			

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

3 (4)	S	I	ESCOLARIDADE			
f	N	26	72	98	28.0	fundamental
	%	26.8	73.2			
u	N	64	108	172	49.6	universitário
	%	37.2	62.8			
m	N	19	59	78	22.5	médio
	%	24.4	75.6			

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

4 (5)	S	I	FALANTE			
i	N	88	180	268	76.9	informante
	%	33.0	67.0			
e	N	21	59	80	23.1	entrevistador
	%	26.2	73.8			

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

5 (7)	S	I	TEMPO VERBAL DA MATRIZ			
p	N	79	218	297	93.4	presente
	%	26.7	73.3			
T	N	16	5	21	6.6	pretérito
	%	76.2	23.8			

Total N 95 223 318
% 30.0 70.0

6 (8)	S	I	TEMPO VERBAL DA ENCAIXADA			
P	N	88	218	306	87.9	presente

% 28.9 71.1

T N 21 21 42 12.1 pretérito
% 50.0 50.0

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

7 (9) S I ASSERTIVIDADE
- N 24 17 41 11.8 negação na matriz
% 58.5 41.5

+ N 64 151 215 61.7 afirmação na matriz e na encaixada
% 29.9 70.1

¬ N 6 32 38 11.0 negação na encaixada
% 15.8 84.2

? N 15 39 54 15.6 interrogativa
% 27.8 72.2

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

8 (10) S I TIPO DE ORAÇÃO
D N 90 221 311 89.3 completiva
% 29.0 71.0

b N 14 16 30 8.6 absoluta
% 46.7 53.3

W N 5 2 7 2.0 subjetiva
% 71.4 28.6

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

9 (12) S I VERBO DA MATRIZ
a N 34 8 42 12.1 querer
% 81.0 19.0

O N 11 9 20 5.8 supor, pensar, imaginar, parecer, importar, considerar,
duvidar, ser válido, ser lógico, ser possível, ser impossível, ser lógico e ser bom
% 55.0 45.0

Z N 14 16 30 8.6 talvez
% 46.7 53.3

s N 9 158 167 48.1 achar
% 5.4 94.6

l N 2 8 10 2.6 gostar
% 20.0 80.0

V N 20 5 25 7.2 pedir, mandar, determinar, esperar, exigir, aceitar,
concordar, permitir, preferir, pretender, precisar e ter medo
% 80.0 20.0

p N 6 9 15 4.3 acreditar
% 40.0 60.0

D N 2 7 9 2.6 falar, dizer e comentar
% 22.2 77.8

q N 10 9 19 5.5 crer
% 52.6 47.4

Q N 1 10 11 3.2 saber, perceber e descobrir
% 9.1 90.9

Total N 109 239 348
% 31.4 68.6

10 (15) S I PESSOA DO VERBO DA MATRIZ
: N 19 17 36 11.0 3ª pessoa do singular
% 54.3 45.7

n N 2 1 3 0.9 nós/a gente
% 66.7 33.3

o N 54 150 204 64.4 1ª pessoa do singular
% 26.5 73.5

v N 3 2 5 1.6 sem sujeito
% 60.0 40.0

^ N 12 50 62 19.6 você
% 19.4 80.6

§ N 5 3 8 2.5 3ª pessoa do plural
% 62.5 37.5

Total N 95 223 318
% 30.0 70.0

11 (16) S I PESSOA VERBAL DA ENCAIXADA
1 N 11 23 34 9.8 1ª pessoa do singular/nós/a gente
% 32.4 67.6

; N 68 162 230 66.3 3ª pessoa do singular

	%	29.6	70.4		
S	N	5	17	22	6.3
	%	22.7	77.3		sem sujeito
c	N	15	15	30	8.6
	%	50.0	50.0		você
a	N	10	22	32	8.9
	%	32.3	67.7		3ª pessoa do plural
Total N		109	239	348	
	%	31.4	68.6		

TOTAL N		109	238	347	
	%	31.4	68.6		

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 28/06/2011 10:40:16

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.314
Log likelihood = -215.958

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.314
Group # 1 -- h: 0.468, w: 0.517
Log likelihood = -215.632 Significance = 0.436

Run # 3, 4 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.314
Group # 2 -- 1: 0.443, 2: 0.504, 3: 0.485, 4: 0.558
Log likelihood = -215.509 Significance = 0.825

Run # 4, 3 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.311
Group # 3 -- f: 0.448, u: 0.567, m: 0.417
Log likelihood = -213.221 Significance = 0.069

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.313
Group # 4 -- i: 0.519, e: 0.438
Log likelihood = -215.300 Significance = 0.257

Run # 6, 3 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.296
Group # 5 -- p: 0.464, T: 0.884
Log likelihood = -205.493 Significance = 0.000

Run # 7, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.311
Group # 6 -- P: 0.473, T: 0.688
Log likelihood = -212.364 Significance = 0.009

Run # 8, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.307
Group # 7 -- -: 0.761, +: 0.491, -: 0.298, ?: 0.465
Log likelihood = -206.853 Significance = 0.000

Run # 9, 3 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.312
Group # 8 -- D: 0.474, b: 0.659, W: 0.846
Log likelihood = -211.672 Significance = 0.015

Run # 10, 10 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.222
Group # 9 -- a: 0.937, O: 0.811, Z: 0.754, s: 0.166, l: 0.500, V: 0.933, p: 0.700, D: 0.500, q:
0.796, Q: 0.259
Log likelihood = -138.615 Significance = 0.000

Run # 11, 7 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.291
Group #10 -- :: 0.743, n: 0.830, °: 0.468, v: 0.785, ^: 0.369, §: 0.802
Log likelihood = -205.301 Significance = 0.001

Run # 12, 5 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.312

Group #11 -- 1: 0.513, :: 0.481, S: 0.394, c: 0.688, ^a: 0.512

Log likelihood = -213.122 Significance = 0.229

Add Group # 9 with factors aOZsIVpDqQ

----- Level # 2 -----

Run # 13, 19 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.220

Group # 1 -- h: 0.407, w: 0.551

Group # 9 -- a: 0.937, O: 0.794, Z: 0.757, s: 0.162, l: 0.481, V: 0.936, p: 0.683, D: 0.511, q: 0.852, Q: 0.257

Log likelihood = -137.287 Significance = 0.105

Run # 14, 34 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.222

Group # 2 -- 1: 0.390, 2: 0.508, 3: 0.515, 4: 0.511

Group # 9 -- a: 0.938, O: 0.816, Z: 0.765, s: 0.164, l: 0.554, V: 0.931, p: 0.692, D: 0.503, q: 0.791, Q: 0.265

Log likelihood = -138.200 Significance = 0.842

Run # 15, 28 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.214

Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.625, m: 0.588

Group # 9 -- a: 0.962, O: 0.795, Z: 0.783, s: 0.138, l: 0.733, V: 0.952, p: 0.602, D: 0.461, q: 0.821, Q: 0.237

Log likelihood = -129.170 Significance = 0.000

Run # 16, 18 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.222

Group # 4 -- i: 0.501, e: 0.497

Group # 9 -- a: 0.937, O: 0.811, Z: 0.754, s: 0.167, l: 0.499, V: 0.933, p: 0.700, D: 0.501, q: 0.795, Q: 0.259

Log likelihood = -138.615 Significance = 0.981

Run # 17, 15 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.220

Group # 5 -- p: 0.469, T: 0.853

Group # 9 -- a: 0.922, O: 0.809, Z: 0.737, s: 0.175, l: 0.463, V: 0.941, p: 0.728, D: 0.534, q: 0.817, Q: 0.181

Log likelihood = -135.203 Significance = 0.010

Run # 18, 17 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.221

Group # 6 -- P: 0.477, T: 0.660

Group # 9 -- a: 0.931, O: 0.815, Z: 0.729, s: 0.168, l: 0.500, V: 0.939, p: 0.720, D: 0.525, q: 0.805, Q: 0.245

Log likelihood = -137.296 Significance = 0.106

Run # 19, 35 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.217

Group # 7 -- -: 0.828, +: 0.445, -: 0.384, ?: 0.504

Group # 9 -- a: 0.942, O: 0.754, Z: 0.799, s: 0.180, l: 0.195, V: 0.942, p: 0.613, D: 0.373, q: 0.789, Q: 0.257

Log likelihood = -131.829 Significance = 0.006

Run # 20, 11 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.222

Group # 8 -- D: 0.480, b: 0.644, W: 0.730

Group # 9 -- a: 0.942, O: 0.764, Z: 0.629, s: 0.178, l: 0.520, V: 0.938, p: 0.716, D: 0.520, q: 0.808, Q: 0.275

Log likelihood = -138.013 Significance = 0.554

Run # 21, 32 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.218

Group # 9 -- a: 0.943, O: 0.815, Z: 0.750, s: 0.161, l: 0.479, V: 0.951, p: 0.688, D: 0.524, q: 0.762, Q: 0.242

Group #10 -- :: 0.385, n: 0.531, °: 0.555, v: 0.551, ^: 0.357, §: 0.685

Log likelihood = -136.535 Significance = 0.528

Run # 22, 39 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.220

Group # 9 -- a: 0.948, O: 0.806, Z: 0.775, s: 0.153, l: 0.493, V: 0.950, p: 0.683, D: 0.520, q: 0.771, Q: 0.267

Group #11 -- 1: 0.386, :: 0.556, S: 0.507, c: 0.420, ^a: 0.294

Log likelihood = -136.057 Significance = 0.279

Add Group # 3 with factors fum

----- Level # 3 -----

Run # 23, 47 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.214

Group # 1 -- h: 0.477, w: 0.512

Group # 3 -- f: 0.238, u: 0.622, m: 0.587

Group # 9 -- a: 0.962, O: 0.791, Z: 0.783, s: 0.137, l: 0.725, V: 0.952, p: 0.601, D: 0.466, q: 0.834, Q: 0.235

Log likelihood = -129.113 Significance = 0.739

Run # 24, 62 cells:

Convergence at Iteration 17

Input 0.215

Group # 2 -- 1: 0.720, 2: 0.437, 3: 0.524, 4: 0.554

Group # 3 -- f: 0.183, u: 0.656, m: 0.608

Group # 9 -- a: 0.963, O: 0.781, Z: 0.771, s: 0.135, l: 0.665, V: 0.964, p: 0.610, D: 0.456, q: 0.857, Q: 0.201

Log likelihood = -127.684 Significance = 0.407

Run # 25, 36 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.212

Group # 3 -- f: 0.204, u: 0.668, m: 0.537

Group # 4 -- i: 0.549, e: 0.343

Group # 9 -- a: 0.962, O: 0.806, Z: 0.793, s: 0.139, l: 0.731, V: 0.950, p: 0.596, D: 0.493, q: 0.785, Q: 0.220

Log likelihood = -127.598 Significance = 0.081

Run # 26, 35 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.213

Group # 3 -- f: 0.248, u: 0.630, m: 0.551

Group # 5 -- p: 0.473, T: 0.820

Group # 9 -- a: 0.953, O: 0.793, Z: 0.768, s: 0.147, l: 0.693, V: 0.955, p: 0.631, D: 0.498, q: 0.832, Q: 0.178

Log likelihood = -126.928 Significance = 0.038

Run # 27, 40 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.214

Group # 3 -- f: 0.240, u: 0.622, m: 0.582

Group # 6 -- P: 0.486, T: 0.603

Group # 9 -- a: 0.959, O: 0.798, Z: 0.767, s: 0.140, l: 0.722, V: 0.954, p: 0.619, D: 0.478, q: 0.825, Q: 0.228

Log likelihood = -128.716 Significance = 0.353

Run # 28, 67 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.212

Group # 3 -- f: 0.217, u: 0.631, m: 0.603

Group # 7 -- -: 0.853, +: 0.448, -: 0.426, ?: 0.426

Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.730, Z: 0.819, s: 0.153, l: 0.404, V: 0.959, p: 0.482, D: 0.322, q: 0.814, Q: 0.202

Log likelihood = -121.750 Significance = 0.004

Run # 29, 31 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.214

Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.628, m: 0.580
Group # 8 -- D: 0.478, b: 0.664, W: 0.728
Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.748, Z: 0.648, s: 0.148, l: 0.750, V: 0.956, p: 0.622, D: 0.484, q:
0.832, Q: 0.254
Log likelihood = -128.624 Significance = 0.587

Run # 30, 59 cells:
Convergence at Iteration 14
Input 0.210
Group # 3 -- f: 0.217, u: 0.648, m: 0.562
Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.801, Z: 0.783, s: 0.132, l: 0.741, V: 0.965, p: 0.558, D: 0.502, q:
0.767, Q: 0.213
Group #10 -- :: 0.403, n: 0.593, °: 0.584, v: 0.583, ^: 0.272, §: 0.593
Log likelihood = -125.799 Significance = 0.245

Run # 31, 69 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.212
Group # 3 -- f: 0.223, u: 0.635, m: 0.582
Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.787, Z: 0.805, s: 0.125, l: 0.731, V: 0.968, p: 0.590, D: 0.469, q:
0.796, Q: 0.245
Group #11 -- 1: 0.482, :: 0.553, S: 0.518, c: 0.308, ^a: 0.317
Log likelihood = -126.677 Significance = 0.290

Add Group # 7 with factors --+~?

----- Level # 4 -----

Run # 32, 88 cells:
Convergence at Iteration 11
Input 0.211
Group # 1 -- h: 0.449, w: 0.528
Group # 3 -- f: 0.226, u: 0.625, m: 0.599
Group # 7 -- -: 0.856, +: 0.451, ~: 0.421, ?: 0.414
Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.722, Z: 0.818, s: 0.153, l: 0.379, V: 0.957, p: 0.475, D: 0.339, q:
0.844, Q: 0.205
Log likelihood = -121.464 Significance = 0.463

Run # 33, 104 cells:
Convergence at Iteration 15
Input 0.213
Group # 2 -- 1: 0.645, 2: 0.472, 3: 0.489, 4: 0.539
Group # 3 -- f: 0.189, u: 0.646, m: 0.620
Group # 7 -- -: 0.843, +: 0.450, ~: 0.417, ?: 0.437
Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.722, Z: 0.808, s: 0.151, l: 0.373, V: 0.965, p: 0.493, D: 0.314, q:
0.832, Q: 0.196
Log likelihood = -121.272 Significance = 0.812

Run # 34, 76 cells:
Convergence at Iteration 11

Input 0.211

Group # 3 -- f: 0.204, u: 0.655, m: 0.570

Group # 4 -- i: 0.533, e: 0.393

Group # 7 -- -: 0.837, +: 0.441, \neg : 0.412, ?: 0.486

Group # 9 -- a: 0.964, O: 0.739, Z: 0.827, s: 0.154, l: 0.423, V: 0.957, p: 0.490, D: 0.351, q: 0.794, Q: 0.194

Log likelihood = -121.301 Significance = 0.357

Run # 35, 74 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.209

Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.636, m: 0.562

Group # 5 -- p: 0.464, T: 0.884

Group # 7 -- -: 0.874, +: 0.439, \neg : 0.366, ?: 0.471

Group # 9 -- a: 0.953, O: 0.717, Z: 0.813, s: 0.165, l: 0.325, V: 0.963, p: 0.515, D: 0.353, q: 0.838, Q: 0.140

Log likelihood = -118.206 Significance = 0.009

Run # 36, 80 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.212

Group # 3 -- f: 0.227, u: 0.625, m: 0.598

Group # 6 -- P: 0.480, T: 0.644

Group # 7 -- -: 0.860, +: 0.440, \neg : 0.420, ?: 0.452

Group # 9 -- a: 0.961, O: 0.729, Z: 0.803, s: 0.157, l: 0.384, V: 0.962, p: 0.504, D: 0.340, q: 0.822, Q: 0.194

Log likelihood = -120.912 Significance = 0.197

Run # 37, 70 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.212

Group # 3 -- f: 0.217, u: 0.632, m: 0.599

Group # 7 -- -: 0.851, +: 0.444, \neg : 0.439, ?: 0.435

Group # 8 -- D: 0.474, b: 0.711, W: 0.691

Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.678, Z: 0.651, s: 0.167, l: 0.434, V: 0.963, p: 0.508, D: 0.349, q: 0.829, Q: 0.220

Log likelihood = -121.398 Significance = 0.704

Run # 38, 89 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 3 -- f: 0.216, u: 0.639, m: 0.586

Group # 7 -- -: 0.823, +: 0.363, \neg : 0.374, ?: 0.807

Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.703, Z: 0.850, s: 0.147, l: 0.355, V: 0.972, p: 0.445, D: 0.355, q: 0.752, Q: 0.177

Group #10 -- :: 0.450, n: 0.665, °: 0.646, v: 0.451, ^: 0.112, §: 0.802

Log likelihood = -117.191 Significance = 0.106

Run # 39, 116 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.212

Group # 3 -- f: 0.211, u: 0.639, m: 0.592

Group # 7 -- -: 0.840, +: 0.454, \neg : 0.440, ?: 0.413

Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.724, Z: 0.827, s: 0.144, l: 0.418, V: 0.969, p: 0.482, D: 0.331, q: 0.795, Q: 0.206

Group #11 -- 1: 0.514, :: 0.531, S: 0.569, c: 0.351, ^a: 0.358

Log likelihood = -120.440 Significance = 0.627

Add Group # 5 with factors pT

----- Level # 5 -----

Run # 40, 97 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.209

Group # 1 -- h: 0.473, w: 0.515

Group # 3 -- f: 0.238, u: 0.633, m: 0.561

Group # 5 -- p: 0.465, T: 0.881

Group # 7 -- -: 0.875, +: 0.441, \neg : 0.364, ?: 0.464

Group # 9 -- a: 0.953, O: 0.712, Z: 0.813, s: 0.164, l: 0.314, V: 0.962, p: 0.511, D: 0.362, q: 0.852, Q: 0.141

Log likelihood = -118.136 Significance = 0.709

Run # 41, 114 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.209

Group # 2 -- 1: 0.678, 2: 0.465, 3: 0.504, 4: 0.511

Group # 3 -- f: 0.197, u: 0.656, m: 0.581

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.891

Group # 7 -- -: 0.862, +: 0.442, \neg : 0.355, ?: 0.490

Group # 9 -- a: 0.954, O: 0.707, Z: 0.805, s: 0.161, l: 0.290, V: 0.970, p: 0.526, D: 0.345, q: 0.859, Q: 0.129

Log likelihood = -117.526 Significance = 0.715

Run # 42, 84 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.207

Group # 3 -- f: 0.216, u: 0.670, m: 0.510

Group # 4 -- i: 0.546, e: 0.350

Group # 5 -- p: 0.461, T: 0.900

Group # 7 -- -: 0.855, +: 0.429, \neg : 0.340, ?: 0.562

Group # 9 -- a: 0.949, O: 0.729, Z: 0.825, s: 0.167, l: 0.340, V: 0.961, p: 0.528, D: 0.399, q: 0.815, Q: 0.130

Log likelihood = -117.333 Significance = 0.190

Run # 43, 81 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.208

Group # 3 -- f: 0.228, u: 0.643, m: 0.556

Group # 5 -- p: 0.456, T: 0.925

Group # 6 -- P: 0.516, T: 0.389
Group # 7 -- -: 0.874, +: 0.442, \neg : 0.360, ?: 0.464
Group # 9 -- a: 0.953, O: 0.713, Z: 0.829, s: 0.164, l: 0.327, V: 0.963, p: 0.506, D: 0.348, q:
0.838, Q: 0.138
Log likelihood = -117.969 Significance = 0.493

Run # 44, 76 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.208
Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.641, m: 0.551
Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.893
Group # 7 -- -: 0.872, +: 0.434, \neg : 0.377, ?: 0.487
Group # 8 -- D: 0.471, b: 0.718, W: 0.766
Group # 9 -- a: 0.958, O: 0.623, Z: 0.643, s: 0.181, l: 0.356, V: 0.968, p: 0.545, D: 0.388, q:
0.854, Q: 0.153
Log likelihood = -117.529 Significance = 0.509

Run # 45, 96 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.204
Group # 3 -- f: 0.229, u: 0.646, m: 0.546
Group # 5 -- p: 0.467, T: 0.867
Group # 7 -- -: 0.851, +: 0.363, \neg : 0.330, ?: 0.802
Group # 9 -- a: 0.959, O: 0.683, Z: 0.846, s: 0.156, l: 0.288, V: 0.977, p: 0.478, D: 0.384, q:
0.782, Q: 0.124
Group #10 -- :: 0.420, n: 0.662, °: 0.635, v: 0.496, ^: 0.138, §: 0.781
Log likelihood = -114.149 Significance = 0.158

Run # 46, 124 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.209
Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.643, m: 0.548
Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.897
Group # 7 -- -: 0.860, +: 0.445, \neg : 0.372, ?: 0.467
Group # 9 -- a: 0.960, O: 0.714, Z: 0.824, s: 0.153, l: 0.335, V: 0.973, p: 0.511, D: 0.367, q:
0.817, Q: 0.146
Group #11 -- 1: 0.454, :: 0.544, S: 0.548, c: 0.351, ^a: 0.345
Log likelihood = -116.724 Significance = 0.568

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 9 3 7 5
Best stepping up run: #35

Stepping down...

----- Level # 11 -----

Run # 47, 197 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.406, w: 0.551

Group # 2 -- 1: 0.658, 2: 0.469, 3: 0.464, 4: 0.600

Group # 3 -- f: 0.206, u: 0.668, m: 0.533

Group # 4 -- i: 0.512, e: 0.461

Group # 5 -- p: 0.461, T: 0.899

Group # 6 -- P: 0.502, T: 0.489

Group # 7 -- -: 0.813, +: 0.370, ¬: 0.317, ?: 0.822

Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.750, W: 0.979

Group # 9 -- a: 0.970, O: 0.497, Z: 0.666, s: 0.156, l: 0.335, V: 0.987, p: 0.506, D: 0.483, q: 0.845, Q: 0.149

Group #10 -- :: 0.467, n: 0.854, °: 0.651, v: 0.047, ^: 0.139, §: 0.506

Group #11 -- 1: 0.429, :: 0.552, S: 0.585, c: 0.347, ^a: 0.294

Log likelihood = -109.914

----- Level # 10 -----

Run # 48, 186 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 2 -- 1: 0.670, 2: 0.467, 3: 0.465, 4: 0.596

Group # 3 -- f: 0.188, u: 0.674, m: 0.554

Group # 4 -- i: 0.500, e: 0.499

Group # 5 -- p: 0.459, T: 0.910

Group # 6 -- P: 0.504, T: 0.468

Group # 7 -- -: 0.822, +: 0.368, ¬: 0.333, ?: 0.813

Group # 8 -- D: 0.450, b: 0.754, W: 0.982

Group # 9 -- a: 0.971, O: 0.517, Z: 0.662, s: 0.159, l: 0.363, V: 0.987, p: 0.524, D: 0.415, q: 0.807, Q: 0.141

Group #10 -- :: 0.476, n: 0.819, °: 0.646, v: 0.039, ^: 0.149, §: 0.495

Group #11 -- 1: 0.454, :: 0.539, S: 0.603, c: 0.345, ^a: 0.346

Log likelihood = -110.609 Significance = 0.245

Run # 49, 174 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.404, w: 0.553

Group # 3 -- f: 0.237, u: 0.659, m: 0.502

Group # 4 -- i: 0.518, e: 0.441

Group # 5 -- p: 0.461, T: 0.902

Group # 6 -- P: 0.505, T: 0.465

Group # 7 -- -: 0.830, +: 0.370, ¬: 0.331, ?: 0.803

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.772, W: 0.972

Group # 9 -- a: 0.968, O: 0.543, Z: 0.666, s: 0.160, l: 0.372, V: 0.985, p: 0.489, D: 0.501, q: 0.828, Q: 0.144

Group #10 -- :: 0.454, n: 0.869, °: 0.644, v: 0.052, ^: 0.150, §: 0.564

Group #11 -- 1: 0.464, :: 0.547, S: 0.559, c: 0.367, ^a: 0.290

Log likelihood = -110.643 Significance = 0.693

Run # 50, 176 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.347, w: 0.585

Group # 2 -- 1: 0.393, 2: 0.517, 3: 0.458, 4: 0.595

Group # 4 -- i: 0.484, e: 0.553

Group # 5 -- p: 0.468, T: 0.856

Group # 6 -- P: 0.491, T: 0.567

Group # 7 -- -: 0.843, +: 0.367, -: 0.314, ?: 0.809

Group # 8 -- D: 0.453, b: 0.746, W: 0.976

Group # 9 -- a: 0.955, O: 0.551, Z: 0.658, s: 0.168, l: 0.209, V: 0.985, p: 0.553, D: 0.528, q: 0.851, Q: 0.204

Group #10 -- :: 0.429, n: 0.877, °: 0.655, v: 0.038, ^: 0.137, §: 0.623

Group #11 -- 1: 0.408, :: 0.567, S: 0.537, c: 0.461, ^a: 0.176

Log likelihood = -116.217 Significance = 0.003

Run # 51, 195 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.411, w: 0.549

Group # 2 -- 1: 0.659, 2: 0.464, 3: 0.469, 4: 0.609

Group # 3 -- f: 0.207, u: 0.663, m: 0.543

Group # 5 -- p: 0.461, T: 0.900

Group # 6 -- P: 0.503, T: 0.478

Group # 7 -- -: 0.818, +: 0.371, -: 0.323, ?: 0.813

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.753, W: 0.982

Group # 9 -- a: 0.971, O: 0.493, Z: 0.663, s: 0.155, l: 0.335, V: 0.988, p: 0.503, D: 0.467, q: 0.849, Q: 0.146

Group #10 -- :: 0.464, n: 0.855, °: 0.655, v: 0.039, ^: 0.135, §: 0.502

Group #11 -- 1: 0.440, :: 0.552, S: 0.589, c: 0.342, ^a: 0.291

Log likelihood = -109.937 Significance = 0.838

Run # 52, 197 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.202

Group # 1 -- h: 0.388, w: 0.562

Group # 2 -- 1: 0.651, 2: 0.472, 3: 0.458, 4: 0.603

Group # 3 -- f: 0.217, u: 0.647, m: 0.565

Group # 4 -- i: 0.515, e: 0.451

Group # 6 -- P: 0.470, T: 0.703

Group # 7 -- -: 0.800, +: 0.360, -: 0.353, ?: 0.840

Group # 8 -- D: 0.458, b: 0.718, W: 0.971

Group # 9 -- a: 0.972, O: 0.533, Z: 0.667, s: 0.146, l: 0.355, V: 0.988, p: 0.501, D: 0.483, q: 0.842, Q: 0.204

Group #10 -- :: 0.469, n: 0.855, °: 0.662, v: 0.049, ^: 0.116, §: 0.574

Group #11 -- 1: 0.452, :: 0.549, S: 0.624, c: 0.389, ^a: 0.239

Log likelihood = -111.770 Significance = 0.056

Run # 53, 188 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.406, w: 0.552

Group # 2 -- 1: 0.659, 2: 0.469, 3: 0.464, 4: 0.600

Group # 3 -- f: 0.207, u: 0.668, m: 0.533

Group # 4 -- i: 0.512, e: 0.459

Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.894

Group # 7 -- -: 0.812, +: 0.370, ¬: 0.317, ?: 0.823

Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.749, W: 0.979

Group # 9 -- a: 0.970, O: 0.497, Z: 0.665, s: 0.156, l: 0.335, V: 0.987, p: 0.507, D: 0.484, q: 0.845, Q: 0.150

Group #10 -- :: 0.468, n: 0.855, °: 0.651, v: 0.047, ^: 0.138, §: 0.506

Group #11 -- 1: 0.428, :: 0.553, S: 0.586, c: 0.349, ^a: 0.291

*** Warning, negative change in likelihood (-0.00217481) replaced by 0.0.

Log likelihood = -109.913 Significance = 1.000

Run # 54, 173 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.207

Group # 1 -- h: 0.407, w: 0.551

Group # 2 -- 1: 0.714, 2: 0.458, 3: 0.462, 4: 0.605

Group # 3 -- f: 0.180, u: 0.693, m: 0.521

Group # 4 -- i: 0.513, e: 0.457

Group # 5 -- p: 0.465, T: 0.878

Group # 6 -- P: 0.507, T: 0.450

Group # 8 -- D: 0.463, b: 0.666, W: 0.972

Group # 9 -- a: 0.976, O: 0.621, Z: 0.659, s: 0.131, l: 0.663, V: 0.985, p: 0.583, D: 0.580, q: 0.841, Q: 0.164

Group #10 -- :: 0.425, n: 0.824, °: 0.585, v: 0.116, ^: 0.319, §: 0.296

Group #11 -- 1: 0.424, :: 0.575, S: 0.550, c: 0.233, ^a: 0.289

Log likelihood = -117.540 Significance = 0.003

Run # 55, 197 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.201

Group # 1 -- h: 0.397, w: 0.557

Group # 2 -- 1: 0.648, 2: 0.484, 3: 0.458, 4: 0.554

Group # 3 -- f: 0.211, u: 0.670, m: 0.521

Group # 4 -- i: 0.522, e: 0.428

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.887

Group # 6 -- P: 0.502, T: 0.486

Group # 7 -- -: 0.808, +: 0.375, ¬: 0.311, ?: 0.817

Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.601, Z: 0.846, s: 0.142, l: 0.264, V: 0.984, p: 0.471, D: 0.473, q: 0.818, Q: 0.148

Group #10 -- :: 0.434, n: 0.767, °: 0.633, v: 0.610, ^: 0.131, §: 0.758

Group #11 -- 1: 0.425, :: 0.556, S: 0.541, c: 0.350, ^a: 0.299

Log likelihood = -111.327 Significance = 0.249

Run # 56, 164 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.268

Group # 1 -- h: 0.465, w: 0.519
Group # 2 -- 1: 0.377, 2: 0.524, 3: 0.509, 4: 0.461
Group # 3 -- f: 0.390, u: 0.651, m: 0.306
Group # 4 -- i: 0.592, e: 0.223
Group # 5 -- p: 0.449, T: 0.947
Group # 6 -- P: 0.511, T: 0.420
Group # 7 -- -: 0.745, +: 0.378, \neg : 0.238, ?: 0.879
Group # 8 -- D: 0.448, b: 0.813, W: 0.953
Group #10 -- :: 0.798, n: 0.807, \circ : 0.542, v: 0.124, \wedge : 0.207, \S : 0.679
Group #11 -- 1: 0.459, :: 0.488, S: 0.406, c: 0.676, ^a: 0.520
Log likelihood = -169.170 Significance = 0.000

Run # 57, 191 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.425, w: 0.541
Group # 2 -- 1: 0.686, 2: 0.470, 3: 0.480, 4: 0.536
Group # 3 -- f: 0.197, u: 0.686, m: 0.506
Group # 4 -- i: 0.544, e: 0.356
Group # 5 -- p: 0.455, T: 0.926
Group # 6 -- P: 0.500, T: 0.498
Group # 7 -- -: 0.823, +: 0.439, \neg : 0.334, ?: 0.571
Group # 8 -- D: 0.470, b: 0.715, W: 0.798
Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.582, Z: 0.656, s: 0.164, l: 0.310, V: 0.976, p: 0.551, D: 0.484, q:
0.865, Q: 0.165
Group #11 -- 1: 0.355, :: 0.558, S: 0.556, c: 0.323, ^a: 0.371
Log likelihood = -114.131 Significance = 0.141

Run # 58, 162 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.442, w: 0.532
Group # 2 -- 1: 0.652, 2: 0.476, 3: 0.474, 4: 0.552
Group # 3 -- f: 0.197, u: 0.671, m: 0.544
Group # 4 -- i: 0.519, e: 0.437
Group # 5 -- p: 0.458, T: 0.914
Group # 6 -- P: 0.510, T: 0.425
Group # 7 -- -: 0.830, +: 0.362, \neg : 0.304, ?: 0.835
Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.762, W: 0.972
Group # 9 -- a: 0.964, O: 0.576, Z: 0.661, s: 0.170, l: 0.329, V: 0.980, p: 0.513, D: 0.435, q:
0.843, Q: 0.129
Group #10 -- :: 0.453, n: 0.752, \circ : 0.656, v: 0.040, \wedge : 0.138, \S : 0.540
Log likelihood = -111.593 Significance = 0.500

Cut Group # 6 with factors PT

----- Level # 9 -----

Run # 59, 177 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 2 -- 1: 0.672, 2: 0.467, 3: 0.464, 4: 0.596

Group # 3 -- f: 0.188, u: 0.673, m: 0.555

Group # 4 -- i: 0.502, e: 0.493

Group # 5 -- p: 0.461, T: 0.898

Group # 7 -- -: 0.820, +: 0.367, \neg : 0.333, ?: 0.817

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.748, W: 0.982

Group # 9 -- a: 0.971, O: 0.517, Z: 0.661, s: 0.159, l: 0.361, V: 0.987, p: 0.527, D: 0.418, q: 0.807, Q: 0.142

Group #10 -- :: 0.479, n: 0.821, \circ : 0.646, v: 0.039, \wedge : 0.149, \S : 0.495

Group #11 -- 1: 0.450, :: 0.540, S: 0.607, c: 0.350, a : 0.339

Log likelihood = -110.614 Significance = 0.242

Run # 60, 166 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.402, w: 0.553

Group # 3 -- f: 0.239, u: 0.657, m: 0.502

Group # 4 -- i: 0.519, e: 0.435

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.889

Group # 7 -- -: 0.829, +: 0.369, \neg : 0.330, ?: 0.807

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.768, W: 0.972

Group # 9 -- a: 0.968, O: 0.542, Z: 0.666, s: 0.160, l: 0.370, V: 0.985, p: 0.492, D: 0.505, q: 0.829, Q: 0.146

Group #10 -- :: 0.456, n: 0.872, \circ : 0.643, v: 0.052, \wedge : 0.150, \S : 0.565

Group #11 -- 1: 0.460, :: 0.548, S: 0.564, c: 0.373, a : 0.282

Log likelihood = -110.654 Significance = 0.688

Run # 61, 167 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.349, w: 0.584

Group # 2 -- 1: 0.383, 2: 0.519, 3: 0.459, 4: 0.593

Group # 4 -- i: 0.481, e: 0.564

Group # 5 -- p: 0.464, T: 0.884

Group # 7 -- -: 0.844, +: 0.369, \neg : 0.314, ?: 0.801

Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.755, W: 0.975

Group # 9 -- a: 0.955, O: 0.554, Z: 0.659, s: 0.169, l: 0.212, V: 0.985, p: 0.548, D: 0.521, q: 0.848, Q: 0.202

Group #10 -- :: 0.423, n: 0.873, \circ : 0.655, v: 0.039, \wedge : 0.137, \S : 0.624

Group #11 -- 1: 0.416, :: 0.566, S: 0.526, c: 0.453, a : 0.186

Log likelihood = -116.304 Significance = 0.003

Run # 62, 186 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.410, w: 0.549

Group # 2 -- 1: 0.661, 2: 0.464, 3: 0.468, 4: 0.610

Group # 3 -- f: 0.209, u: 0.661, m: 0.545

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.890

Group # 7 -- -: 0.818, +: 0.370, -: 0.324, ?: 0.815
Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.750, W: 0.983
Group # 9 -- a: 0.971, O: 0.492, Z: 0.663, s: 0.155, l: 0.333, V: 0.988, p: 0.504, D: 0.468, q:
0.850, Q: 0.148
Group #10 -- :: 0.465, n: 0.856, °: 0.655, v: 0.038, ^: 0.134, §: 0.502
Group #11 -- 1: 0.438, :: 0.552, S: 0.593, c: 0.345, ^a: 0.284
Log likelihood = -109.938 Significance = 0.829

Run # 63, 184 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.202

Group # 1 -- h: 0.390, w: 0.561

Group # 2 -- 1: 0.611, 2: 0.475, 3: 0.464, 4: 0.609

Group # 3 -- f: 0.208, u: 0.645, m: 0.585

Group # 4 -- i: 0.496, e: 0.513

Group # 7 -- -: 0.801, +: 0.371, -: 0.371, ?: 0.804

Group # 8 -- D: 0.457, b: 0.738, W: 0.962

Group # 9 -- a: 0.976, O: 0.569, Z: 0.674, s: 0.143, l: 0.399, V: 0.987, p: 0.464, D: 0.435, q:
0.832, Q: 0.209

Group #10 -- :: 0.447, n: 0.833, °: 0.673, v: 0.051, ^: 0.105, §: 0.594

Group #11 -- 1: 0.513, :: 0.540, S: 0.602, c: 0.354, ^a: 0.277

Log likelihood = -113.154 Significance = 0.011

Run # 64, 164 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.208

Group # 1 -- h: 0.405, w: 0.552

Group # 2 -- 1: 0.718, 2: 0.458, 3: 0.460, 4: 0.605

Group # 3 -- f: 0.182, u: 0.692, m: 0.522

Group # 4 -- i: 0.515, e: 0.449

Group # 5 -- p: 0.469, T: 0.855

Group # 8 -- D: 0.465, b: 0.656, W: 0.972

Group # 9 -- a: 0.975, O: 0.621, Z: 0.657, s: 0.130, l: 0.658, V: 0.985, p: 0.587, D: 0.584, q:
0.842, Q: 0.166

Group #10 -- :: 0.427, n: 0.828, °: 0.582, v: 0.116, ^: 0.326, §: 0.297

Group #11 -- 1: 0.418, :: 0.576, S: 0.557, c: 0.238, ^a: 0.279

Log likelihood = -117.580 Significance = 0.003

Run # 65, 188 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.201

Group # 1 -- h: 0.396, w: 0.557

Group # 2 -- 1: 0.649, 2: 0.484, 3: 0.457, 4: 0.554

Group # 3 -- f: 0.212, u: 0.669, m: 0.521

Group # 4 -- i: 0.523, e: 0.425

Group # 5 -- p: 0.465, T: 0.881

Group # 7 -- -: 0.807, +: 0.375, -: 0.311, ?: 0.819

Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.601, Z: 0.845, s: 0.142, l: 0.263, V: 0.984, p: 0.472, D: 0.475, q:
0.818, Q: 0.149

Group #10 -- :: 0.435, n: 0.769, °: 0.633, v: 0.609, ^: 0.131, §: 0.759

Group #11 -- 1: 0.423, :: 0.556, S: 0.543, c: 0.352, ^a: 0.295
Log likelihood = -111.326 Significance = 0.249

Run # 66, 155 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.269

Group # 1 -- h: 0.463, w: 0.520

Group # 2 -- 1: 0.384, 2: 0.524, 3: 0.508, 4: 0.462

Group # 3 -- f: 0.391, u: 0.651, m: 0.306

Group # 4 -- i: 0.597, e: 0.213

Group # 5 -- p: 0.455, T: 0.929

Group # 7 -- -: 0.744, +: 0.375, ¬: 0.239, ?: 0.884

Group # 8 -- D: 0.449, b: 0.803, W: 0.954

Group #10 -- :: 0.802, n: 0.810, °: 0.541, v: 0.122, ^: 0.209, §: 0.677

Group #11 -- 1: 0.451, :: 0.489, S: 0.415, c: 0.685, ^a: 0.510

Log likelihood = -169.279 Significance = 0.000

Run # 67, 181 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.425, w: 0.541

Group # 2 -- 1: 0.686, 2: 0.470, 3: 0.480, 4: 0.536

Group # 3 -- f: 0.197, u: 0.686, m: 0.506

Group # 4 -- i: 0.544, e: 0.356

Group # 5 -- p: 0.455, T: 0.925

Group # 7 -- -: 0.823, +: 0.439, ¬: 0.334, ?: 0.571

Group # 8 -- D: 0.470, b: 0.715, W: 0.798

Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.582, Z: 0.656, s: 0.164, l: 0.310, V: 0.976, p: 0.551, D: 0.484, q:
0.865, Q: 0.165

Group #11 -- 1: 0.355, :: 0.558, S: 0.556, c: 0.323, ^a: 0.371

Log likelihood = -114.131 Significance = 0.141

Run # 68, 150 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.443, w: 0.531

Group # 2 -- 1: 0.662, 2: 0.476, 3: 0.471, 4: 0.551

Group # 3 -- f: 0.197, u: 0.670, m: 0.547

Group # 4 -- i: 0.523, e: 0.423

Group # 5 -- p: 0.464, T: 0.885

Group # 7 -- -: 0.828, +: 0.360, ¬: 0.305, ?: 0.842

Group # 8 -- D: 0.453, b: 0.751, W: 0.973

Group # 9 -- a: 0.964, O: 0.578, Z: 0.659, s: 0.170, l: 0.325, V: 0.980, p: 0.520, D: 0.437, q:
0.841, Q: 0.130

Group #10 -- :: 0.457, n: 0.749, °: 0.655, v: 0.040, ^: 0.138, §: 0.541

Log likelihood = -111.671 Significance = 0.479

Cut Group # 4 with factors ie

----- Level # 8 -----

Run # 69, 172 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 2 -- 1: 0.673, 2: 0.466, 3: 0.465, 4: 0.598

Group # 3 -- f: 0.189, u: 0.672, m: 0.558

Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.898

Group # 7 -- -: 0.821, +: 0.367, \neg : 0.333, ?: 0.817

Group # 8 -- D: 0.450, b: 0.751, W: 0.984

Group # 9 -- a: 0.971, O: 0.516, Z: 0.659, s: 0.158, l: 0.361, V: 0.987, p: 0.527, D: 0.415, q: 0.808, Q: 0.142

Group #10 -- :: 0.479, n: 0.822, $^{\circ}$: 0.647, v: 0.035, \wedge : 0.147, \S : 0.493

Group #11 -- 1: 0.452, :: 0.539, S: 0.608, c: 0.350, a : 0.337

Log likelihood = -110.604 Significance = 0.255

Run # 70, 162 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.204

Group # 1 -- h: 0.410, w: 0.549

Group # 3 -- f: 0.244, u: 0.645, m: 0.523

Group # 5 -- p: 0.465, T: 0.880

Group # 7 -- -: 0.839, +: 0.370, \neg : 0.342, ?: 0.788

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.766, W: 0.976

Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.542, Z: 0.663, s: 0.158, l: 0.366, V: 0.986, p: 0.484, D: 0.479, q: 0.832, Q: 0.144

Group #10 -- :: 0.449, n: 0.871, $^{\circ}$: 0.649, v: 0.043, \wedge : 0.145, \S : 0.568

Group #11 -- 1: 0.482, :: 0.547, S: 0.568, c: 0.368, a : 0.271

Log likelihood = -110.771 Significance = 0.649

Run # 71, 162 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.342, w: 0.588

Group # 2 -- 1: 0.380, 2: 0.530, 3: 0.447, 4: 0.576

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.888

Group # 7 -- -: 0.837, +: 0.367, \neg : 0.302, ?: 0.818

Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.758, W: 0.972

Group # 9 -- a: 0.954, O: 0.567, Z: 0.657, s: 0.171, l: 0.210, V: 0.983, p: 0.555, D: 0.543, q: 0.842, Q: 0.209

Group #10 -- :: 0.425, n: 0.868, $^{\circ}$: 0.651, v: 0.042, \wedge : 0.142, \S : 0.628

Group #11 -- 1: 0.398, :: 0.566, S: 0.511, c: 0.469, a : 0.194

Log likelihood = -116.424 Significance = 0.003

Run # 72, 182 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.202

Group # 1 -- h: 0.388, w: 0.561

Group # 2 -- 1: 0.610, 2: 0.476, 3: 0.462, 4: 0.607

Group # 3 -- f: 0.208, u: 0.647, m: 0.582

Group # 7 -- -: 0.799, +: 0.370, \neg : 0.368, ?: 0.808

Group # 8 -- D: 0.456, b: 0.743, W: 0.965
Group # 9 -- a: 0.976, O: 0.571, Z: 0.672, s: 0.144, l: 0.401, V: 0.987, p: 0.465, D: 0.439, q:
0.831, Q: 0.210
Group #10 -- :: 0.448, n: 0.833, °: 0.673, v: 0.048, ^: 0.105, §: 0.592
Group #11 -- 1: 0.510, :: 0.540, S: 0.601, c: 0.356, ^a: 0.279
Log likelihood = -113.148 Significance = 0.012

Run # 73, 160 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.209

Group # 1 -- h: 0.410, w: 0.549

Group # 2 -- 1: 0.722, 2: 0.451, 3: 0.466, 4: 0.619

Group # 3 -- f: 0.184, u: 0.684, m: 0.537

Group # 5 -- p: 0.469, T: 0.850

Group # 8 -- D: 0.463, b: 0.659, W: 0.977

Group # 9 -- a: 0.976, O: 0.617, Z: 0.655, s: 0.129, l: 0.660, V: 0.986, p: 0.588, D: 0.572, q:
0.847, Q: 0.162

Group #10 -- :: 0.429, n: 0.824, °: 0.590, v: 0.096, ^: 0.305, §: 0.294

Group #11 -- 1: 0.430, :: 0.576, S: 0.563, c: 0.235, ^a: 0.271

Log likelihood = -117.628 Significance = 0.003

Run # 74, 186 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.202

Group # 1 -- h: 0.403, w: 0.553

Group # 2 -- 1: 0.651, 2: 0.476, 3: 0.464, 4: 0.571

Group # 3 -- f: 0.216, u: 0.657, m: 0.542

Group # 5 -- p: 0.466, T: 0.870

Group # 7 -- -: 0.817, +: 0.376, -: 0.323, ?: 0.801

Group # 9 -- a: 0.967, O: 0.599, Z: 0.842, s: 0.140, l: 0.255, V: 0.986, p: 0.466, D: 0.447, q:
0.827, Q: 0.145

Group #10 -- :: 0.427, n: 0.767, °: 0.638, v: 0.591, ^: 0.124, §: 0.772

Group #11 -- 1: 0.443, :: 0.556, S: 0.551, c: 0.344, ^a: 0.283

Log likelihood = -111.496 Significance = 0.213

Run # 75, 151 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.277

Group # 1 -- h: 0.506, w: 0.497

Group # 2 -- 1: 0.384, 2: 0.492, 3: 0.543, 4: 0.525

Group # 3 -- f: 0.420, u: 0.607, m: 0.363

Group # 5 -- p: 0.459, T: 0.909

Group # 7 -- -: 0.757, +: 0.385, -: 0.269, ?: 0.844

Group # 8 -- D: 0.449, b: 0.783, W: 0.972

Group #10 -- :: 0.817, n: 0.764, °: 0.578, v: 0.072, ^: 0.138, §: 0.675

Group #11 -- 1: 0.504, :: 0.488, S: 0.440, c: 0.651, ^a: 0.479

Log likelihood = -173.733 Significance = 0.000

Run # 76, 178 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.207

Group # 1 -- h: 0.443, w: 0.531

Group # 2 -- 1: 0.693, 2: 0.452, 3: 0.497, 4: 0.573

Group # 3 -- f: 0.204, u: 0.663, m: 0.551

Group # 5 -- p: 0.458, T: 0.913

Group # 7 -- -: 0.840, +: 0.446, -: 0.365, ?: 0.498

Group # 8 -- D: 0.470, b: 0.706, W: 0.818

Group # 9 -- a: 0.967, O: 0.561, Z: 0.653, s: 0.161, l: 0.304, V: 0.980, p: 0.550, D: 0.422, q: 0.882, Q: 0.159

Group #11 -- 1: 0.386, :: 0.558, S: 0.566, c: 0.309, ^a: 0.346

Log likelihood = -114.709 Significance = 0.092

Run # 77, 147 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 1 -- h: 0.452, w: 0.526

Group # 2 -- 1: 0.669, 2: 0.466, 3: 0.478, 4: 0.572

Group # 3 -- f: 0.201, u: 0.657, m: 0.570

Group # 5 -- p: 0.465, T: 0.879

Group # 7 -- -: 0.837, +: 0.360, -: 0.315, ?: 0.829

Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.749, W: 0.978

Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.571, Z: 0.657, s: 0.168, l: 0.318, V: 0.982, p: 0.515, D: 0.412, q: 0.851, Q: 0.130

Group #10 -- :: 0.455, n: 0.743, °: 0.660, v: 0.031, ^: 0.132, §: 0.541

Log likelihood = -111.813 Significance = 0.448

Cut Group # 2 with factors 1234

----- Level # 7 -----

Run # 78, 142 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 3 -- f: 0.225, u: 0.654, m: 0.532

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.888

Group # 7 -- -: 0.842, +: 0.367, -: 0.351, ?: 0.791

Group # 8 -- D: 0.450, b: 0.768, W: 0.979

Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.564, Z: 0.658, s: 0.163, l: 0.396, V: 0.985, p: 0.508, D: 0.429, q: 0.787, Q: 0.135

Group #10 -- :: 0.462, n: 0.842, °: 0.642, v: 0.038, ^: 0.158, §: 0.547

Group #11 -- 1: 0.495, :: 0.535, S: 0.583, c: 0.372, ^a: 0.322

Log likelihood = -111.452 Significance = 0.249

Run # 79, 129 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.340, w: 0.589

Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.897

Group # 7 -- -: 0.825, +: 0.367, -: 0.300, ?: 0.830

Group # 8 -- D: 0.453, b: 0.758, W: 0.969

Group # 9 -- a: 0.950, O: 0.590, Z: 0.656, s: 0.172, l: 0.175, V: 0.982, p: 0.569, D: 0.550, q: 0.866, Q: 0.196
Group #10 -- :: 0.456, n: 0.822, °: 0.641, v: 0.039, ^: 0.152, §: 0.678
Group #11 -- 1: 0.377, :: 0.565, S: 0.506, c: 0.486, ^a: 0.208
Log likelihood = -117.157 Significance = 0.003

Run # 80, 156 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.390, w: 0.560

Group # 3 -- f: 0.229, u: 0.638, m: 0.565

Group # 7 -- -: 0.814, +: 0.371, -: 0.384, ?: 0.786

Group # 8 -- D: 0.455, b: 0.758, W: 0.957

Group # 9 -- a: 0.975, O: 0.606, Z: 0.672, s: 0.146, l: 0.425, V: 0.985, p: 0.448, D: 0.449, q: 0.819, Q: 0.210

Group #10 -- :: 0.445, n: 0.843, °: 0.666, v: 0.050, ^: 0.114, §: 0.626

Group #11 -- 1: 0.544, :: 0.536, S: 0.581, c: 0.374, ^a: 0.271

Log likelihood = -113.782 Significance = 0.015

Run # 81, 133 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.208

Group # 1 -- h: 0.411, w: 0.549

Group # 3 -- f: 0.232, u: 0.661, m: 0.505

Group # 5 -- p: 0.473, T: 0.824

Group # 8 -- D: 0.463, b: 0.682, W: 0.964

Group # 9 -- a: 0.974, O: 0.681, Z: 0.658, s: 0.131, l: 0.739, V: 0.983, p: 0.569, D: 0.591, q: 0.817, Q: 0.178

Group #10 -- :: 0.420, n: 0.835, °: 0.595, v: 0.117, ^: 0.284, §: 0.375

Group #11 -- 1: 0.480, :: 0.572, S: 0.534, c: 0.258, ^a: 0.244

Log likelihood = -119.102 Significance = 0.001

Run # 82, 162 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.202

Group # 1 -- h: 0.402, w: 0.554

Group # 3 -- f: 0.247, u: 0.644, m: 0.519

Group # 5 -- p: 0.467, T: 0.864

Group # 7 -- -: 0.833, +: 0.375, -: 0.338, ?: 0.782

Group # 9 -- a: 0.964, O: 0.622, Z: 0.854, s: 0.142, l: 0.288, V: 0.985, p: 0.452, D: 0.456, q: 0.814, Q: 0.138

Group #10 -- :: 0.418, n: 0.802, °: 0.635, v: 0.571, ^: 0.133, §: 0.768

Group #11 -- 1: 0.480, :: 0.552, S: 0.534, c: 0.362, ^a: 0.269

Log likelihood = -112.055 Significance = 0.280

Run # 83, 117 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.277

Group # 1 -- h: 0.504, w: 0.498

Group # 3 -- f: 0.397, u: 0.612, m: 0.381

Group # 5 -- p: 0.459, T: 0.912
Group # 7 -- -: 0.742, +: 0.391, -: 0.263, ?: 0.843
Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.770, W: 0.969
Group #10 -- :: 0.813, n: 0.718, °: 0.583, v: 0.076, ^: 0.133, §: 0.687
Group #11 -- 1: 0.505, ;: 0.486, S: 0.438, c: 0.656, ^a: 0.485
Log likelihood = -174.386 Significance = 0.000

Run # 84, 151 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.206

Group # 1 -- h: 0.442, w: 0.532

Group # 3 -- f: 0.245, u: 0.640, m: 0.532

Group # 5 -- p: 0.460, T: 0.904

Group # 7 -- -: 0.857, +: 0.443, -: 0.381, ?: 0.471

Group # 8 -- D: 0.469, b: 0.725, W: 0.798

Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.591, Z: 0.652, s: 0.166, l: 0.347, V: 0.976, p: 0.531, D: 0.428, q:
0.861, Q: 0.167

Group #11 -- 1: 0.425, ;: 0.555, S: 0.542, c: 0.332, ^a: 0.322

Log likelihood = -115.572 Significance = 0.090

Run # 85, 118 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 1 -- h: 0.452, w: 0.526

Group # 3 -- f: 0.237, u: 0.640, m: 0.546

Group # 5 -- p: 0.466, T: 0.874

Group # 7 -- -: 0.855, +: 0.360, -: 0.331, ?: 0.806

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.763, W: 0.974

Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.597, Z: 0.656, s: 0.171, l: 0.357, V: 0.979, p: 0.498, D: 0.432, q:
0.831, Q: 0.133

Group #10 -- :: 0.442, n: 0.776, °: 0.653, v: 0.035, ^: 0.143, §: 0.588

Log likelihood = -112.544 Significance = 0.475

Cut Group # 11 with factors 1;Sc^a

----- Level # 6 -----

Run # 86, 96 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 3 -- f: 0.228, u: 0.645, m: 0.550

Group # 5 -- p: 0.464, T: 0.881

Group # 7 -- -: 0.855, +: 0.359, -: 0.334, ?: 0.809

Group # 8 -- D: 0.451, b: 0.766, W: 0.975

Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.607, Z: 0.655, s: 0.172, l: 0.374, V: 0.979, p: 0.507, D: 0.409, q:
0.806, Q: 0.131

Group #10 -- :: 0.448, n: 0.763, °: 0.650, v: 0.034, ^: 0.149, §: 0.580

Log likelihood = -112.764 Significance = 0.509

Run # 87, 84 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.208

Group # 1 -- h: 0.393, w: 0.559

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.889

Group # 7 -- -: 0.842, +: 0.364, -: 0.307, ?: 0.818

Group # 8 -- D: 0.454, b: 0.744, W: 0.974

Group # 9 -- a: 0.941, O: 0.636, Z: 0.642, s: 0.192, l: 0.166, V: 0.972, p: 0.610, D: 0.466, q: 0.853, Q: 0.163

Group #10 -- :: 0.437, n: 0.691, °: 0.641, v: 0.026, ^: 0.168, §: 0.664

Log likelihood = -120.345 Significance = 0.000

Run # 88, 111 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 1 -- h: 0.427, w: 0.540

Group # 3 -- f: 0.228, u: 0.631, m: 0.583

Group # 7 -- -: 0.827, +: 0.362, -: 0.372, ?: 0.807

Group # 8 -- D: 0.456, b: 0.756, W: 0.953

Group # 9 -- a: 0.972, O: 0.646, Z: 0.663, s: 0.160, l: 0.404, V: 0.975, p: 0.459, D: 0.412, q: 0.818, Q: 0.197

Group #10 -- :: 0.459, n: 0.751, °: 0.665, v: 0.046, ^: 0.114, §: 0.656

Log likelihood = -115.666 Significance = 0.013

Run # 89, 90 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.213

Group # 1 -- h: 0.457, w: 0.523

Group # 3 -- f: 0.235, u: 0.649, m: 0.529

Group # 5 -- p: 0.475, T: 0.800

Group # 8 -- D: 0.465, b: 0.661, W: 0.965

Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.742, Z: 0.645, s: 0.147, l: 0.758, V: 0.968, p: 0.595, D: 0.558, q: 0.819, Q: 0.165

Group #10 -- :: 0.416, n: 0.697, °: 0.595, v: 0.074, ^: 0.304, §: 0.352

Log likelihood = -122.847 Significance = 0.000

Run # 90, 118 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.203

Group # 1 -- h: 0.447, w: 0.529

Group # 3 -- f: 0.238, u: 0.641, m: 0.541

Group # 5 -- p: 0.468, T: 0.859

Group # 7 -- -: 0.851, +: 0.365, -: 0.327, ?: 0.799

Group # 9 -- a: 0.959, O: 0.670, Z: 0.846, s: 0.155, l: 0.276, V: 0.976, p: 0.468, D: 0.408, q: 0.812, Q: 0.126

Group #10 -- :: 0.414, n: 0.682, °: 0.639, v: 0.496, ^: 0.131, §: 0.783

Log likelihood = -113.862 Significance = 0.272

Run # 91, 67 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.277

Group # 1 -- h: 0.505, w: 0.497
Group # 3 -- f: 0.388, u: 0.623, m: 0.369
Group # 5 -- p: 0.457, T: 0.917
Group # 7 -- -: 0.736, +: 0.395, -: 0.275, ?: 0.831
Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.770, W: 0.968
Group #10 -- :: 0.817, n: 0.732, °: 0.577, v: 0.089, ^: 0.137, §: 0.701
Log likelihood = -175.609 Significance = 0.000

Run # 92, 99 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.208

Group # 1 -- h: 0.474, w: 0.514

Group # 3 -- f: 0.238, u: 0.637, m: 0.551

Group # 5 -- p: 0.463, T: 0.890

Group # 7 -- -: 0.873, +: 0.436, -: 0.376, ?: 0.480

Group # 8 -- D: 0.471, b: 0.717, W: 0.766

Group # 9 -- a: 0.958, O: 0.617, Z: 0.643, s: 0.180, l: 0.344, V: 0.967, p: 0.541, D: 0.397, q:
0.867, Q: 0.154

Log likelihood = -117.464 Significance = 0.083

Cut Group # 1 with factors hw

----- Level # 5 -----

Run # 93, 66 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.208

Group # 5 -- p: 0.460, T: 0.904

Group # 7 -- -: 0.837, +: 0.360, -: 0.310, ?: 0.831

Group # 8 -- D: 0.453, b: 0.748, W: 0.978

Group # 9 -- a: 0.941, O: 0.665, Z: 0.640, s: 0.196, l: 0.186, V: 0.971, p: 0.643, D: 0.422, q:
0.797, Q: 0.162

Group #10 -- :: 0.443, n: 0.638, °: 0.636, v: 0.023, ^: 0.182, §: 0.631

Log likelihood = -121.696 Significance = 0.000

Run # 94, 89 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.206

Group # 3 -- f: 0.216, u: 0.636, m: 0.592

Group # 7 -- -: 0.825, +: 0.358, -: 0.382, ?: 0.813

Group # 8 -- D: 0.455, b: 0.759, W: 0.956

Group # 9 -- a: 0.973, O: 0.662, Z: 0.661, s: 0.162, l: 0.432, V: 0.975, p: 0.471, D: 0.376, q:
0.774, Q: 0.193

Group #10 -- :: 0.472, n: 0.730, °: 0.661, v: 0.043, ^: 0.119, §: 0.645

Log likelihood = -116.219 Significance = 0.009

Run # 95, 67 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.213

Group # 3 -- f: 0.228, u: 0.652, m: 0.533

Group # 5 -- p: 0.474, T: 0.810
Group # 8 -- D: 0.465, b: 0.662, W: 0.967
Group # 9 -- a: 0.966, O: 0.749, Z: 0.645, s: 0.147, l: 0.771, V: 0.968, p: 0.605, D: 0.548, q:
0.797, Q: 0.169
Group #10 -- :: 0.421, n: 0.684, °: 0.589, v: 0.070, ^: 0.320, §: 0.349
Log likelihood = -123.044 Significance = 0.000

Run # 96, 96 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.204
Group # 3 -- f: 0.229, u: 0.646, m: 0.546
Group # 5 -- p: 0.467, T: 0.867
Group # 7 -- -: 0.851, +: 0.363, ¬: 0.330, ?: 0.802
Group # 9 -- a: 0.959, O: 0.683, Z: 0.846, s: 0.156, l: 0.288, V: 0.977, p: 0.478, D: 0.384, q:
0.782, Q: 0.124
Group #10 -- :: 0.420, n: 0.662, °: 0.635, v: 0.496, ^: 0.138, §: 0.781
Log likelihood = -114.149 Significance = 0.255

Run # 97, 47 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.278
Group # 3 -- f: 0.389, u: 0.622, m: 0.368
Group # 5 -- p: 0.458, T: 0.916
Group # 7 -- -: 0.736, +: 0.396, ¬: 0.274, ?: 0.830
Group # 8 -- D: 0.452, b: 0.771, W: 0.968
Group #10 -- :: 0.816, n: 0.733, °: 0.578, v: 0.089, ^: 0.136, §: 0.702
Log likelihood = -175.615 Significance = 0.000

Run # 98, 76 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.208
Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.641, m: 0.551
Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.893
Group # 7 -- -: 0.872, +: 0.434, ¬: 0.377, ?: 0.487
Group # 8 -- D: 0.471, b: 0.718, W: 0.766
Group # 9 -- a: 0.958, O: 0.623, Z: 0.643, s: 0.181, l: 0.356, V: 0.968, p: 0.545, D: 0.388, q:
0.854, Q: 0.153
Log likelihood = -117.529 Significance = 0.092

Cut Group # 8 with factors DbW

----- Level # 4 -----

Run # 99, 66 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.206
Group # 5 -- p: 0.462, T: 0.893
Group # 7 -- -: 0.833, +: 0.366, ¬: 0.302, ?: 0.825
Group # 9 -- a: 0.932, O: 0.731, Z: 0.826, s: 0.179, l: 0.136, V: 0.968, p: 0.619, D: 0.398, q:
0.776, Q: 0.155

Group #10 -- :: 0.412, n: 0.532, °: 0.620, v: 0.436, ^: 0.169, §: 0.816
Log likelihood = -123.234 Significance = 0.000

Run # 100, 89 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.205

Group # 3 -- f: 0.216, u: 0.639, m: 0.586

Group # 7 -- -: 0.823, +: 0.363, ¬: 0.374, ?: 0.807

Group # 9 -- a: 0.969, O: 0.703, Z: 0.850, s: 0.147, l: 0.355, V: 0.972, p: 0.445, D: 0.355, q:
0.752, Q: 0.177

Group #10 -- :: 0.450, n: 0.665, °: 0.646, v: 0.451, ^: 0.112, §: 0.802

Log likelihood = -117.191 Significance = 0.015

Run # 101, 67 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.211

Group # 3 -- f: 0.228, u: 0.653, m: 0.530

Group # 5 -- p: 0.476, T: 0.794

Group # 9 -- a: 0.962, O: 0.787, Z: 0.771, s: 0.139, l: 0.716, V: 0.967, p: 0.587, D: 0.533, q:
0.784, Q: 0.166

Group #10 -- :: 0.397, n: 0.607, °: 0.575, v: 0.640, ^: 0.298, §: 0.566

Log likelihood = -124.139 Significance = 0.000

Run # 102, 46 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.257

Group # 3 -- f: 0.385, u: 0.624, m: 0.370

Group # 5 -- p: 0.458, T: 0.913

Group # 7 -- -: 0.733, +: 0.405, ¬: 0.280, ?: 0.804

Group #10 -- :: 0.799, n: 0.725, °: 0.551, v: 0.770, ^: 0.144, §: 0.813

Log likelihood = -177.106 Significance = 0.000

Run # 103, 74 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.209

Group # 3 -- f: 0.233, u: 0.636, m: 0.562

Group # 5 -- p: 0.464, T: 0.884

Group # 7 -- -: 0.874, +: 0.439, ¬: 0.366, ?: 0.471

Group # 9 -- a: 0.953, O: 0.717, Z: 0.813, s: 0.165, l: 0.325, V: 0.963, p: 0.515, D: 0.353, q:
0.838, Q: 0.140

Log likelihood = -118.206 Significance = 0.158

Cut Group # 10 with factors :n°v^§

----- Level # 3 -----

Run # 104, 43 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.214

Group # 5 -- p: 0.459, T: 0.911

Group # 7 -- -: 0.847, +: 0.435, ¬: 0.337, ?: 0.553
 Group # 9 -- a: 0.924, O: 0.744, Z: 0.790, s: 0.189, l: 0.173, V: 0.951, p: 0.645, D: 0.402, q: 0.821, Q: 0.167
 Log likelihood = -126.916 Significance = 0.000

Run # 105, 67 cells:
 Convergence at Iteration 11
 Input 0.212
 Group # 3 -- f: 0.217, u: 0.631, m: 0.603
 Group # 7 -- -: 0.853, +: 0.448, ¬: 0.426, ?: 0.426
 Group # 9 -- a: 0.965, O: 0.730, Z: 0.819, s: 0.153, l: 0.404, V: 0.959, p: 0.482, D: 0.322, q: 0.814, Q: 0.202
 Log likelihood = -121.750 Significance = 0.009

Run # 106, 35 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.213
 Group # 3 -- f: 0.248, u: 0.630, m: 0.551
 Group # 5 -- p: 0.473, T: 0.820
 Group # 9 -- a: 0.953, O: 0.793, Z: 0.768, s: 0.147, l: 0.693, V: 0.955, p: 0.631, D: 0.498, q: 0.832, Q: 0.178
 Log likelihood = -126.928 Significance = 0.001

Run # 107, 23 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.282
 Group # 3 -- f: 0.412, u: 0.595, m: 0.401
 Group # 5 -- p: 0.457, T: 0.920
 Group # 7 -- -: 0.807, +: 0.484, ¬: 0.273, ?: 0.464
 Log likelihood = -188.098 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 6 4 2 11 1 8 10

Best stepping up run: #35

Best stepping down run: #103

	-	%	+	%	¬	%	?	%	Σ	%
a S:	3	60	24	89	1	50	6	75	34	81
I:	2	40	3	11	1	50	2	25	8	19
â`:	5	:	27	:	2	:	8		42	
O S:	4	57	3	60	0	0	4	80	11	55
I:	3	43	2	40	3	100	1	20	9	45
â`:	7	:	5	:	3	:	5		20	
Z S:	0	--	13	48	0	0	1	100	14	47
I:	0	--	14	52	2	100	0	0	16	53
â`:	0	:	27	:	2	:	1		30	

s	S:	6	100:	2	2:	1	5:	0	0	9	5
	I:	0	0:	104	98:	21	95:	33	100	158	95
	â^\:	6	:	106	:	22	:	33		167	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
l	S:	1	12:	1	100:	0	--:	0	--	2	22
	I:	7	88:	0	0:	0	--:	0	--	7	78
	â^\:	8	:	1	:	0	:	0		9	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
V	S:	2	100:	15	75:	0	--:	3	100	20	80
	I:	0	0:	5	25:	0	--:	0	0	5	20
	â^\:	2	:	20	:	0	:	3		25	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
p	S:	2	40:	3	50:	1	50:	0	0	6	40
	I:	3	60:	3	50:	1	50:	2	100	9	60
	â^\:	5	:	6	:	2	:	2		15	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
D	S:	1	33:	0	0:	1	100:	0	--	2	22
	I:	2	67:	5	100:	0	0:	0	--	7	78
	â^\:	3	:	5	:	1	:	0		9	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
q	S:	4	100:	3	27:	2	67:	1	100	10	53
	I:	0	0:	8	73:	1	33:	0	0	9	47
	â^\:	4	:	11	:	3	:	1		19	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
Q	S:	1	100:	0	0:	0	0:	0	0	1	9
	I:	0	0:	6	100:	3	100:	1	100	10	91
	â^\:	1	:	6	:	3	:	1		11	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
â^\	S:	24	59:	64	30:	6	16:	15	28	109	31
	I:	17	41:	150	70:	32	84:	39	72	238	69
	â^\:	41	:	214	:	38	:	54		347	

ANEXO 3

RODADA DE TEMPO E MODO

RODADA TEMPO E MODO - DISSERTAÇÃO

• GROUPS & FACTORS • 10/07/2011 21:42:10

Group	Default	Factors
1	F	FIESP
2	h	hw
3	1	1234
4	f	fum
5	i	ie
6	T	TAM
7	p	pyqrjklQ
8	P	PER
9	+	+?--#
10	C	CtDAbWN
11	O	OVHJ!N@dLG
12	W	W-

a12Ou3jysl"4hz95°76~VU:G-TSbRfQ=H8AmpNMwLI,+K<C>D&q?kEJ^on!%^#B}iFt@\$P
*r{]edg;c[ZYXv

13	R	RAI
14	x	xa
15	^	^.:°nv§
16	*	*cS;^g
17	s	sz

• CELL CREATION • 10/07/2011 21:43:41

Name of token file: juntaocoorenciasatual.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(
; Identity recode: All groups included as is.
(1(nil(col 12 a)))
(2)
(3)
(4)
(5)
;(6)
(7)
(8)
(9)
(10)
(11)
;(12)
;(13)
;(14)
(15)
(16)
;(17)
)

Number of cells: 165
Application value(s): FP

Total no. of factors: 46

Group	F	P	Total	%

1 (2)	F	P		
h N	61	27	88	47.8
%	69.3	30.7		
w N	59	37	96	52.2
%	61.5	38.5		
Total N	120	64	184	
%	65.2	34.8		

2 (3)	F	P		
1 N	16	5	21	11.4
%	76.2	23.8		
2 N	50	25	75	40.8
%	66.7	33.3		
3 N	22	15	37	20.1
%	59.5	40.5		
4 N	32	19	51	27.7
%	62.7	37.3		
Total N	120	64	184	
%	65.2	34.8		

3 (4)	F	P		
f N	40	20	60	32.6
%	66.7	33.3		
u N	35	17	52	28.3
%	67.3	32.7		
m N	45	27	72	39.1
%	62.5	37.5		
Total N	120	64	184	
%	65.2	34.8		

4 (5)	F	P		
i N	110	59	169	91.8
%	65.1	34.9		
e N	10	5	15	8.2
%	66.7	33.3		
Total N	120	64	184	

% 65.2 34.8

5 (7) F P
p N 78 53 131 71.2
% 59.5 40.5

y N 26 9 35 19.0
% 74.3 25.7

j N 2 1 3 1.6
% 66.7 33.3

k N 1 0 1 0.5
% 100.0 0.0 * KnockOut *

r N 4 0 4 2.2
% 100.0 0.0 * KnockOut *

l N 4 1 5 2.7
% 80.0 20.0

Q N 4 0 4 2.2
% 100.0 0.0 * KnockOut *

q N 1 0 1 0.5
% 100.0 0.0 * KnockOut *

Total N 120 64 184
% 65.2 34.8

6 (8) F P
* No Factors *

7 (9) F P
+ N 92 45 137 74.5
% 67.2 32.8

? N 9 7 16 8.7
% 56.2 43.8

¬ N 13 5 18 9.8
% 72.2 27.8

- N 5 6 11 6.0
% 45.5 54.5

N 1 1 2 1.1
% 50.0 50.0

Total N 120 64 184

% 65.2 34.8

8 (10) F P
C N 109 33 142 77.2
% 76.8 23.2

t N 11 31 42 22.8
% 26.2 73.8

Total N 120 64 184
% 65.2 34.8

9 (11) F P
O N 99 55 154 83.7
% 64.3 35.7

N N 7 2 9 4.9
% 77.8 22.2

! N 2 1 3 1.6
% 66.7 33.3

L N 6 3 9 4.9
% 66.7 33.3

J N 3 2 5 2.7
% 60.0 40.0

H N 2 0 2 1.1
% 100.0 0.0 * KnockOut *

@ N 1 0 1 0.5
% 100.0 0.0 * KnockOut *

V N 0 1 1 0.5
% 0.0 100.0 * KnockOut *

Total N 120 64 184
% 65.2 34.8

10 (15) F P
^ N 33 19 52 28.3
% 63.5 36.5

° N 31 16 47 25.5
% 66.0 34.0

: N 48 23 71 38.6
% 67.6 32.4

v	N	0	2	2	1.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
n	N	4	2	6	3.3
	%	66.7	33.3		
§	N	4	2	6	3.3
	%	66.7	33.3		
Total	N	120	64	184	
	%	65.2	34.8		

11 (16)	F	P		
*	N	21	9	30 16.3
	%	70.0	30.0	
c	N	39	19	58 31.5
	%	67.2	32.8	
;	N	48	32	80 43.5
	%	60.0	40.0	
g	N	7	1	8 4.3
	%	87.5	12.5	
S	N	1	1	2 1.1
	%	50.0	50.0	
a	N	4	2	6 3.3
	%	66.7	33.3	
Total	N	120	64	184
	%	65.2	34.8	

TOTAL	N	120	64	184
	%	65.2	34.8	

Name of new cell file: .cel

• CELL CREATION • 10/07/2011 21:48:58

Name of token file: juntaoorenciasatual.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1(nil(col 12 a)))

(2)

(3)

(4)

(5)

;6)
 (7(nil(col 7 k)
 (nil(col 7 q)
 (T(col 7 r)
 (T(col 7 l)
 (F(col 7 y)
 (F(col 7 Q)))
 ;8)
 (9)
 (10)
 (11(J(col 11 J)
 (J(col 11 H)
 (nil(col 11 @))
 (nil(col 11 V)))
 ;12)
 ;13)
 ;14)
 (15(nil(col 15 v)))
 (16)
 ;17)
)

Number of cells: 159
 Application value(s): FP
 Total no. of factors: 38

Group	F	P	Total	%	

1 (2)	F	P			GÊNERO
h N	59	26	85	47.8	masculino
%	69.4	30.6			
w N	58	35	93	52.2	feminino
%	62.4	37.6			
Total N	117	61	178		
%	65.7	34.3			

2 (3)	F	P			FAIXA ETÁRIA
1 N	15	4	19	10.7	7 a 14 anos
%	78.9	21.1			
2 N	48	25	73	41.0	15 a 25 anos
%	65.8	34.2			
3 N	22	15	37	20.8	26 a 49 anos
%	59.5	40.5			
4 N	32	17	49	27.5	+ de 49 anos
%	65.3	34.7			

Total N 117 61 178
% 65.7 34.3

3 (4) F P
f N 39 19 58 32.6
% 67.2 32.8

u N 35 17 52 29.2
% 67.3 32.7

m N 43 25 68 38.2
% 63.2 36.8

GRAU DE ESCOLARIDADE
fundamental

universitário

médio

Total N 117 61 178
% 65.7 34.3

4 (5) F P
i N 107 56 163 91.6
% 65.6 34.4

e N 10 5 15 8.4
% 66.7 33.3

FALANTE
informante

entrevistador

Total N 117 61 178
% 65.7 34.3

5 (7) F P
p N 77 51 128 71.9
% 60.2 39.8

F N 30 8 38 21.3
% 78.9 21.1

j N 2 1 3 1.7
% 66.7 33.3

T N 8 1 9 5.1
% 88.9 11.1

TEMPO VERBAL DA MATRIZ
presente

futuro perifrástico/infinitivo

futuro do presente

pretérito imperfeito/perfeito

Total N 117 61 178
% 65.7 34.3

6 (9) F P
+ N 90 43 133 74.7
% 67.7 32.3

? N 8 6 14 7.9
% 57.1 42.9

ASSERTIVIDADE
afirmação na matriz e na encaixada

interrogativa

¬	N	13	5	18	10.1	negação na encaixada
	%	72.2	27.8			
-	N	5	6	11	6.2	negação na triz
	%	45.5	54.5			
#	N	1	1	2	1.1	negação na matriz e na encaixada
	%	50.0	50.0			
<hr/>						
Total N		117	61	178		
	%	65.7	34.3			
<hr/>						
7 (10)	F	P				TIPO DE ORAÇÃO
C	N	106	31	137	77.0	condicional
	%	77.4	22.6			
t	N	11	30	41	23.0	temporal
	%	26.8	73.2			
<hr/>						
Total N		117	61	178		
	%	65.7	34.3			
<hr/>						
8 (11)	F	P				CARGA SEMÂNTICA DO VERBO DA MATRIZ
O	N	97	53	150	84.3	outros verbos
	%	64.7	35.3			
N	N	7	2	9	5.1	não-factivo não-volitivo
	%	77.8	22.2			
!	N	2	1	3	1.7	factivo não-emotivo não-avaliativo
	%	66.7	33.3			
L	N	6	3	9	5.1	indiferente performativo, condicional
	%	66.7	33.3			
J	N	5	2	7	3.9	indiferente de opinião e suposição
	%	71.4	28.6			
<hr/>						
Total N		117	61	178		
	%	65.7	34.3			
<hr/>						
9 (15)	F	P				PESSOA DO VERBO DA MATRIZ
^	N	32	19	51	28.7	você
	%	62.7	37.3			
°	N	30	16	46	25.8	1ª pessoa do singular
	%	65.2	34.8			
:	N	47	22	69	38.8	3ª pessoa do singular
	%	68.1	31.9			

n	N	4	2	6	3.4	nós/a gente
	%	66.7	33.3			
§	N	4	2	6	3.4	3ª pessoa do plural
	%	66.7	33.3			
Total	N	117	61	178		
	%	65.7	34.3			

10 (16)	F	P				PESSOA DO VERBO DA ENCAIXADA
*	N	20	9	29	16.3	1ª pessoa do singular
	%	69.0	31.0			
c	N	38	19	57	32.0	você
	%	66.7	33.3			
;	N	48	29	77	43.3	3ª pessoa do singular
	%	62.3	37.7			
g	N	7	1	8	4.5	nós/a gente
	%	87.5	12.5			
S	N	1	1	2	1.1	oração sem sujeito
	%	50.0	50.0			
a	N	3	2	5	2.8	3ª pessoa do plural
	%	60.0	40.0			
Total	N	117	61	178		
	%	65.7	34.3			

TOTAL	N	117	61	178		
	%	65.7	34.3			

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 10/07/2011 21:49:16

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2

Input 0.657
Log likelihood = -114.420

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.658
Group # 1 -- h: 0.541, w: 0.463
Log likelihood = -113.929 Significance = 0.330

Run # 3, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.660
Group # 2 -- 1: 0.659, 2: 0.498, 3: 0.431, 4: 0.493
Log likelihood = -113.304 Significance = 0.528

Run # 4, 3 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0.658
Group # 3 -- f: 0.516, u: 0.517, m: 0.473
Log likelihood = -114.268 Significance = 0.861

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0.657
Group # 4 -- i: 0.499, e: 0.510
Log likelihood = -114.417 Significance = 0.940

Run # 6, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.667
Group # 5 -- p: 0.430, F: 0.652, j: 0.499, T: 0.799
Log likelihood = -110.670 Significance = 0.060

Run # 7, 5 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.659
Group # 6 -- +: 0.520, ?: 0.408, ¬: 0.573, -: 0.301, #: 0.341
Log likelihood = -112.863 Significance = 0.542

Run # 8, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.672
Group # 7 -- C: 0.626, t: 0.152
Log likelihood = -97.103 Significance = 0.000

Run # 9, 5 cells:
Convergence at Iteration 5

Input 0.658
Group # 8 -- O: 0.487, N: 0.645, !: 0.509, L: 0.509, J: 0.565
Log likelihood = -114.016 Significance = 0.936

Run # 10, 5 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.658
Group # 9 -- ^: 0.467, °: 0.494, :: 0.526, n: 0.510, §: 0.510
Log likelihood = -114.227 Significance = 0.983

Run # 11, 6 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.661
Group #10 -- *: 0.532, c: 0.506, ;: 0.459, g: 0.782, S: 0.339, ^: 0.435
Log likelihood = -113.013 Significance = 0.728

Add Group # 7 with factors Ct

----- Level # 2 -----

Run # 12, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.672
Group # 1 -- h: 0.522, w: 0.480
Group # 7 -- C: 0.625, t: 0.154
Log likelihood = -96.993 Significance = 0.653

Run # 13, 8 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.674
Group # 2 -- 1: 0.644, 2: 0.500, 3: 0.496, 4: 0.446
Group # 7 -- C: 0.627, t: 0.151
Log likelihood = -96.382 Significance = 0.696

Run # 14, 6 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.672
Group # 3 -- f: 0.480, u: 0.495, m: 0.521
Group # 7 -- C: 0.627, t: 0.150
Log likelihood = -97.026 Significance = 0.927

Run # 15, 4 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.672
Group # 4 -- i: 0.492, e: 0.587
Group # 7 -- C: 0.627, t: 0.150
Log likelihood = -96.928 Significance = 0.568

Run # 16, 8 cells:
Convergence at Iteration 6

Input 0.680
Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.597, j: 0.576, T: 0.843
Group # 7 -- C: 0.625, t: 0.153
Log likelihood = -94.474 Significance = 0.162

Run # 17, 10 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.675
Group # 6 -- +: 0.521, ?: 0.574, -: 0.460, -: 0.244, #: 0.475
Group # 7 -- C: 0.632, t: 0.142
Log likelihood = -95.407 Significance = 0.496

Run # 18, 9 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.672
Group # 7 -- C: 0.627, t: 0.150
Group # 8 -- O: 0.501, N: 0.590, !: 0.586, L: 0.431, J: 0.421
Log likelihood = -96.842 Significance = 0.970

Run # 19, 10 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.673
Group # 7 -- C: 0.633, t: 0.139
Group # 9 -- ^: 0.433, °: 0.597, :: 0.490, n: 0.465, §: 0.465
Log likelihood = -96.177 Significance = 0.763

Run # 20, 10 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.676
Group # 7 -- C: 0.633, t: 0.139
Group #10 -- *: 0.655, c: 0.494, ;: 0.442, g: 0.661, S: 0.218, ^: 0.398
Log likelihood = -95.093 Significance = 0.549

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 7
Best stepping up run: #8

Stepping down...

----- Level # 10 -----

Run # 21, 159 cells:
Convergence at Iteration 18
Input 0.694
Group # 1 -- h: 0.573, w: 0.433
Group # 2 -- 1: 0.748, 2: 0.443, 3: 0.514, 4: 0.469
Group # 3 -- f: 0.466, u: 0.463, m: 0.557
Group # 4 -- i: 0.478, e: 0.719

Group # 5 -- p: 0.439, F: 0.625, j: 0.442, T: 0.798
Group # 6 -- +: 0.516, ?: 0.603, ¬: 0.506, -: 0.204, #: 0.494
Group # 7 -- C: 0.651, t: 0.111
Group # 8 -- O: 0.508, N: 0.563, !: 0.396, L: 0.292, J: 0.587
Group # 9 -- ^: 0.394, °: 0.627, :: 0.521, n: 0.197, §: 0.520
Group #10 -- *: 0.612, c: 0.519, ;: 0.422, g: 0.829, S: 0.157, ^: 0.373
Log likelihood = -87.334

----- Level # 9 -----

Run # 22, 152 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.692

Group # 2 -- 1: 0.693, 2: 0.459, 3: 0.495, 4: 0.486

Group # 3 -- f: 0.482, u: 0.465, m: 0.542

Group # 4 -- i: 0.483, e: 0.680

Group # 5 -- p: 0.432, F: 0.639, j: 0.480, T: 0.817

Group # 6 -- +: 0.522, ?: 0.556, ¬: 0.487, -: 0.231, #: 0.436

Group # 7 -- C: 0.650, t: 0.112

Group # 8 -- O: 0.510, N: 0.586, !: 0.338, L: 0.293, J: 0.534

Group # 9 -- ^: 0.407, °: 0.613, :: 0.516, n: 0.243, §: 0.512

Group #10 -- *: 0.633, c: 0.514, ;: 0.423, g: 0.784, S: 0.131, ^: 0.416

Log likelihood = -88.040 Significance = 0.240

Run # 23, 142 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.689

Group # 1 -- h: 0.538, w: 0.466

Group # 3 -- f: 0.527, u: 0.444, m: 0.520

Group # 4 -- i: 0.485, e: 0.660

Group # 5 -- p: 0.438, F: 0.628, j: 0.461, T: 0.800

Group # 6 -- +: 0.516, ?: 0.623, ¬: 0.478, -: 0.224, #: 0.470

Group # 7 -- C: 0.651, t: 0.111

Group # 8 -- O: 0.507, N: 0.559, !: 0.431, L: 0.305, J: 0.566

Group # 9 -- ^: 0.410, °: 0.627, :: 0.509, n: 0.202, §: 0.512

Group #10 -- *: 0.644, c: 0.511, ;: 0.423, g: 0.813, S: 0.114, ^: 0.346

Log likelihood = -88.553 Significance = 0.489

Run # 24, 145 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.693

Group # 1 -- h: 0.565, w: 0.440

Group # 2 -- 1: 0.713, 2: 0.456, 3: 0.522, 4: 0.460

Group # 4 -- i: 0.484, e: 0.671

Group # 5 -- p: 0.438, F: 0.628, j: 0.441, T: 0.805

Group # 6 -- +: 0.515, ?: 0.613, ¬: 0.490, -: 0.219, #: 0.528

Group # 7 -- C: 0.650, t: 0.112

Group # 8 -- O: 0.507, N: 0.573, !: 0.361, L: 0.301, J: 0.575

Group # 9 -- ^: 0.396, °: 0.635, :: 0.515, n: 0.197, §: 0.508

Group #10 -- *: 0.627, c: 0.515, ;: 0.421, g: 0.825, S: 0.138, ^: 0.369

Log likelihood = -87.640 Significance = 0.738

Run # 25, 157 cells:

Convergence at Iteration 19

Input 0.692

Group # 1 -- h: 0.564, w: 0.442

Group # 2 -- 1: 0.731, 2: 0.469, 3: 0.506, 4: 0.445

Group # 3 -- f: 0.460, u: 0.495, m: 0.538

Group # 5 -- p: 0.443, F: 0.612, j: 0.413, T: 0.805

Group # 6 -- +: 0.506, ?: 0.708, ¬: 0.495, -: 0.202, #: 0.493

Group # 7 -- C: 0.651, t: 0.111

Group # 8 -- O: 0.506, N: 0.570, !: 0.385, L: 0.290, J: 0.624

Group # 9 -- ^: 0.402, °: 0.626, :: 0.519, n: 0.186, §: 0.514

Group #10 -- *: 0.623, c: 0.512, ;: 0.422, g: 0.825, S: 0.163, ^a: 0.382

Log likelihood = -87.771 Significance = 0.365

Run # 26, 146 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.688

Group # 1 -- h: 0.597, w: 0.412

Group # 2 -- 1: 0.760, 2: 0.458, 3: 0.510, 4: 0.444

Group # 3 -- f: 0.445, u: 0.471, m: 0.569

Group # 4 -- i: 0.482, e: 0.686

Group # 6 -- +: 0.515, ?: 0.651, ¬: 0.494, -: 0.187, #: 0.464

Group # 7 -- C: 0.653, t: 0.107

Group # 8 -- O: 0.507, N: 0.534, !: 0.461, L: 0.299, J: 0.603

Group # 9 -- ^: 0.397, °: 0.624, :: 0.518, n: 0.215, §: 0.536

Group #10 -- *: 0.600, c: 0.533, ;: 0.418, g: 0.813, S: 0.183, ^a: 0.373

Log likelihood = -89.375 Significance = 0.257

Run # 27, 144 cells:

Convergence at Iteration 17

Input 0.692

Group # 1 -- h: 0.553, w: 0.452

Group # 2 -- 1: 0.727, 2: 0.460, 3: 0.507, 4: 0.459

Group # 3 -- f: 0.479, u: 0.476, m: 0.537

Group # 4 -- i: 0.475, e: 0.744

Group # 5 -- p: 0.436, F: 0.626, j: 0.471, T: 0.818

Group # 7 -- C: 0.644, t: 0.122

Group # 8 -- O: 0.506, N: 0.598, !: 0.393, L: 0.321, J: 0.529

Group # 9 -- ^: 0.396, °: 0.628, :: 0.513, n: 0.240, §: 0.532

Group #10 -- *: 0.606, c: 0.514, ;: 0.426, g: 0.825, S: 0.161, ^a: 0.405

Log likelihood = -89.070 Significance = 0.485

Run # 28, 149 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.682

Group # 1 -- h: 0.560, w: 0.445

Group # 2 -- 1: 0.763, 2: 0.448, 3: 0.444, 4: 0.508

Group # 3 -- f: 0.464, u: 0.504, m: 0.528

Group # 4 -- i: 0.479, e: 0.712
Group # 5 -- p: 0.427, F: 0.671, j: 0.374, T: 0.790
Group # 6 -- +: 0.521, ?: 0.325, ¬: 0.627, -: 0.289, #: 0.463
Group # 8 -- O: 0.492, N: 0.668, !: 0.357, L: 0.418, J: 0.623
Group # 9 -- ^: 0.438, °: 0.533, :: 0.557, n: 0.181, §: 0.494
Group #10 -- *: 0.522, c: 0.507, :: 0.439, g: 0.905, S: 0.384, ª: 0.383
Log likelihood = -103.880 Significance = 0.000

Run # 29, 150 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.692

Group # 1 -- h: 0.572, w: 0.434
Group # 2 -- 1: 0.737, 2: 0.438, 3: 0.510, 4: 0.485
Group # 3 -- f: 0.457, u: 0.478, m: 0.554
Group # 4 -- i: 0.477, e: 0.730
Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.617, j: 0.479, T: 0.804
Group # 6 -- +: 0.518, ?: 0.582, ¬: 0.496, -: 0.217, #: 0.508
Group # 7 -- C: 0.648, t: 0.115
Group # 9 -- ^: 0.397, °: 0.630, :: 0.514, n: 0.226, §: 0.520
Group #10 -- *: 0.570, c: 0.534, :: 0.426, g: 0.826, S: 0.167, ª: 0.387
Log likelihood = -87.959 Significance = 0.868

Run # 30, 141 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.690

Group # 1 -- h: 0.558, w: 0.447
Group # 2 -- 1: 0.734, 2: 0.452, 3: 0.518, 4: 0.460
Group # 3 -- f: 0.466, u: 0.462, m: 0.558
Group # 4 -- i: 0.479, e: 0.710
Group # 5 -- p: 0.441, F: 0.625, j: 0.408, T: 0.789
Group # 6 -- +: 0.520, ?: 0.555, ¬: 0.513, -: 0.211, #: 0.467
Group # 7 -- C: 0.646, t: 0.118
Group # 8 -- O: 0.511, N: 0.589, !: 0.402, L: 0.287, J: 0.475
Group #10 -- *: 0.694, c: 0.461, :: 0.450, g: 0.693, S: 0.169, ª: 0.360
Log likelihood = -88.546 Significance = 0.661

Run # 31, 146 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.690

Group # 1 -- h: 0.570, w: 0.436
Group # 2 -- 1: 0.783, 2: 0.435, 3: 0.485, 4: 0.484
Group # 3 -- f: 0.445, u: 0.469, m: 0.570
Group # 4 -- i: 0.479, e: 0.712
Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.602, j: 0.487, T: 0.830
Group # 6 -- +: 0.514, ?: 0.568, ¬: 0.538, -: 0.216, #: 0.550
Group # 7 -- C: 0.644, t: 0.121
Group # 8 -- O: 0.506, N: 0.551, !: 0.439, L: 0.338, J: 0.545
Group # 9 -- ^: 0.388, °: 0.620, :: 0.508, n: 0.478, §: 0.457
Log likelihood = -89.482 Significance = 0.508

Cut Group # 8 with factors ON!LJ

----- Level # 8 -----

Run # 32, 141 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.691

Group # 2 -- 1: 0.676, 2: 0.455, 3: 0.495, 4: 0.500

Group # 3 -- f: 0.474, u: 0.476, m: 0.540

Group # 4 -- i: 0.482, e: 0.685

Group # 5 -- p: 0.433, F: 0.630, j: 0.519, T: 0.825

Group # 6 -- +: 0.522, ?: 0.548, ⇝: 0.476, -: 0.242, #: 0.452

Group # 7 -- C: 0.648, t: 0.116

Group # 9 -- ^: 0.408, °: 0.618, :: 0.511, n: 0.250, §: 0.518

Group #10 -- *: 0.588, c: 0.529, ;: 0.428, g: 0.791, S: 0.141, ^: 0.430

Log likelihood = -88.690 Significance = 0.231

Run # 33, 131 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.688

Group # 1 -- h: 0.539, w: 0.464

Group # 3 -- f: 0.516, u: 0.461, m: 0.516

Group # 4 -- i: 0.484, e: 0.663

Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.619, j: 0.490, T: 0.804

Group # 6 -- +: 0.517, ?: 0.607, ⇝: 0.472, -: 0.238, #: 0.490

Group # 7 -- C: 0.648, t: 0.115

Group # 9 -- ^: 0.414, °: 0.629, :: 0.502, n: 0.223, §: 0.517

Group #10 -- *: 0.607, c: 0.522, ;: 0.427, g: 0.815, S: 0.121, ^: 0.358

Log likelihood = -89.090 Significance = 0.522

Run # 34, 133 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.691

Group # 1 -- h: 0.565, w: 0.441

Group # 2 -- 1: 0.693, 2: 0.450, 3: 0.520, 4: 0.480

Group # 4 -- i: 0.481, e: 0.694

Group # 5 -- p: 0.439, F: 0.620, j: 0.484, T: 0.813

Group # 6 -- +: 0.517, ?: 0.596, ⇝: 0.478, -: 0.232, #: 0.539

Group # 7 -- C: 0.648, t: 0.116

Group # 9 -- ^: 0.399, °: 0.637, :: 0.508, n: 0.221, §: 0.514

Group #10 -- *: 0.586, c: 0.528, ;: 0.426, g: 0.823, S: 0.145, ^: 0.376

Log likelihood = -88.250 Significance = 0.749

Run # 35, 148 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.691

Group # 1 -- h: 0.560, w: 0.445

Group # 2 -- 1: 0.716, 2: 0.466, 3: 0.499, 4: 0.461

Group # 3 -- f: 0.447, u: 0.516, m: 0.533

Group # 5 -- p: 0.444, F: 0.604, j: 0.450, T: 0.811

Group # 6 -- +: 0.508, ?: 0.689, ¬: 0.484, -: 0.217, #: 0.504
Group # 7 -- C: 0.649, t: 0.114
Group # 9 -- ^: 0.406, °: 0.627, :: 0.509, n: 0.228, §: 0.510
Group #10 -- *: 0.582, c: 0.527, ;: 0.428, g: 0.814, S: 0.172, ^: 0.396
Log likelihood = -88.486 Significance = 0.306

Run # 36, 131 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.687

Group # 1 -- h: 0.594, w: 0.414
Group # 2 -- 1: 0.750, 2: 0.455, 3: 0.505, 4: 0.457
Group # 3 -- f: 0.437, u: 0.486, m: 0.565
Group # 4 -- i: 0.481, e: 0.700
Group # 6 -- +: 0.517, ?: 0.623, ¬: 0.487, -: 0.201, #: 0.477
Group # 7 -- C: 0.650, t: 0.112
Group # 9 -- ^: 0.400, °: 0.623, :: 0.512, n: 0.252, §: 0.531
Group #10 -- *: 0.568, c: 0.544, ;: 0.422, g: 0.808, S: 0.191, ^: 0.386
Log likelihood = -89.952 Significance = 0.267

Run # 37, 133 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.690

Group # 1 -- h: 0.556, w: 0.449
Group # 2 -- 1: 0.718, 2: 0.456, 3: 0.506, 4: 0.471
Group # 3 -- f: 0.470, u: 0.486, m: 0.537
Group # 4 -- i: 0.475, e: 0.747
Group # 5 -- p: 0.438, F: 0.618, j: 0.504, T: 0.822
Group # 7 -- C: 0.642, t: 0.125
Group # 9 -- ^: 0.397, °: 0.635, :: 0.506, n: 0.245, §: 0.540
Group #10 -- *: 0.567, c: 0.527, ;: 0.431, g: 0.830, S: 0.170, ^: 0.410
Log likelihood = -89.568 Significance = 0.524

Run # 38, 138 cells:

Convergence at Iteration 19

Input 0.681

Group # 1 -- h: 0.562, w: 0.444
Group # 2 -- 1: 0.751, 2: 0.441, 3: 0.445, 4: 0.523
Group # 3 -- f: 0.452, u: 0.515, m: 0.529
Group # 4 -- i: 0.476, e: 0.741
Group # 5 -- p: 0.428, F: 0.671, j: 0.399, T: 0.779
Group # 6 -- +: 0.524, ?: 0.306, ¬: 0.620, -: 0.291, #: 0.455
Group # 9 -- ^: 0.443, °: 0.540, :: 0.545, n: 0.208, §: 0.500
Group #10 -- *: 0.490, c: 0.520, ;: 0.444, g: 0.900, S: 0.373, ^: 0.376
Log likelihood = -104.505 Significance = 0.000

Run # 39, 129 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.688

Group # 1 -- h: 0.561, w: 0.444
Group # 2 -- 1: 0.723, 2: 0.446, 3: 0.521, 4: 0.472

Group # 3 -- f: 0.461, u: 0.469, m: 0.557
Group # 4 -- i: 0.480, e: 0.709
Group # 5 -- p: 0.443, F: 0.614, j: 0.443, T: 0.794
Group # 6 -- +: 0.520, ?: 0.560, ⇝: 0.504, -: 0.217, #: 0.485
Group # 7 -- C: 0.643, t: 0.123
Group #10 -- *: 0.658, c: 0.474, :: 0.454, g: 0.699, S: 0.185, ^a: 0.374
Log likelihood = -89.220 Significance = 0.644

Run # 40, 131 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.689

Group # 1 -- h: 0.568, w: 0.438
Group # 2 -- 1: 0.773, 2: 0.435, 3: 0.481, 4: 0.493
Group # 3 -- f: 0.442, u: 0.479, m: 0.565
Group # 4 -- i: 0.479, e: 0.715
Group # 5 -- p: 0.443, F: 0.598, j: 0.499, T: 0.831
Group # 6 -- +: 0.515, ?: 0.563, ⇝: 0.524, -: 0.224, #: 0.555
Group # 7 -- C: 0.643, t: 0.123
Group # 9 -- [^]: 0.396, ^o: 0.614, :: 0.503, n: 0.496, §: 0.467
Log likelihood = -89.854 Significance = 0.583

Cut Group # 3 with factors fum

----- Level # 7 -----

Run # 41, 119 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.690

Group # 2 -- 1: 0.649, 2: 0.463, 3: 0.502, 4: 0.494
Group # 4 -- i: 0.485, e: 0.654
Group # 5 -- p: 0.433, F: 0.631, j: 0.515, T: 0.829
Group # 6 -- +: 0.521, ?: 0.560, ⇝: 0.466, -: 0.253, #: 0.482
Group # 7 -- C: 0.647, t: 0.117
Group # 9 -- [^]: 0.408, ^o: 0.624, :: 0.508, n: 0.243, §: 0.510
Group #10 -- *: 0.599, c: 0.526, :: 0.427, g: 0.790, S: 0.129, ^a: 0.421
Log likelihood = -88.850 Significance = 0.278

Run # 42, 101 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.687

Group # 1 -- h: 0.538, w: 0.466
Group # 4 -- i: 0.488, e: 0.627
Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.620, j: 0.484, T: 0.803
Group # 6 -- +: 0.516, ?: 0.602, ⇝: 0.477, -: 0.239, #: 0.497
Group # 7 -- C: 0.648, t: 0.116
Group # 9 -- [^]: 0.412, ^o: 0.634, :: 0.503, n: 0.213, §: 0.498
Group #10 -- *: 0.606, c: 0.527, :: 0.423, g: 0.816, S: 0.124, ^a: 0.371
Log likelihood = -89.194 Significance = 0.601

Run # 43, 130 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.690

Group # 1 -- h: 0.553, w: 0.452

Group # 2 -- 1: 0.667, 2: 0.473, 3: 0.508, 4: 0.466

Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.607, j: 0.465, T: 0.820

Group # 6 -- +: 0.508, ?: 0.700, ¬: 0.463, -: 0.228, #: 0.520

Group # 7 -- C: 0.648, t: 0.115

Group # 9 -- ^: 0.409, °: 0.628, :: 0.505, n: 0.229, §: 0.517

Group #10 -- *: 0.596, c: 0.519, ;: 0.431, g: 0.811, S: 0.150, ^a: 0.375

Log likelihood = -88.690 Significance = 0.363

Run # 44, 110 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.686

Group # 1 -- h: 0.586, w: 0.421

Group # 2 -- 1: 0.690, 2: 0.468, 3: 0.522, 4: 0.454

Group # 4 -- i: 0.484, e: 0.667

Group # 6 -- +: 0.516, ?: 0.640, ¬: 0.461, -: 0.217, #: 0.512

Group # 7 -- C: 0.649, t: 0.113

Group # 9 -- ^: 0.404, °: 0.628, :: 0.507, n: 0.244, §: 0.530

Group #10 -- *: 0.591, c: 0.536, ;: 0.421, g: 0.807, S: 0.161, ^a: 0.366

Log likelihood = -90.433 Significance = 0.228

Run # 45, 110 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.690

Group # 1 -- h: 0.550, w: 0.454

Group # 2 -- 1: 0.686, 2: 0.464, 3: 0.512, 4: 0.469

Group # 4 -- i: 0.477, e: 0.728

Group # 5 -- p: 0.436, F: 0.620, j: 0.508, T: 0.828

Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.127

Group # 9 -- ^: 0.400, °: 0.638, :: 0.502, n: 0.242, §: 0.534

Group #10 -- *: 0.577, c: 0.523, ;: 0.431, g: 0.827, S: 0.155, ^a: 0.399

Log likelihood = -89.721 Significance = 0.571

Run # 46, 119 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.680

Group # 1 -- h: 0.555, w: 0.450

Group # 2 -- 1: 0.709, 2: 0.448, 3: 0.452, 4: 0.527

Group # 4 -- i: 0.476, e: 0.740

Group # 5 -- p: 0.426, F: 0.673, j: 0.407, T: 0.792

Group # 6 -- +: 0.524, ?: 0.318, ¬: 0.601, -: 0.304, #: 0.470

Group # 9 -- ^: 0.446, °: 0.539, :: 0.541, n: 0.215, §: 0.505

Group #10 -- *: 0.504, c: 0.513, ;: 0.447, g: 0.895, S: 0.340, ^a: 0.358

Log likelihood = -104.720 Significance = 0.000

Run # 47, 103 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.687

Group # 1 -- h: 0.553, w: 0.451
Group # 2 -- 1: 0.680, 2: 0.458, 3: 0.533, 4: 0.465
Group # 4 -- i: 0.484, e: 0.663
Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.617, j: 0.438, T: 0.800
Group # 6 -- +: 0.519, ?: 0.573, ¬: 0.486, -: 0.233, #: 0.520
Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.125
Group #10 -- *: 0.676, c: 0.469, :: 0.452, g: 0.690, S: 0.165, ^: 0.362
Log likelihood = -89.545 Significance = 0.632

Run # 48, 107 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.689

Group # 1 -- h: 0.558, w: 0.447

Group # 2 -- 1: 0.720, 2: 0.448, 3: 0.494, 4: 0.491

Group # 4 -- i: 0.483, e: 0.673

Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.601, j: 0.517, T: 0.844

Group # 6 -- +: 0.514, ?: 0.572, ¬: 0.502, -: 0.245, #: 0.595

Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.127

Group # 9 -- ^: 0.394, °: 0.628, :: 0.497, n: 0.484, §: 0.455

Log likelihood = -90.332 Significance = 0.528

Cut Group # 9 with factors ^°:n§

----- Level # 6 -----

Run # 49, 88 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.686

Group # 2 -- 1: 0.643, 2: 0.468, 3: 0.516, 4: 0.478

Group # 4 -- i: 0.488, e: 0.631

Group # 5 -- p: 0.437, F: 0.627, j: 0.469, T: 0.815

Group # 6 -- +: 0.522, ?: 0.542, ¬: 0.476, -: 0.250, #: 0.474

Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.126

Group #10 -- *: 0.677, c: 0.473, :: 0.451, g: 0.660, S: 0.149, ^: 0.399

Log likelihood = -89.952 Significance = 0.384

Run # 50, 67 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.684

Group # 1 -- h: 0.525, w: 0.477

Group # 4 -- i: 0.490, e: 0.604

Group # 5 -- p: 0.441, F: 0.620, j: 0.446, T: 0.794

Group # 6 -- +: 0.519, ?: 0.573, ¬: 0.483, -: 0.238, #: 0.482

Group # 7 -- C: 0.640, t: 0.127

Group #10 -- *: 0.688, c: 0.473, :: 0.449, g: 0.671, S: 0.146, ^: 0.351

Log likelihood = -90.428 Significance = 0.627

Run # 51, 100 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.687

Group # 1 -- h: 0.544, w: 0.460
Group # 2 -- 1: 0.659, 2: 0.477, 3: 0.521, 4: 0.455
Group # 5 -- p: 0.444, F: 0.608, j: 0.425, T: 0.807
Group # 6 -- +: 0.511, ?: 0.665, \neg : 0.473, -: 0.229, #: 0.506
Group # 7 -- C: 0.643, t: 0.124
Group #10 -- *: 0.680, c: 0.466, :: 0.454, g: 0.682, S: 0.170, ^a: 0.364
Log likelihood = -89.845 Significance = 0.453

Run # 52, 75 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.683

Group # 1 -- h: 0.575, w: 0.431

Group # 2 -- 1: 0.678, 2: 0.471, 3: 0.537, 4: 0.443

Group # 4 -- i: 0.487, e: 0.642

Group # 6 -- +: 0.518, ?: 0.619, \neg : 0.470, -: 0.217, #: 0.495

Group # 7 -- C: 0.644, t: 0.121

Group #10 -- *: 0.673, c: 0.479, :: 0.446, g: 0.696, S: 0.181, ^a: 0.361

Log likelihood = -91.622 Significance = 0.250

Run # 53, 75 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.685

Group # 1 -- h: 0.539, w: 0.465

Group # 2 -- 1: 0.673, 2: 0.472, 3: 0.526, 4: 0.453

Group # 4 -- i: 0.482, e: 0.687

Group # 5 -- p: 0.439, F: 0.618, j: 0.460, T: 0.816

Group # 7 -- C: 0.635, t: 0.136

Group #10 -- *: 0.666, c: 0.463, :: 0.456, g: 0.711, S: 0.174, ^a: 0.394

Log likelihood = -91.037 Significance = 0.564

Run # 54, 87 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.677

Group # 1 -- h: 0.549, w: 0.455

Group # 2 -- 1: 0.703, 2: 0.459, 3: 0.448, 4: 0.517

Group # 4 -- i: 0.477, e: 0.728

Group # 5 -- p: 0.427, F: 0.666, j: 0.414, T: 0.798

Group # 6 -- +: 0.521, ?: 0.317, \neg : 0.619, -: 0.310, #: 0.457

Group #10 -- *: 0.545, c: 0.487, :: 0.473, g: 0.791, S: 0.332, ^a: 0.350

Log likelihood = -105.548 Significance = 0.000

Run # 55, 61 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.685

Group # 1 -- h: 0.546, w: 0.458

Group # 2 -- 1: 0.698, 2: 0.438, 3: 0.534, 4: 0.486

Group # 4 -- i: 0.484, e: 0.663

Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.596, j: 0.540, T: 0.832

Group # 6 -- +: 0.523, ?: 0.499, \neg : 0.492, -: 0.246, #: 0.567

Group # 7 -- C: 0.630, t: 0.144

Log likelihood = -91.803 Significance = 0.481

Cut Group # 2 with factors 1234

----- Level # 5 -----

Run # 56, 53 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0.684

Group # 4 -- i: 0.491, e: 0.593

Group # 5 -- p: 0.439, F: 0.625, j: 0.459, T: 0.802

Group # 6 -- +: 0.521, ?: 0.558, -: 0.477, -: 0.246, #: 0.460

Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.127

Group #10 -- *: 0.687, c: 0.475, :: 0.448, g: 0.659, S: 0.140, ^: 0.373

Log likelihood = -90.532 Significance = 0.661

Run # 57, 60 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.684

Group # 1 -- h: 0.521, w: 0.481

Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.616, j: 0.445, T: 0.800

Group # 6 -- +: 0.514, ?: 0.638, -: 0.471, -: 0.232, #: 0.468

Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.126

Group #10 -- *: 0.687, c: 0.473, :: 0.449, g: 0.664, S: 0.153, ^: 0.353

Log likelihood = -90.558 Significance = 0.627

Run # 58, 43 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.679

Group # 1 -- h: 0.546, w: 0.458

Group # 4 -- i: 0.491, e: 0.596

Group # 6 -- +: 0.520, ?: 0.612, -: 0.464, -: 0.217, #: 0.449

Group # 7 -- C: 0.643, t: 0.123

Group #10 -- *: 0.680, c: 0.484, :: 0.443, g: 0.665, S: 0.166, ^: 0.349

Log likelihood = -92.557 Significance = 0.239

Run # 59, 44 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.683

Group # 1 -- h: 0.514, w: 0.487

Group # 4 -- i: 0.486, e: 0.645

Group # 5 -- p: 0.437, F: 0.625, j: 0.479, T: 0.811

Group # 7 -- C: 0.634, t: 0.137

Group #10 -- *: 0.676, c: 0.470, :: 0.451, g: 0.693, S: 0.159, ^: 0.378

Log likelihood = -91.893 Significance = 0.574

Run # 60, 52 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.674

Group # 1 -- h: 0.531, w: 0.472

Group # 4 -- i: 0.483, e: 0.674
Group # 5 -- p: 0.429, F: 0.663, j: 0.454, T: 0.783
Group # 6 -- +: 0.521, ?: 0.324, ¬: 0.611, -: 0.324, #: 0.405
Group #10 -- *: 0.558, c: 0.504, :: 0.456, g: 0.795, S: 0.308, ^a: 0.352
Log likelihood = -107.032 Significance = 0.000

Run # 61, 33 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.682
Group # 1 -- h: 0.517, w: 0.484
Group # 4 -- i: 0.493, e: 0.579
Group # 5 -- p: 0.444, F: 0.593, j: 0.556, T: 0.824
Group # 6 -- +: 0.522, ?: 0.505, ¬: 0.490, -: 0.258, #: 0.543
Group # 7 -- C: 0.629, t: 0.146
Log likelihood = -92.999 Significance = 0.408

Cut Group # 1 with factors hw

----- Level # 4 -----

Run # 62, 46 cells:
Convergence at Iteration 10
Input 0.684
Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.620, j: 0.457, T: 0.807
Group # 6 -- +: 0.516, ?: 0.620, ¬: 0.468, -: 0.240, #: 0.452
Group # 7 -- C: 0.641, t: 0.125
Group #10 -- *: 0.687, c: 0.475, :: 0.448, g: 0.654, S: 0.148, ^a: 0.371
Log likelihood = -90.635 Significance = 0.663

Run # 63, 32 cells:
Convergence at Iteration 15
Input 0.679
Group # 4 -- i: 0.493, e: 0.573
Group # 6 -- +: 0.524, ?: 0.588, ¬: 0.451, -: 0.231, #: 0.405
Group # 7 -- C: 0.643, t: 0.122
Group #10 -- *: 0.680, c: 0.488, :: 0.441, g: 0.641, S: 0.155, ^a: 0.391
Log likelihood = -92.950 Significance = 0.188

Run # 64, 33 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.683
Group # 4 -- i: 0.487, e: 0.634
Group # 5 -- p: 0.436, F: 0.628, j: 0.488, T: 0.815
Group # 7 -- C: 0.635, t: 0.136
Group #10 -- *: 0.675, c: 0.470, :: 0.451, g: 0.686, S: 0.155, ^a: 0.391
Log likelihood = -91.933 Significance = 0.596

Run # 65, 40 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.674

Group # 4 -- i: 0.485, e: 0.662
Group # 5 -- p: 0.425, F: 0.669, j: 0.464, T: 0.794
Group # 6 -- +: 0.523, ?: 0.308, ⇝: 0.606, -: 0.333, #: 0.380
Group #10 -- *: 0.556, c: 0.507, ∴: 0.454, g: 0.783, S: 0.295, ^a: 0.379
Log likelihood = -107.245 Significance = 0.000

Run # 66, 25 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.682
Group # 4 -- i: 0.493, e: 0.571
Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.597, j: 0.562, T: 0.829
Group # 6 -- +: 0.523, ?: 0.495, ⇝: 0.488, -: 0.264, #: 0.529
Group # 7 -- C: 0.629, t: 0.146
Log likelihood = -93.054 Significance = 0.419

Cut Group # 4 with factors ie

----- Level # 3 -----

Run # 67, 26 cells:
Convergence at Iteration 10
Input 0.679
Group # 6 -- +: 0.520, ?: 0.637, ⇝: 0.444, -: 0.226, #: 0.399
Group # 7 -- C: 0.644, t: 0.121
Group #10 -- *: 0.680, c: 0.488, ∴: 0.442, g: 0.638, S: 0.160, ^a: 0.389
Log likelihood = -93.006 Significance = 0.194

Run # 68, 27 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.683
Group # 5 -- p: 0.436, F: 0.621, j: 0.482, T: 0.829
Group # 7 -- C: 0.632, t: 0.141
Group #10 -- *: 0.662, c: 0.483, ∴: 0.447, g: 0.678, S: 0.194, ^a: 0.382
Log likelihood = -92.329 Significance = 0.496

Run # 69, 34 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.673
Group # 5 -- p: 0.427, F: 0.663, j: 0.458, T: 0.796
Group # 6 -- +: 0.515, ?: 0.408, ⇝: 0.591, -: 0.319, #: 0.365
Group #10 -- *: 0.556, c: 0.507, ∴: 0.455, g: 0.778, S: 0.319, ^a: 0.375
Log likelihood = -107.688 Significance = 0.000

Run # 70, 21 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.682
Group # 5 -- p: 0.442, F: 0.594, j: 0.559, T: 0.832
Group # 6 -- +: 0.519, ?: 0.544, ⇝: 0.481, -: 0.259, #: 0.522
Group # 7 -- C: 0.630, t: 0.145
Log likelihood = -93.114 Significance = 0.429

Cut Group # 6 with factors +?¬-#

----- Level # 2 -----

Run # 71, 10 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.676

Group # 7 -- C: 0.633, t: 0.139

Group #10 -- *: 0.655, c: 0.494, :: 0.442, g: 0.661, S: 0.218, ^a: 0.398

Log likelihood = -95.093 Significance = 0.145

Run # 72, 17 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.672

Group # 5 -- p: 0.426, F: 0.664, j: 0.471, T: 0.800

Group #10 -- *: 0.558, c: 0.494, :: 0.460, g: 0.793, S: 0.288, ^a: 0.407

Log likelihood = -108.977 Significance = 0.000

Run # 73, 8 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.680

Group # 5 -- p: 0.440, F: 0.597, j: 0.576, T: 0.843

Group # 7 -- C: 0.625, t: 0.153

Log likelihood = -94.474 Significance = 0.509

Cut Group # 10 with factors *c;gS^a

----- Level # 1 -----

Run # 74, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.672

Group # 7 -- C: 0.626, t: 0.152

Log likelihood = -97.103 Significance = 0.162

Run # 75, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.667

Group # 5 -- p: 0.430, F: 0.652, j: 0.499, T: 0.799

Log likelihood = -110.670 Significance = 0.000

Cut Group # 5 with factors pFjT

----- Level # 0 -----

Run # 76, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.657

Log likelihood = -114.420 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 8 3 9 2 1 4 6 10 5

Best stepping up run: #8

Best stepping down run: #74